

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**A INVENÇÃO QUE LEVOU A OUTROS LUGARES (E
DAS DESCOBERTAS DE UM ESPAÇO DE
FORMAÇÃO DE PROFESSORES)**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Alice Copetti Dalmaso

**Santa Maria, RS, Brasil
2013**

**A INVENÇÃO QUE LEVOU A OUTROS LUGARES (E DAS
DESCOBERTAS DE UM ESPAÇO DE FORMAÇÃO DE
PROFESSORES)**

por

Alice Copetti Dalmaso

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação, Linha Formação, Saberes e Desenvolvimento Profissional, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção de **Mestre em Educação**.

Orientador: Deisi Sangoi Freitas

**Santa Maria, RS, Brasil
2013**

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a Dissertação de Mestrado

**A INVENÇÃO QUE LEVOU A OUTROS LUGARES (E DAS
DESCOBERTAS DE UM ESPAÇO DE FORMAÇÃO DE
PROFESSORES)**

elaborada por

Alice Copetti Dalmaso

como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Educação

COMISSÃO EXAMINADORA:

Deisi Sangoi Freitas, Dr^a

(Presidente/Orientador)

Alexandre de Oliveira Henz, Dr. (UNIFESP)

Guilherme Carlos Corrêa, Dr. (UFSM)

Marilda Oliveira de Oliveira, Dr^a. (UFSM)

Santa Maria, 23 de janeiro de 2013.

Agradecimentos

Deisi, pelo acolhimento, confiança estabelecida, por me dar liberdade na pesquisa e segurança no olhar; Grupo Internexus, por me incitar o desejo de iniciar a trajetória; Francine, meu maior presente do mestrado, luz dos meus dias sombrios; Ao Gui, que me arrasta sem saber, para mundos desconhecidos e intocados; Leonardo, pela disponibilidade em oferecer sua biblioteca particular; Às crianças do Lar de Mirian, por terem me ensinado a completa entrega e leveza do brincar, do sorrir, da dor, da irremediável condição de se estar vivo; Carol (a mana), amizade que me fez descobrir o silêncio, a entrega da palavra cultivada e o dançar junto sem amarras; À Paty, presença viva, aos anos de cumplicidade e crescimento conjunto; À Priscila (Pity), pela intensidade no olhar, amor sentido mesmo a quilômetros de distância, o mais bonito encontro de um tempo descoberto. À Cris (Tiane), por me tirar do mundo teórico, me carregar pra vida lá fora e me ensinar a se perder; À Pati, Luíse, Lê, Joy, Thiago, Tigui, Cibele, Thaís, Cássia, Douglas, Josma, Cristiane, Larissa, Giséli, Tió, Paula, ET, Alexandre, Emília, Mumu, Mi e Camila, amigos que acompanharam com zelo a caminhada, o efeito do mestrado nas relações que íamos estabelecendo juntos, um coletivo de forças que me ensinou a amar de forma livre, rir o riso mais sincero, e desejá-los perto de mim com total emancipação do corpo: o encontro com cada um de vocês é o que faz tocar meu samba e que só vocês podem tocá-lo; Ao Pedro, pelo aprendizado do cultivo de uma relação de cuidado, carinho e maturidade; Silvana, pela grandiosidade de seus gestos de atenção e solidariedade, confiança e parceria da irmandade; Lúcia, força viva, pelo espaço que me oferece todos os dias, pela gargalhada mais gostosa e por ter me dado a coisa mais encantada da minha vida: Antônio; À este, pequeno sobrinho, que cultiva em mim a paciência do tempo, o embalo leve, o cantar baixinho, e desejo de amá-lo, cada dia mais. Meus pais, Tereza e Irineu, pelo aprendizado mútuo e sincero, que me encaminham e me conduzem a ser tocada pelo mundo e seus signos, aprendendo a ser um corpo sensível. À Marilda, Alexandre e Guilherme, pela generosidade das palavras e composições à primeira leitura do trabalho. Alunos da Ciências Biológicas, por terem me levado além, no desconhecido ensinar e aprender sobre a dificuldade e beleza de se estar no mundo.

*Isso de querer
ser exatamente aquilo
que a gente é
ainda vai
nos levar além
(Paulo Leminski)*

RESUMO

Projeto de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade Federal de Santa Maria

A INVENÇÃO QUE LEVOU A OUTROS LUGARES (E DAS DESCOBERTAS DE UM ESPAÇO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES)

AUTORA: ALICE COPETTI DALMASO
ORIENTADOR: DEISI SANGOI FREITAS

Este trabalho circunscreve-se a partir de experimentações vividas dentro de um espaço de formação inicial de professores, desenvolvido na Linha de Formação de Professores (LP1) do Programa de Pós-Graduação da UFSM. Estas experimentações foram pensadas e produzidas a partir do efeito das leituras que tratavam dos estudos no campo da cognição, particularmente da temática da invenção, de Virgínia Kastrup. Trazida pela autora como potência temporal, a invenção não se esgota numa solução de problemas, não submete o aprender a seus resultados, mas abre a possibilidade da continuidade da operação da cognição às experiências não-recognitivas e ao devir. Do encontro com a temática e do que ela suscitava, perguntas de como sentir a invenção dentro de um espaço formativo, surgiam. Assim, através de literatura, música e imagens, obscuramente, procurou-se experimentar outro tempo, outras formas de conhecer e de se relacionar na formação. Disso: a emergência e proliferação de sentidos durante estes encontros levou a pesquisa-escrita para outros meandros, deslocando a posição central que a invenção de Kastrup possuía inicialmente no trabalho, para conversar com a noção de encontro como acontecimento e ininterrupta individuação. Nas descrições das narrativas que compõe os momentos trazidos, e que toma a maior parte do trabalho, fez-se o esforço de uma escrita que mostrasse (e inventasse) as veias, linhas, composições possíveis e reais de um espaço em que diversas coisas se encontravam e desencontravam, suas durações e emergências. A produção dos dados, na construção em relatar os momentos vividos, tornou-se o principal labor da pesquisa. Dentro de signos, linguagens e gestos, a escrita se resumia na tentativa de expô-los, de um possível se mostrando em rostos e enunciados, no intento de desinvestir o caráter pessoal do acontecimento, engendrando uma pesquisa-escrita que denota a qualidade sensível do qual somos feitos. Dispor esse meio, fazer-se fluxo: movimento de dar voz para uma invenção que não é individualizada, mas sobretudo coletiva. Autores como Gilbert Simondon e Gabriel Tarde ajudaram para que esse esboço do múltiplo-comum - e que nos torna singulares no viver - tomasse um tanto de corpo desse trabalho. Liberar a multiplicidade desse eu que é outro (eu-outro) que deu tom aos encontros: não existem garantias, apenas tentativas, e o processo inacabado de pesquisa quis deixar à vista o ininterrupto movimento de um durar-se e mudar-se. O devir dessa pesquisa: efetuar a própria escrita como acontecimento, fazer coincidir ação e afeição, em seu ato. Devir implicado no desejo de dar consistência ao sentir coletivo, sem destaques da verdade da fala, mas fazendo agir a diferença que portamos, a singularidade que carregamos (inclusive a do pesquisador), inventando e efetuando mundos através desse sentir. A invenção nos lançou longe, e nos ocupou muito. Continuamos à deriva.

Palavras-chave: Formação de professores, invenção, individuação

ABSTRACT

Projeto de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade Federal de Santa Maria

THE INVENTION WHICH LED TO OTHER PLACES (AND OF THE DISCOVERIES OF A TEACHER'S EDUCATION SPACE)

AUTORA: ALICE COPETTI DALMASO
ORIENTADOR: DEISI SANGOI FREITAS

This work has been traced around a series of experimentations lived in the space of an initial teacher's education space, developed in the Training, Knowledge and Professional Development Line (*Linha de Formação, Saberes e Desenvolvimento Profissional - LPI*) within the Post-Graduation Degree Program at UFSM. These experimentations were thought up and produced out of readings concerning studies in the field of cognition, especially those under the topic of invention, by Virgínia Kastrup. Brought by the author as temporal potency, the invention is not limited to problem solving, it does not submit learning to its results, but rather it enables the continuity of the operation of cognition to non-recognitive experiences and to becoming. Upon meeting with the topic and all which it evoked, questions such as how to feel the invention in an educational space were raised. Thus, through literature, music and images, obscurely, there was a search to experiment another time, other forms of meeting/knowing and of relating during the educational process. Thus the emergency and proliferation of meanings during these meetings led the research/writing process to other meanders, shifting the central position which Kastrup's concept of invention occupied initially in the work to converse with the notion of a meeting as an event and ever ongoing individuation. Describing the narratives of the moments that compose most of the work's part, there has been a writing effort in the sense of showing (and inventing) the veins, lines and compositions, possible and real, of a space where various things converged and diverged, their durations and emergencies. The production of such data, during the construction of reporting the moments lived, became the main labor of this research. Through signs, languages and gestures, the writing process came down to an attempt to expose them, of a possible showing in faces and enunciations, with an intent to disinvest the personal aspect of the event, bringing out a research-writing process that denotes the sensible quality we are made of. To have those means, to make one flow: a movement to vocalize an invention which was not individualized, but above all collective. Authors such as Gilbert Simondon and Gabriel Tarde, then, helped so that such draft of multiple-common - and what makes us unique - would make up most of the work's body. To release the multiplicity of this "me" that is another (oneself/others) which set the tone to the meetings: there are no guarantees, only attempts, and the unfinished research process intended to make seen the uninterrupted movement of lasting and changing. The becoming of this research: make one's own writing as an event, to combine action and affection in its making. Becoming implicated with the desire of giving consistency to collective feeling, without highlights on the truth of what is said, but evidencing the change we own, the singularity we carry (including the researcher's), inventing and making worlds through that feeling. Invention has launched us far and has greatly occupied us. We remain adrift.

Keywords: Teacher's education, invention, individuation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
UM POUCO (TANTO) DO QUE SE TINHA.....	12
RECUO(S).....	17
DAS INSISTÊNCIAS E DESEJOS.....	20
CARTOGRAFIA (OU SOBRE O APRENDER A ESTAR ATENTO AO QUE NOS ACONTECE).....	26
TARDES DE QUARTAS-FEIRAS: TRAVESSIAS.....	37
Sapatos antigos.....	53
O silêncio quase eco.....	68
Olhares com/pelo/no(s) outro(s).....	92
CONVERSANDO COM A BANCA (E ALÉNS).....	114
BRUMAS, DESCONHECER ONDE VAI DAR.....	129
REFERÊNCIAS.....	136

INTRODUÇÃO

Apagar-se. Diluir-se. Esquecer-se num movimento de escrita, para tentar ser outro(s). Desobedecer, deixar que as coisas tomassem outros rumos para inventar um trabalho que não permite fechar-se em si mesmo. Um trabalho que trate de inventar-se, de fazer a pele sentir as coisas de outro jeito, estendendo seu perfil a ficar informe, plano, esperando que outros contornos a modifiquem, de novo. Inventar desejos, descobrir uma potência escondida, um resquício de possíveis, de diferenciações e singularidades. Resignificar marcas de um tempo constituído e sempre em constituição, que produz um corpo incessantemente outro. Deixar ouvir o que grita e, no inaudível som do mundo, compor linguagens variadas na descoberta de outros em nós.

O trabalho não intenta falar sobre formação de professores, mas tê-lo ele mesmo como descoberta de uma pesquisa-escrita, e que é do coletivo. Dos corpos que silenciam marcas, afugentam desassossegos, creem na exatidão e atravessam um deserto povoado de ideais; dos corpos que não navegam, não se experimentam, não se permitem esvaziar, lançar-se ao estranho; corpos que carregam sombras, sombras-fardos, cheios de melancolia, absortos no silêncio da vida, mas também corpos proliferantes, múltiplos e intensos. Nesses investimentos universais é que reside a pulsão de tantas outras coisas. Desejo de uma viagem de poucas paradas, fixações e territórios.

Quis tocar uma melodia e despertar coisas ainda não sentidas, textos, subtextos, linguagens não ainda percebidas. Escrevo ainda duvidando do que se efetivou, mas sem medos de fugir e voltar (voltar outra). Compartilhar melodias produzidas em conjunto, que tocam, pulsando mais forte em alguns e lentamente em outros. O que aparece no coletivo? O que implica viver e coexistirmos com o mundo? Tentou-se demarcar caminhos e movimentos que levassem aos encontros dessas perguntas.

Sob o tema da invenção, de Virgínia Kastrup (2007), traçaram-se modos, um “como” pensá-la dentro de um espaço de formação inicial de professores. Movimentos foram construídos com base em uma perspectiva inventiva da cognição e, através do olhar cartográfico, a pesquisa cambiava, construía-se em sua incerteza. Sob uma angústia marcante da formação do pesquisador, e outras afecções surgidas no caminho, produzia-se um coletivo de forças que podiam construir alguma coisa, qualquer coisa. Era o começo que se tinha, e com surpresa, foi mudando pelo caminho. O tempo, então, pode ser sentido de outras formas e processar-se enquanto escrita.

Sobretudo, traça-se um percurso. Não havia começos, mas procurei trazer, a partir da

experiência formativa e da vivência em sala de aula, o que poderia conversar com as insistências de uma formatação demasiada. A primeira parte deste trabalho, até onde inicio a contar os Encontros com futuros professores (em **Tardes de quartas-feiras: Travessias**), construía as linhas iniciais de uma pesquisa, do contato com saberes e conceitos. Kastrup caminhava comigo, logo de início. Optei em deixar acentuado o quanto isso me moveu e, por isso, após a qualificação de mestrado, decidi que mostraria estes caminhos construídos, com seus devidos vícios, desvios e intermitências. Os conceitos conjugavam comigo novas formas de querer estar no mundo. Isso era latente e procurei frisar ao longo do trabalho. Disso me ocupei e segui nele até o momento que a invenção de Kastrup não poderia me acompanhar em demasia. Passei a jogar com outras vozes, o que talvez tenha sobrecarregado a escrita de novas teorizações e impedido que outras coisas aparecessem. Ali iniciava o aprendizado, e que segue: o deixar-se mover sem amarras. Agora, movem-se também os problemas da pesquisa, permanecendo o desejo de aprender (e desaprender) na conjugação dos encontros do trabalho.

Dos escritos já traçados, trechos foram retirados e outros acrescentados. E o trabalho se efetiva particularmente dessas idas e vindas, no intento de esquecer algumas coisas e deixar que outras fossem acentuadas. A banca de qualificação foi hábil em me fazer deslizar de novo pelos Encontros, em sua ânsia de me ver circulando pelas coisas com menos peso, mais leveza e alegria. Por uma dessubjetivação, procurei operar assim, hoje mais certa que toda forma de fuga, dúvidas e contradições estejam ainda mais evidentes no trabalho.

Nos encontros com os alunos: deixei que algo se desse de inventivo e que a escrita agisse. Procurei atentar ao acontecimento, digressões, meios e movimentos. Mas também criei, divaguei: brinquei e descobri palavras. Quanto de verossímil? Quase tudo, posto que as narrativas do grupo tomavam quase por completo o espaço em branco. Isso também foi acentuado, mas não só. Acentuei olhares, vozes, cores, cheiros, modos, vi o que talvez não existisse, onde real e imaginário se misturavam desenhando um mapa livre, ainda que um mapa muito preso ao que, de fato, passava-se lá. Efeito da afetação do pesquisador com as vozes do trabalho, crendo, no entanto, que talvez isso pudesse ter sido mais acentuado ao longo do mesmo.

As referências específicas sobre cartografia, como método, ficaram em segundo plano. Não teorizei sobre isso. Embebida de outros conceitos, coloquei-a em seu caráter de individuação, o que de fato é. Não existia origem, somente um potencial a ser descoberto. Deixei que com o tempo, a escrita fosse ela mesma sendo movida pelo que me chegava. Assim, a angústia presente aqui e todas as emoções que ergui como dificuldades, passaram a

ser o tecido de outros encontros teóricos.

Para a descrição dos momentos com os alunos: não mudei, desde a primeira versão (qualificação), os trechos de livros escolhidos e mesmo aqueles que já haviam sido selecionados dos seus diários pessoais. Corrigi alguns erros dos diários, apenas para uma leitura que seguisse um curso, não no intento de colocá-los em um formato normativo de escrita. Estes elementos, acrescidos de suas falas em gravações de vídeo, foram colocados em *itálico*. A minha fala está com a deles, também em itálico. Mas, para narrá-las, utilizei da posição de terceira pessoa e com a grafia normal. Os nomes fictícios permanecem os mesmos, agora em maiúsculo. Meus *Blocos de pensamentos soltos* continuam nos finais de cada Encontro, carregados da Alice daquele tempo e que, invariavelmente, conversa com a de hoje. Optei em mostrar o que sentia para que o leitor pudesse jogar comigo das complicações da pesquisa, aflições e volições.

No capítulo **Conversando com a banca (e aléns)**, resolvi trazer pontuais colocações de Guilherme e Alexandre, realizadas na qualificação do mestrado. Selecionei o que acreditava que pudesse me lançar para outros escritos e mover outras coisas no trabalho. Nesse ponto, residia a angústia de uma “volta sobre si”, que a pesquisa precisava. Estava, novamente, tomada das bibliografias sugeridas, de seus apontamentos, e isso resultou num acentuamento de algumas considerações em detrimento de outras: da invenção ao encontro como acontecimento, do processo de individuação – dialogando com a duração de Bergson, já presente na primeira versão dos escritos -, do deslocamento da forma indivíduo para o coletivo, necessário e eminente, do caráter diferenciante que portamos e que é ele mesmo modos de existir.

De tudo, o trabalho fala de uma escrita-pesquisa que se deseja tocada, sentida, afetada. De uma escrita solúvel ao que nos constitui como vivo: à multiplicidade que carregamos e do perigo que não se quer mais correr quando se faz a defesa de entidades fixas e identidades prontas. Hoje, ele sabe do efeito que tem em quem o escreve. Ciente do trabalho como acontecimento, do desejo como construção, das efetuações de um sentir, de sua definição como um profundo atravessamento de afetos e emergência de múltiplos. E é assim que, com coragem ou não, permaneço no desejo: que estejamos dispostos a nos transformar numa direção desconhecida.

Deixar cada impressão, cada semente de um sentimento germinar por completo dentro de si, na escuridão do indizível e do inconsciente, em um ponto inalcançável para o próprio entendimento, e esperar com profunda humildade e paciência a hora do nascimento de uma nova clareza: só isso se chama viver artisticamente, tanto na compreensão quanto na criação (RILKE, 2001, p. 36).

UM POUCO (TANTO) DO QUE SE TINHA

Foi necessária, gradual e lenta a atenção de olhar para um tempo simultâneo ao que se vive e que pudesse me ajudar na construção desse trabalho. É sempre um trajeto inesgotável, esse de abrir novos meandros sobre o que se viveu, na urgência de mudar a perspectiva de uma trajetória percorrida e fazer dela, acima de tudo, um modo alegre de viver. Não de encontrar a origem da justificava da pesquisa, porque ela se refez nas ondulações do caminho, no tateio inseguro, na soberba, no desinteresse, no desconhecido, e no que era conhecido demais. Fui desenhando os embates, frutificações, lentidões, velocidades, paralisias, movimentos de um processo, de inventar outro corpo que fala e que ouve. Assim, nas linhas da vida que insistem hoje em compor e se decompor, encontro comunicar o que se sentiu durante o percurso e que deu corpo à escrita, no compartilhamento de um aprender o desejo de aprender.

As marcas, ressignificadas, deram fôlego para o que teve início: um pouco de uma vida escolar, outro tanto da formação em Ciências Biológicas e muito daquilo que agrega e produz sentido ao longo da vida. Da formação de Bacharel, de redescobrir um tempo de vida instaurado no excesso de tarefas acadêmicas, de um tesão pouco presente no curso, marejos de um ser inerte, não potencializado, não conduzido e arrastado.

Na licenciatura, a expectativa de alguma coisa sem nome. A experimentação do espaço formativo era vaga, deixava espaços não preenchidos, lacunas pensadas como vazias, que não se enxergavam cheias, na espera de um outro que reconfigurasse os sentidos do “ofício” professoral. Formada – com todas as formas implicadas aí -, no ano corrente trabalhei numa escola da rede privada de ensino. Minha passagem pela escola, lecionando a disciplina de Ciências para turmas de quinta e sétima série foi fundamental para poder permanecer na ativação de um processo formativo, entender a desempenho tirana e autoritária que por vezes tomava em sala de aula. O enfrentamento de estar em sala de aula: os bons encontros, de sorriso solto e corpo leve, miúdos no mascaramento desse comportamento controlador e arrogante. Insistia o sentimento de impotência, misturado à

euforia quando as coisas “davam certo”, o embate com o aprender, com métodos de avaliação, estrutura fragmentada em horários, movimentos e gestos corporais dos alunos de fuga da sala de aula, entre outros aspectos limitadores e limitados do espaço/tempo escolar, e da própria docência.

Alguns meses depois, quando trabalhei em um projeto de educação ambiental, num abrigo de crianças e adolescentes, deparei-me com um quadro que me exigia de outra forma e que foi crucial para poder perceber meu despreparo em lidar com um entorno problemático. Dava aula para crianças de 6 a 12 anos, encontrando diariamente um quadro de exploração e violência inabituais. Naquele espaço, aprendia a estar inteira e aberta a eles, principalmente porque não precisavam se submeter a determinadas regras e limites. Eles que me mostravam como fluir. Alguns fugiam ou negavam qualquer contato comigo e com os outros colegas; sentiam aversão ao toque e recusavam trabalhos em grupo que lhes exigissem minimamente pegar as mãos uns dos outros; outros tantos, extremamente afetivos e receptivos, juntos, criavam um mosaico de inscrições corporais. O cuidado individual e a melhor forma de trabalhar com eles foram surgindo com o tempo, na queda de sobrepeles costuradas e vestidas ao longo da vida.

Os problemas individuais das crianças eram recorrentes e tornavam-se públicos. A figura memorável: Jonas, garoto de pele morena, cabelos lisos, pretos, mas nitidamente com tons dourados queimado do sol, de olhos verdes e covinhas no rosto. Era rotulado como o pior de todos os meninos: hiperativo, agitado, violento e que percebia que esse rótulo era difundido pelas próprias crianças. Sempre saía antes dos nossos encontros, cansava rapidamente das coisas, não completava as atividades com os colegas e inventava histórias para conseguir ver-se livre daquilo que não gostava de fazer. Na sequência dos meses, libertou-se das máscaras que lhe eram impostas - e do qual ele devia dar conta – permitindo-se mostrar, aparecer de outra forma, ocupar os espaços dos momentos em grupo e habitá-lo, não como o revoltado (assim o chamavam), mas como a criança inteligente, perspicaz e criativa que era. No fim, Jonas foi quem me ajudava com os menores, que os ensinava que “se tu jogar os restos de lápis de cor na grama, aduba e ajuda a grama a crescer mais forte”; foi o bailarino protagonista do projeto de dança do Lar. Doce, determinado e espontâneo frente à vida.

Nessa trajetória, perdi crianças pelo caminho, quando eram adotadas ou saíam do abrigo para viver com algum familiar mais próximo. Outras tantas ingressavam no nosso grupo, abandonadas, fugidas. E a essa altura, não importava tanto o conteúdo programático do projeto em questão e, com o decorrer dele, eu realmente fui deixando isso de lado.

Detive-me em não ser mais uma pessoa em suas vidas a lhes causar desafetos. A generosidade delas em sorrir suscitava o desejo de expansão de vida. Ensinavam-me sobre as reconfigurações do viver, a inocência no desconhecimento do outro, a ludicidade nos gestos.

Foi nesse momento da vida, de um bonito encontro, que me encontrei com a temática da invenção, a qual conversava com o que se vivia. Atravessei esse rio, afluentes que compõem um relevo de marcas, para produzir outras, poder avançar e seguir (e cem vezes, voltar) durante essa escrita.

* * *

Virgínia Kastrup (2000; 2003; 2004; 2005; 2007; 2011) e seu universo de problematizações que giram em torno da invenção passaram a ser meu objeto de estudo na época. Comecei a procurar a produção de Kastrup e, depois, a esboçar o que se tornaria meu anteprojeto de pesquisa para a seleção no mestrado em 2010 do PPGE da UFSM, na linha de pesquisa Formação, Saberes e Desenvolvimento Profissional. A temática, complexa e ampla, remexia no vivido em sala de aula e nos espaços da universidade, suscitando uma mistura de admiração e angústia pelo entendimento das teorizações um tanto difíceis de Virgínia, da pertinência da perspectiva inventiva da cognição, seu enfoque na aprendizagem e, conseqüentemente, em novas maneiras de estar no mundo.

Na composição das linhas que se entrelaçam para se chegar efetivamente ao tema da pesquisa, fiz questão de trazer os caminhos que me levavam aos nós de intersecção de conceitos e produção dos encontros num espaço de formação de professores. Foi Kastrup que me encaminhou às tantas vozes com quem me relatei no trabalho e no que queria abordar de início: a relação entre a invenção, a produção de subjetividades e a formação de professores. Na maior parte do trabalho, fiz questão de trazer o quanto o contato com o campo filosófico era obscuro e incerto, acentuando o quanto me era extremamente difícil. E, de um movimento de vai e vem que fiz com as leituras, fui produzindo sempre novos encontros com os mesmos escritos.

De acordo com Kastrup (2007), invenção é problematização: é certa abertura, indeterminismo e inacabamento das operações cognitivas. Foi em seus estudos epistemológicos da cognição que ela traçou a perspectiva de uma psicologia da invenção como algo inexistente. Com seu olhar na atualidade, e saindo do âmbito do discurso

psicológico vigente, que a invenção apareceu em seu caráter problemático (sob diversas formulações, ela aparece em estudos de Ilya Prigogine, Isabel Stengers, Gilles Deleuze e Félix Guattari, Henri Bergson, Frederich Nietzsche, entre outros) e que é possível constatar a ausência de seu tratamento pela psicologia. Determinada por seu projeto epistemológico - o qual se encontra enraizado na modernidade -, a psicologia atual entende a cognição como espaço de representação, ou seja, concebida unicamente como espaço intermediário entre sujeito e objeto, já pré-dados. O conhecimento situa-se entre dois pólos, não só distintos, mas separados, “sem que seja considerada a possibilidade de produção de efeitos recíprocos” (p. 50). Ele não produz nada dessa relação, apenas representa, reconhece (o objeto está pronto, acabado, e eu – através de uma cognição invariante, funcionando dentro de leis científicas universais e invariantes – o reconheço). Se a cognição invaria, explica Kastrup, a invenção torna-se um problema inexistente, pois o sistema cognitivo não está sujeito a surpresas, abalos, transformações, fenômenos nos quais a invenção é possível.

No entanto, para compreender melhor a determinação desse projeto epistemológico, Kastrup deteve-se em explicar a própria constituição da modernidade. Conforme ela, e sua análise sustentada em Foucault, a psicologia cognitiva (bem como toda ciência moderna) configurou e efetivou seu projeto no desenvolvimento apoiado em uma das vertentes da modernidade: a analítica da verdade. Vertente onde se situam as “filosofias pós-kantianas que trabalham sobre o tema do conhecimento, considerando a existência de limites que não podem ser ultrapassados” (2007, p. 22). A partir das teses de Augusto Comte, estabelece-se o discurso científico, onde a filosofia cederá lugar à ciência. A busca pelo conhecimento dito verdadeiro se confunde com o emprego dos procedimentos e dos métodos científicos: tais conhecimentos só podem ser considerados reais a partir da observação de fatos observáveis e que, ainda, devem ser articulados a uma teoria que se combine ao observado, estabeleça o conhecimento de suas relações. Kastrup afirma que o movimento instituído pela analítica da verdade é o mesmo que operou de forma direta na constituição da psicologia cognitiva. A mesma, buscando as *condições* da cognição, institucionalizou a orientação da ciência moderna, entendendo a cognição como invariante, protegida dos efeitos da prática cognitiva, acrescentando a ela limites inultrapassáveis. O que escapava desses limites, que ultrapassava ao campo dos invariantes e que apontava para o funcionamento de outras vias da cognição, surge como um resíduo, algo recalcado, esquecido pela psicologia. É essa dimensão temporal - o *resto* da constituição da psicologia cognitiva explicitada - que Kastrup procura trazer para que a invenção surja.

Na ontologia do presente, a outra vertente da modernidade, Kastrup buscou a crítica

de todas as categorias que não variam, aplicando o tempo a elas. O tempo configura-se, então, como algo que constitui a substância mesma do real e que, nesse caso, “é sempre passível de transformação, de redefinição e de ultrapassamento de seus limites” (Kastrup, 2007, p. 22). No ultrapassamento desses limites, nas outras formas de conhecer, é que a invenção pode criar territórios.

Ultrapassa-se o cognitivismo e deseja-se desconstruir a concepção exclusiva da cognição como uma relação entre um sujeito e um objeto, constituindo um espaço de representação (reconhecimento, portanto). Dessa forma, não se trata mais de perguntar como a cognição põe em relação sujeito e objeto, mas como, do exercício de uma cognição inventiva, surgem sujeito e objeto: organismo cognoscente e meio que se dá a conhecer não são dados previamente ao processo cognitivo, pelo contrário, estruturam-se mutuamente, inventando-se mutuamente (KASTRUP, 2007). Tem-se aí uma cognição que é intrinsecamente inventiva – em suas condições de possibilidade, transformação, processualidade - e também inventada, pois invenção é dar lugar a novas formas, novas e imprevisíveis.

Na perspectiva de uma cognição inventiva e inventada podemos falar da produção de novas subjetividades. Do processo de inventar e do invento, nós temos o conceito de produção de subjetividades e de seu produto: somos o invento de nós mesmos. Chamava-me atenção, à época dos primeiros encontros com a autora, a idéia de subjetividades que encarnam o funcionamento inventivo quando operam através de uma política inventiva, exercitando a problematização, afetando-se pela novidade trazida pela experiência presente e tomando o conhecimento como invenção de si e do mundo. Da mesma forma a nossa relação com o aprender: fazer a cognição diferenciar-se permanentemente de si, não submetendo a aprendizagem a seus resultados, mas abrindo a possibilidade da continuidade da operação da cognição às experiências não-recognitivas e ao devir. Entretanto, como acrescenta a autora, o desafio de operar por um política inventiva é “conceber práticas que viabilizem o desencadeamento de processos de problematização que não se esgotem ao encontrar uma solução” (KASTRUP, 2005, p.1282). Fica claro esse desejo de inventar enquanto política, vivendo numa relação com o mundo em que ele não está pré-estabelecido, mas que inventamos ao viver, lidando com o que nos chega e nos atinge. Isso é produção de si, produção de um mundo, produção de novas formas efetivas de conhecer e de viver e, portanto, de subjetividades.

Era esse meu foco: uma invenção como algo a ser produzido, desencadeado, operado como política. O que saiu daí?

RECUO(S)

Explico de forma breve o que Kastrup conceitua como invenção apenas no interesse do acompanhamento da trajetória da pesquisa, nos registros que fui fazendo desde o ingresso no mestrado, em 2010. E nesse sentido, de seguir um caminho que me ajudou (e, particularmente, ocupava grande parte da efetuação da pesquisa), optei em contar sobre os primeiros encontros com os escritos de Virgínia Kastrup e que fazem referência a uma aprendizagem da atenção, na perspectiva de uma cognição inventiva. Recuo um pouco no tempo.

Foi no contato com alguns artigos que possuía em mãos, que depois de algum tempo levaram-me ao seu livro¹: denso, o qual percorri e estudei algumas vezes. Também a leitura dos artigos não foi fácil. Entretanto, foi do estranhamento com o tema e da inquietação que ele produzia que basicamente ia constituindo a pesquisa. Para poder construí-la e, minimamente, produzir “alguma coisa” neste contexto, achei necessário compartilhar o enfoque da aprendizagem inventiva e a questão da atenção.

A autora traz um novo entendimento de aprendizagem e de uma relação com o aprender, quando pensada não apenas como um processo de solução de problemas - que influi diretamente na capacidade do aluno prestar atenção para a realização de tarefas em sala de aula -, mas também como invenção de problemas, invenção de novas relações e novos modos de vida. A perspectiva cognitiva da invenção de problemas implica um constante movimento de problematização, de afetar-se pela novidade e pela surpresa, implicando uma cognição que não se esgota na simples repetição e na procura de soluções de hipóteses pré-concebidas. A cognição, assim, se potencializa na possibilidade e capacidade do humano de problematizar e, na sua atividade inventiva, eliminar o determinismo que a reconhecimento impõe. A aprendizagem a partir da invenção abre espaço para a produção de novas subjetividades, reconfigurações do mundo, sendo, portanto, interna ao aluno, e não externa a ele.

Quando Kastrup se põe a trazer o problema da invenção no âmbito das práticas pedagógicas, dá destaque para a gestão da atenção na escola, em que a captura pela atenção do aluno tem sido tema recorrente dentro da atmosfera escolar. Ao que comumente referimos como aprendizagem escolar, é uma perspectiva que, na maioria das vezes, concebe a atenção em sala de aula de forma binária: ou se tem atenção ou não se tem. Nessa concepção, a

1 KASTRUP, Virgínia. A invenção de si e do mundo: Uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. 256 p.

atenção deve estar voltada para um objeto (e saberes) fora de si para que possa haver uma possível aprendizagem: o “não prestar atenção” dos alunos está diretamente ligado à não aprendizagem de um conteúdo específico.

Segundo Kastrup (2004, p.8), “o que prevalece neste domínio é o entendimento da cognição como processo de solução de problemas, e no que diz respeito à atenção, a ênfase recai sobre seu papel no controle do comportamento e na realização de tarefas”. Nesse contexto, a falha da criança no trato com as informações externas que lhe chegam é considerada um sinal de pouca atenção e baixa capacidade de concentração: “tendo em vista que a noção de cognição é restrita à solução de problemas e que a proposta clínica é declaradamente adaptativa, a questão é como restabelecer a capacidade de prestar atenção, ou seja, como promover a aprendizagem de uma atenção necessária à realização de tarefas” (2004, p. 8). Sob esta ótica, não soa estranha a quantidade de crianças (e adultos) diagnosticadas com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) por apresentarem comportamentos hiperativos, impulsividade e problemas de desatenção. Administrados com medicamentos, o problema parece estar solucionado.

Era novo para mim essa perspectiva do aprender como processo inconcluso, aberto, dinâmico e incerto. Aprender é, sobretudo, inventar problemas, é experiência de problematização. Neste tipo de experiência, faculdades mentais como sensibilidade, memória, imaginação e atenção divergem, atuam em caminhos diferentes, estranham-se e incitam o movimento do aprender. Ampliava-se o conceito de atenção, situada no ato de prestar atenção a tarefas, objetos ou situações externas, para uma atenção que se constitui variável, modulada, que desliza do foco para outros campos, podendo ser um ato de encontro com experiências pré-simbólicas e de invenção de problemas (KASTRUP, 2000; DENARDIN e SORDI, 2007).

Mas vamos além. Quando a autora se refere a estas experiências de problematização, - que chama igualmente de experiências de estranhamento – afirma que estas se revelam através de *breakdowns* (Varela 1992 apud KASTRUP, 2007) que, por sua vez, constituem perturbações, rupturas no fluxo cognitivo habitual, certa descontinuidade no processo cognitivo. Trata-se

de uma atividade caótica, de oscilações sinápticas muito rápidas, que precedem a formação dos agregados funcionais de neurônios, correlatos à estabilização da experiência (percepção, hábito etc.), e que respondem pela recongnição, ou como prefere Varela, pelos estados de prontidão cognitiva (KASTRUP, 2007, p. 151).

É um movimento que potencializa o nascimento do novo, compondo um diálogo entre uma situação específica vivida e a capacidade do sujeito exercer ações apropriadas “que respondem pelos estados de prontidão cognitiva”. Esta noção de *breakdown* procura mostrar o enraizamento da cognição no concreto, desconstruindo seu funcionamento apenas do ponto de vista da lógica, dos mecanismos gerais previsíveis e em equilíbrio, da representação. *Breakdown* percebido como problematização cognitiva é realização de uma atividade que acontece no presente imediato e é nesse presente que o concreto vive, na ação, na vida prática, sempre, portanto, inventando-se.

Essa espécie de hesitação que constitui o *breakdown* é o que foge dos esquemas recognitivos:

Tomo como exemplo a experiência, bastante comum, embora não banal, de alguém que retorna, anos mais tarde, à casa onde morou durante a infância. Não raro, tem lugar então uma experiência cognitiva que não é mero reconhecimento. O reconhecimento mistura-se a um estranhamento acerca das dimensões da casa. O imenso quintal lhe parece agora um pequeno pátio, a antiga escada não passa de alguns degraus, o portão, embora o mesmo, revela-se outro. A perplexidade experimentada suscita, e mesmo impõe, a invenção de uma outra cognição da casa. Eis um exemplo de uma experiência em que a cognição funciona como problematização dos esquemas da cognição. O que a distingue é o fato de referir-se a algo que tem o paradoxal estatuto de familiar e, ao mesmo tempo, estranho. Por isso, é um tipo de experiência de problematização: intriga, faz pensar, força a invenção (KASTRUP, 2007, p. 69).

A experiência de um mergulho no vivido é a existência de uma atenção que não se confunde com aquela com que nós realizamos nossas atividades da vida cotidiana. É uma oscilação natural, independente de um esforço consciente e que permite ao sujeito uma volta à experiência, “impregnado de lembranças que atuam no momento atual, possibilitando-lhe uma vivência de conexão entre passado e presente, desde onde se torna possível a invenção.” (SORDI e DE-NARDIN, 2009, p. 84).

A distração - corriqueiramente tão indesejada no meio escolar quando nos pegamos afirmando que “o aluno é distraído, não presta atenção nas aulas” - é justamente esse vaguear da atenção, onde ele experimenta uma errância que vai na direção de um campo mais amplo. E por isso, no contato com essa perspectiva do aprender, era-me inevitável não voltar à sala de aula, oscilando entre o desejo de estar lá de novo e fazer diferente do que tinha feito até então, e correr, para bem longe de qualquer instituição de ensino, acreditando não saber lidar com a potência inventiva de qualquer ente. Voltava a figura de Jonas que, em sua condição de vida paupérrima, de problemas aparentemente irreparáveis, constantemente inventava a si e ao seu mundo. Martelavam indagações de como se poderia ampliar essa

potência infantil que tanto inventa, que se reinventa e que nós, já inseridos numa zona recognitiva e determinada, limitávamos. E por que então não falar disso com futuros professores? Criar espaços de discussão onde poderia colocá-los frente a esta temática (e que, portanto, modificaria suas compreensões de invenção e aprendizagem)?

Fugi disso, mas não só. Fugi de um falar sobre, do dizer a alguém o que se devia fazer e como fazer uma possível aprendizagem inventiva, porque estava tão inserida nisso que facilmente teorizava a aprendizagem inventiva como um modo de aprender. Apresentava-se claro que não estaríamos a potencializar o inventivo em nós e neles, mas sim ratificando, lidando com a representação, respondendo perguntas, embates, dificuldade de um “fazer como”. Aí já se instalavam as contradições, percebidas algum tempo depois ao colocar a invenção como algo **a ser feito, instigado, induzido**. Contudo, as contradições moveram a pesquisa: persistia a ânsia em continuar a encontrar formas de saber o que era afinal essa tal de invenção e o que fazer com ela numa pesquisa de mestrado em educação.

DAS INSISTÊNCIAS E DESEJOS

Considerei legítima a incomodação de um corpo que não se fazia em movimento já há algum tempo. Precisei desse contato, no mergulhar e afundar-se de conceitos que em sua maioria não eram entendidos, mas tocados, na potência do que moviam em mim, enquanto força, que fui inventando o trabalho. Ele suscitava dúvidas, problemas que me acompanhavam e ia dizendo muito do que, naquele instante, foi importante no processo. O que é invenção? Que possibilidades ela tem de efetuar-se num espaço formativo? Eu experimentei processos inventivos na formação, na vida escolar?

Havia silenciado. Um desconforto na inexistência de imagens de um tempo, que se fez ausente. Muito de um corpo inscrito numa zona inerte, pouco sentido, que durante grande parte da vida deu conta da obrigatoriedade escolar, acadêmica e moral. Dessa palpação outrora ofegante, de um eco inaudível, que Kastrup suscitou o desejo² de afirmar a importância da invenção nos espaços formativos e levantar a bandeira de uma política inventiva e não-recognitiva. Acreditava que na formação de professores não funcionava mais a reprodução de discursos de consciência crítica e de adaptação a um mundo pré-existente e de que se faziam necessários processos de perturbação da objetividade, da racionalidade,

2 “Eu proporia denominar desejo a todas as formas de vontade de viver, de vontade de criar, de vontade de amar, de vontade de inventar uma outra sociedade, outra percepção do mundo, outros sistemas de valores” (GUATTARI E ROLNIK, 2005, p. 260). Trata-se do modo de produção de algo, o desejo de um processo de construção e elaboração de um devir inventivo.

provocando espaços de expressão, de experimentação.

Considerarei importante a ressalva desse posicionamento no passado. Não se tratava de levantar bandeiras³. Foi dessa defesa que se fez um corpo hierárquico, de postura ascética, que impediu um desprender-se, de justamente se colocar aberta em todo caráter problemático e diferenciante do trabalho. Naquele tempo, talvez tivesse sido necessário prender-me nisso para tentar outra coisa, “alguma coisa” que em mim já estava obsoleta. Agora, entretanto, esclareço o que norteava a pesquisa quando a iniciei e, dos encontros produzidos, como ela ressoa e que caminho vem traçando.

Por isso, algumas questões iniciais me conduziram e me fizeram caminhar, mesmo que as ondulações produzissem outras vias de pensamento. Foi no encontro com a temática do *Breakdown* e de suas extensões que passei a pensar o movimento de provocação com os futuros professores. Permaneci com as perguntas que me motivaram e potencializaram meu encontro com a temática de início: Que problematizações permitem o processo da cognição inventiva? O que pode o espaço formativo que permita uma atenção necessária à invenção (experiências de *breakdown* que invente novas formas de ser e estar no mundo, de produção de subjetividades)? Como abrir campo para experiências de uma atenção necessária à invenção (abertura ao desconhecido, relação consigo mesmo e invenção de si e do mundo)? Eram questionamentos que me empurravam para uma zona teórica que gerava pânico e desconhecimento, que exigia (e exige) a construção de um outro corpo. Busquei isso e, dessa busca, queria que os outros também tivessem abertura no que procurava incorporar. Nesse caminho, a escrita foi me colocando na paisagem do que acontecia, chegando, emergindo. Nas linhas que me ajudaram a pensar o que fazer naquele espaço, outras inquietações surgiam.

* * *

Arrastar, levar-se. A violência de nos arrancarmos de uma zona confortável e nos tornarmos outros se dá no encontro com outros corpos⁴, no funcionamento resultante dos

3 “Para quem quer aprender, é necessário manter o movimento, não possuir terras, não defender bandeiras, não acumular nada que constitua um fardo.” (PREVE, 2010, p. 29)

4 Numa outra leitura hoje de corpo, permite-se mostrar o caráter de potência dos Encontros a partir da leitura espinosista, trazida por Deleuze. Aprendi mais com isso nos últimos meses do mestrado, onde me deixei levar sem tanto medo nas velocidades das composições que fui fazendo com o mundo. Trago aqui o que colabora no trabalho, sobre esse corpo: “De um lado, um corpo, por menor que seja, sempre comporta uma infinidade de partículas: são as relações de repouso e de movimento, de velocidades e de lentidões entre partículas que definem um corpo, a individualidade de um corpo. De outro lado, um corpo que afeta outros corpos, ou é

agenciamentos diversos que fazemos. Queria ser arrastada e, se fosse possível, arrastar. Na pretensão desse movimento, caso ele tivesse início num espaço de formação de professores, que ele se propagasse, ressoasse no tempo e produzisse qualquer coisa diferente daquilo que lhe deu início; ou apenas que ele durasse o necessário para arrastar. Guiei-me nessa vontade.

Éramos um grupo constituído de futuros professores do curso de licenciatura em Ciências Biológicas da UFSM, alunas do primeiro semestre de 2011 do mestrado em educação da mesma instituição (Eu, Francine e Lauren) e Deisi, nossa orientadora. Constituíamos um bloco de forças que daria continuidade a algo que Deisi já vinha produzindo com os estagiários dentro das disciplinas de Estágio Supervisionado (Ensino Fundamental I e II e do Ensino Médio I e II). Iríamos continuar ocupando um espaço formativo conjuntamente, onde as intervenções destinadas a ser de minha responsabilidade iriam se misturar e compor com as da Francine, da Lauren, e ao trabalho mais íntimo das orientações individuais e do uso do Diário da Prática Pedagógica que Deisi teria com os alunos.

Dentro da disciplina de Docência Orientada I do curso de mestrado tivemos que rascunhar nosso projeto, prematuramente. Trago essa palavra na impossibilidade de exprimir melhor o sentimento diante da invenção e do fato de, tão logo em início de semestre, ter de traçar o que daria origem ao que chamei aqui de Encontros. Acreditava “não estar pronta” para produzir qualquer coisa; particularmente com relação à sensação do desconhecimento de colocar a Invenção também num lugar, em sua materialização. Entretanto, passei a rabiscar o que poderia nos colocar em situação de experiências de contato com outras formas de pensar, que abalasse certa subjetividade constituída, com o objetivo de abrir um campo não representativo (e inventivo) de formação de professores, diferente do que havia experimentado. Que essa experiência pudesse ressoar também nas constituições de um fazer educativo diferente em sala de aula, quem sabe?

Nesse sentido, trago os pontos relevantes que deram vida às provocações pensadas. Todo esse processo de primeiro contato com as leituras, com uma escrita em forma de diário, ajudou na própria construção desse caminho, não linear, e que dá ensejo de fazer compreender as sensações vividas nos encontros. Considerei legítimo e permaneci com esses acentuados novamente no trabalho, dando forma ao processo.

* * *

Dentro do campo investigativo da invenção, Kastrup surge com os estudos da cognição em seu enfoque filosófico-epistemológico na área da experiência. Girando em torno dessas produções, particularmente no contato com o devir-consciente e experiência inventiva através da leitura – onde busca suporte nas contribuições de Francisco Varela – que passei a pensar os encontros com os estagiários. Varela, em conjunto com Natalie Depraz e Pierre Vermesch, criam o conceito de devir-consciente (posterior à criação do conceito de *breakdown*) o qual, como cita Kastrup, “tem lugar quando algo que nos habitava de modo implícito, difuso e virtual vem a aparecer no campo da experiência de modo explícito, claro e atual” (2005, p. 48). A proposta dos autores é estudar uma experiência singular, corporificada, individuada sem que, no entanto, ela seja apreendida do ponto de vista do seu conteúdo, pois se trata do ato de tornar consciente de modo claro e intuitivo algo que permanecia em nós de forma pré-reflexiva, afetiva e opaca. Tem-se aí o conhecimento de uma experiência em ato, que, ao mesmo tempo, muda e flui: “a questão é, então, como se pode vir, a saber, em primeira pessoa, como percebemos, nos lembramos, nos emocionamos” (p.48).

O ato do devir-consciente consiste num gesto de conhecimento de si sem análise ou reflexão. Um ato que ocorre em todos nós; no entanto, sua prática exige um treino específico e disciplinado:

Trata-se de práticas de presença a si que envolvem uma suspensão da atitude natural e uma aprendizagem da atenção que possui dois movimentos: a redireção da atenção do mundo externo para o mundo interno e a mudança na qualidade da atenção, com o intuito de transformar uma atenção que busca em uma atenção aberta e não focalizada – a atenção *do letting-go*, do *lâcher-prise*, do deixar vir. Em outras palavras, visa transformar uma atenção que busca em uma atenção que encontra (KASTRUP, 2005, p.49).

Não me detive em analisar o ciclo básico do devir-consciente que Kastrup busca no campo da fenomenologia, como sendo esse movimento de gênese da experiência, do tornar-se ciente de algo⁵. Trouxe mesmo para incitá-lo a pensar de onde eu partia, costurava as idéias, onde elas se inseriam e quanto poderia lançar-me para outras vias de pensamento.

Mais especificamente nos escritos que circulavam em torno do devir-consciente a

5 A própria autora salienta que o devir-consciente é distinto da noção de devir de Deleuze e Guattari. Para esses, o devir atinge o plano do inconsciente, no qual as subjetividades se constituem e descontinuem, num fluxo maquínico. Esse devir procura dar conta de uma experiência que nos tira do plano das formas constituídas (subjetivas e objetivas) “ao plano pré-subjetivo e pré-objetivo de onde elas emergem” (KASTRUP, 2005, p. 53). Pensava na potencialidade das duas noções de devir, do agenciamento entre elas e do que delas se pode construir.

partir da leitura de textos literários (Kastrup, 2005; Cabral e Kastrup, 2006; 2009) que passei a encontrar meios de como experimentar um outro espaço e tempo formativos. Textos literários transformaram-se numa figura de potência problematizadora que, em sua prática, abrem campo para a experiência inventiva. Para encarar a leitura como estranhamento da subjetividade, no entanto, é preciso investir nesse processo de desconstruir a concepção de cognição unicamente como representação, em que a leitura habitualmente surge e efetua-se apenas enquanto compreensão e interpretação literal do texto.

Abertura com o que lemos e do que, a partir disso, nos move; as forças que estabelecemos com o texto e a fruição das mesmas. Que relação isso tem com o devir-consciente? Ou, em que medida essa relação de abertura e acolhimento com o texto, estranha e me transforma a ponto de abalar o que está constituído?

Na leitura de um texto, podemos experimentar uma suspensão do que a fenomenologia chama de “atitude natural” - nossa atitude usual de realizar julgamentos acerca do mundo externo. Em suspensão, o leitor direciona sua atenção para a experiência, para o que está ocorrendo no momento. Entregando-se à leitura, pode ocorrer uma surpresa estética, que leva a uma redireção da atenção do exterior para o interior, desencadeando uma relação consigo mesmo que não é reflexiva, que não pertence à dimensão recognitiva. Após a leitura ou mesmo em interrupções que podem ocorrer durante a própria leitura, coloca-se a necessidade de um tempo vazio. Nessa espera, há uma mudança na qualidade da atenção que acolhe. Se o leitor conseguir sustentar esse vazio sem preenchê-lo, permitindo que o texto ressoe nele, poderá ocorrer a evidência intuitiva, que completa a experiência de devir consciente. O acesso ao plano pré-reflexivo e a emergência de algo que nos habitava, mas que não tínhamos conhecimento e que, por isso, pode nos surpreender (CABRAL e KASTRUP, 2009, p. 290).

O ato de suspensão envolve uma quebra na recognição, o que anteriormente em meus escritos abordei como sendo o *breakdown* - as experiências de surpresa e estranhamento -, promovido pelo texto, redirecionando a atenção externa para uma atenção interna. O tempo vazio é o gesto de acolhimento, caracterizado por uma atenção que acolhe, aberto para “si mesmo” e para o mundo, receptivo e disposto ao que pode reverberar. São estas etapas em conjunto que promovem o que denominam de evidência intuitiva, onde alguma coisa que habitava em nós e do qual não tínhamos ciência, surge.

Esses movimentos de tornar-se ciente são momentos disruptivos da atenção. A mesma que acontecia com meus alunos, mas que eu não acolhia. Que acontece conosco, mas que também não acolhemos, porque distrair-se envolve acolher problemas, implicando certo desapego na crença de um “si” estabelecido, que nos protege e sossega.

O impasse estava justamente neste ponto. Era-me impossível construir uma metodologia, um “fazer como” nos encontros os quais pensava; porque abrir-se – pensava -

exigiria um longo cultivo, e não desejava “propor” aos alunos esse cultivo. Pensava em fazê-los experimentar, deixar sentir um corpo sensível. Da possibilidade de leitura de textos literários, produzir alguma coisa, mesmo sem garantias de coisa alguma. Mover perguntas, mais do que fornecer respostas. Tratava-se de compartilhar de momentos de atenção a si, de uma atenção que se passa no momento presente, no que acontece naquele instante, e que é dirigida à experiência.

O campo minado – lugar em que, curiosamente, sempre que retorno a ele é como se estivesse exposta a um solo coberto de minas terrestres, onde o menor movimento, passo em falso, gestos bruscos, espontâneos em demasia, ativam as minas - era o mesmo curso o qual cursei, a guerra pela qual atravessei. Com passos leves e sem querer pisar muito, procurava imaginar como seria levar literatura – algo que me habitava e ocupava – a alunos do curso de ciências biológicas. Obscuros, como tantas vezes já me referi, porque tocar a invenção é como um querer tatear algo que desconhecia, como um cego que acaba de perder a visão e que, por conta de ter somente experimentado demasiadamente o mundo através desse sentido, não sabe como agir diante do completo breu, do escuro contínuo que ele desconhece, mas que deseja aprender a conhecer.

Levar livros de diversos gêneros literários para o primeiro encontro - que ocorreriam sempre nas quartas-feiras à tarde – surgiu com as leituras de acolhimento e mais particularmente do devir consciente em rodas de poesia. Rendia-me à proposta de “utilizar a poesia para suscitar experiências de estranhamento e surpresa, para colocar o leitor em contato com sua dimensão pré-subjetiva e processual, aquém do indivíduo, promovendo um encontro com a alteridade que habita a subjetividade” (KASTRUP, 2005, p. 53).

Na roda, e com ajuda de coordenadores, Kastrup relata em um de seus artigos que a poesia era lida em voz alta e, dessa leitura, ao produzir experiência de estranhamento comentado ao grupo, outras experiências eram suscitadas, que extrapolavam o que era trazido pelo poema lido. A conversa que ia surgindo na roda fazia surgir um plano coletivo, onde falas de um grupo heterogêneo ampliavam a figura da cognição dada como algo individual. Falas que suscitavam outras falas, concorrendo para a emergência de outras experiências de devir-consciente. Kastrup nos encaminha a visualizar a questão da roda de leitura como uma figura da cognição coletiva e a prática do devir-consciente como prática de si, prática como transformação de si e de produção de subjetividade.

Em outro movimento, os relatos de oficinas literárias com crianças como espaços de prática de leitura em grupo e em voz alta, as quais permitem experimentar formas de ler distintas da leitura individual e silenciosa, reunindo num mesmo dispositivo (oficina) um

encontro com o livro, com as pessoas e consigo mesmo. Baseia-se em Deleuze e sua perspectiva da arte – particularmente a literatura - que porta seu caráter de problematização, por produzir experiências que transpõem e atravessam o vivido por um sujeito, sensações que, emergindo da linguagem, da palavra e da sintaxe, tocam o leitor através de sua ideia, afecção, singularidade e diferença (KASTRUP, S.d).

Dessas suas experimentações, pensei a proposta de um encontro com a leitura, mas não somente de poesia: juntei crônicas, prosas, contos, fragmentos de romances e fiz eles aglomerarem-se num espaço. Fixei-me na força da leitura em voz alta suscitar algo no outro (e nele mesmo), das experiências que, quando narradas, expandissem, resignificassem o texto lido de acordo com o que afeta, estranha. A cada fragmento de textos que selecionava de livros que haviam sido lidos outrora na vida, pensava se poderia afetá-los tanto quanto me afetava. E por aí segui.

CARTOGRAFIA (OU SOBRE O APRENDER A ESTAR ATENTO AO QUE NOS ACONTECE)

Mergulhada na cama coberta de livros, perguntava-me como tudo aquilo constituiria um processo inventivo e de como agiria diante das situações, como funcionaria, de que forma contribuiria na colocação de problemas ou da não solução dos que surgiriam. Como olhar para o que aconteceria lá? Pontualizar as possíveis rupturas individuais na reconhecimento, que pudessem surgir? Identificar um devir-consciente da leitura? Perceber a instalação de aflições que me prendiam a modos de ser, à obrigatoriedade da pesquisa, o quanto ela teria de utilidade, e pontualizar a invenção: esse era meu foco e esse foco me impedia de deixar que, de fato, a cartografia efetuasse suas configurações de devir durante a pesquisa.

O encontro com a cartografia também se deu através de Virgínia Kastrup e somente alguns meses depois, particularmente depois dos Encontros, fui procurar em outros autores a cartografia como construção de pesquisa (DELEUZE e GUATTARI, 1997; KIRST, 2003; RAMÃO et al, 2005; ROLNIK, 1993, 1996, 1997, 2006; ROMAGNOLI, 2009). Esse primeiro contato também girava em termos do funcionamento de uma *atenção* no trabalho de um cartógrafo, no campo do estudo da subjetividade. Kastrup a propunha como um método, o que acreditava exigir um *modus operandi* de como trabalhar minha atenção nas etapas iniciais do trabalho. Uma atenção que não se trataria de simples seleção de informações, numa possível coleta de dados, mas do desenvolvimento de uma atenção que

se faz “através da detecção de signos e forças circulantes, ou seja, de pontas do processo em curso” (KASTRUP, 2007, p. 15), pedindo uma concentração sem focalização.

Residia a dificuldade de encontro com o que se lia, de ativar uma atenção aberta, procurar desativar ou inibir apenas uma atenção seletiva, que frequentemente domina nosso funcionamento habitual. Não se tratava de adquirir uma competência clínica de análise, mas de ativar uma atenção diferenciada, onde tudo pode entrar na composição cartográfica: “matérias fluidas, forças tendenciais, linhas em movimento – bem como fragmentos dispersos nos circuitos folheados da memória” (2007, p. 21). Mesmo com uma ideia muito superficial sobre a atenção cartográfica, acentuei alguns aspectos que, na época, anotava num caderno como Bloco de Pensamentos Soltos: o cartógrafo não usa somente da audição, mas outras modalidades sensoriais, como visão; atenta às explorações que mobilizam a memória e a imaginação, o passado e o futuro, numa mistura difícil de discernir; rastreia, acompanha as mudanças de posição, velocidade, de aceleração, de ritmo; atenta para os ruídos indefinidos, interjeições, expressões faciais, sorrisos, signos de cumplicidade; abdica de qualquer teorização que engessa o corpo: “Informações, saberes e expectativas precisam ser deixadas na porta de entrada e o cartógrafo deve pautar-se, sobretudo, numa atenção sensível, para que possa, enfim, encontrar o que não conhecia, embora já estivesse ali, como virtualidade” (p. 21).

De toda forma, não funcionei com ela como uma metodologia, mas no intento de desenvolver um olhar diferenciado sobre o plano de efetuação do que se vivia, no lugar que tomava de aprender a observar como a pesquisa-escrita se efetivava. Não há uma sequência linear de caminhos a serem percorridos na pesquisa cartográfica, mas um modo de olhar as coisas, de um operar que implica intervir, estar implicado nisso, de estar atento ao que nos acontece. Tudo isso se tratava de estabelecer outra relação com o tempo. Isso me levou a Bergson que, mais adiante, ajudou no entendimento de outros conceitos.

* * *

*leite, leitura
 letras, literatura
 tudo o que passa,
 tudo o que dura
 tudo o que duramente passa
 tudo o que passageiramente dura
 tudo, tudo, tudo
 não passa de caricatura
 de você, minha amargura
 de ver que viver não tem cura
 (Paulo Leminski)*

Aparecia, com Bergson, a melhor definição do tempo como operador da invenção, utilizando do caráter ontológico do mesmo para explicar a cognição: ontologia do presente que se opõe à ontologia do dado, do real pré-formado e que entende esse presente como realização do possível. Se concebermos o presente como somente a realização do possível, como a realização das possibilidades que são dadas como pré-existindo, a criação é limitada ou inexistente. Isso vai de frente à concepção de real de Bergson, que se define por duração (KASTRUP, 2000, 2003).

A ontologia do presente pensa uma cognição onde seus limites podem ser transpostos. Para isso, Bergson exclui o caráter científico até então instituído ao tempo, como operador da inteligência, para introduzi-lo no ser e no pensamento. Duração são ações indivisíveis, vida interior que é variedade de qualidades, continuidade de momentos. Bergson se refere às limitações da ciência frente ao tempo, mas também diversas vezes se refere a uma estrutura do nosso entendimento, senso comum, como algo anterior à ciência, que juntos institucionalizaram formas intelectuais de pensamento. As ciências no geral tendem a negar a duração, já que se atêm à forma visível dos seres vivos, de seus órgãos, estruturas, cabendo-lhes a tarefa de analisar. Ao se tratar de um objeto em análise, consideramos as paradas virtuais no tempo, contando “somente um certo número de extremidades de intervalos ou de momentos” (BERGSON, 2005, p. 150). Mesmo quando nos relacionamos com o tempo que se desenrola ou que se desenrolará, tratamos-lhe como se já tivesse passado. Pensamos de alguma forma na medida da duração, e não na duração mesma. Desacolhemos o caráter de acontecimento, de intempestivo, de surpresa do tempo. Ciência e senso comum extraem matematicamente do mundo aquilo que é previsível e suscetível de se repetir e ser calculado e que, portanto, não dura. Mas o que dura, “que a ciência elimina, que é difícil de conceber e de exprimir, nós a sentimos e vivemos” (p. 151).

A estrutura do entendimento humano desvia o olhar da transição dos fenômenos. Quando falamos do tempo, corriqueiramente, pensamos e falamos na medida da duração e não na duração mesma:

Se insistimos, ele [entendimento humano] faz com que a mobilidade, apertada em intervalos cada vez menores à medida que aumenta o número de posições consideradas, recue, fuja, desapareça no infinitamente pequeno. Nada de mais natural, se a inteligência é destinada sobretudo a preparar e aclarar nossas ações sobre as coisas. Nossa ação apenas se exerce comodamente sobre pontos fixos, é, então, a fixidez que nossa inteligência busca; ela se pergunta onde o móvel está, onde o móvel estará, onde o móvel passa (BERGSON, 2005, p. 152).

Vamos reduzindo o movimento infinitamente a intervalos cada vez menores, “nada mais natural, se a inteligência é destinada sobretudo a preparar e aclarar nossas ações sobre as coisas”. Mobilidades reais ou possíveis: é a isso que nos relacionamos com as coisas e com nós mesmos. Para além, acabamos expressando a duração sempre em termos da extensão, ou seja, de espaço, fazendo com que nossa linguagem coincida estes dois termos. Linguagem que desempenha um papel decisivo para fazer com que tempo e espaço sejam tratados como algo do mesmo gênero. E como representamos isso na vida? Percebemo-nos como um ente estável (e que *precisa* se manter estável), que tem por função suportar os estados e as qualidades que se sucedem. Se a variação que nos é imposta é forte em excesso, convencemo-nos que o estado ao qual nos relacionávamos cedeu lugar a outro, que por sua vez não variará. Ou seja, nossos hábitos, maneiras de falar, pensar, perceber o mundo parecem estar soldados a essa imutabilidade e imobilidade das coisas. Objetivamos a vida, a transformamos em algo imutável e imóvel, justapomos estados e negamos a realidade mesma, sua duração. No entanto, a vida é indivisível enquanto duração pura.

* * *

*A missanga, todas a veem.
Ninguém nota o fio que, em colar vistoso, vai compondo as missangas.
Também assim é a voz do poeta: um fio de silêncio costurando o tempo.
(Mia Couto)*

Fugir da representação intelectual do movimento implica um esforço em desviar-se da inteligência que busca conforto, fixidez, para um esforço em termos a mobilidade em sua essência, deixando de pensá-la como a composição de posições do que se move. “Como,

entretanto, não ver que a essência da duração está em fluir, e que com o estável acoplado ao estável não se fará jamais algo que dure?” (BERGSON, 2005, p.154). Tempo que dura, mobilidade ao movimento, vida real que muda, fluxo. Continuidade de intensidades que mudam, a mudança ela mesma, e não estados justapostos. O real, o presente, não se apresentam por estados; ao contrário, o real para Bergson é a própria continuidade da transição, o fluxo. Uma mudança entendida como um *acidente* que se acrescentaria à estabilidade? Esse é o foco da nossa inteligência.

A duração consiste em excluir a ideia de sucessão no tempo entendida como supressão de alguma coisa. Tempo que sucede é aquele em que coexiste um espaço ideal onde alinhamos os acontecimentos passados, presentes e futuros. O que dura, ao contrário, é um tempo percebido como um bloco, globalmente, e não como momentos; dura o que se revela como “criação contínua, ininterrupto jorro de novidade” (2005, p.155). Conforme Bergson, para a filosofia, tempo que se sucede abriga verdades que pré-existem, em que qualquer acontecimento que ocorra, projeta atrás de si sombras no passado, pré-existido, sob a forma de possível: “Daí vem o erro que vicia nossa concepção do passado; e daí vem, ainda, a nossa pretensão de antecipar, em todas as ocasiões, o futuro” (p.159). Imagina-se que o futuro está dado no presente, que ele é visível, e que, conseqüentemente, não trará nada de novo. Assim, podemos todo tipo de possibilidade inventiva do real, que alguma coisa seja inventada, que o próprio tempo seja eficaz.

“Nossa lógica habitual é uma lógica de retrospectção” (p.162) que, portanto, se põe ao passado, à possibilidade de algo, para explicar o presente que se coloca, de modo que o que é composto hoje deve, aos olhos dessa lógica, tê-lo sido sempre. Rejeitamos para o passado, sob a forma de possível, a realidade que surge no presente, **implicando uma dificuldade em conceber a novidade que brota no tempo, incessantemente**. Desfiguramos qualquer caráter de novidade ou imprevisibilidade da ação, do pensamento, da vida. É justamente essa comodidade da inteligência em não prestar atenção à mudança ininterrupta, e notá-la somente quando se torna suficientemente grande, que me ajudava a compreender os processos de subjetivação de outra maneira.

Deixar-se durar e sentir essa duração é impossibilitado por nossa insistência de uma atenção que se fixa em um eu amorfo, imutável, sobre o qual se colocam “missangas”, estes estados coloridos que destoam uns dos outros como entidades independentes. Onde persiste algo que corre, um “fio” potência, um silêncio que perdura e nos conduz, percebemos apenas cores nítidas que se justapõem “como as pérolas variegadas de um colar” (BERGSON, 2005, p.4). Para ele, não somos estes estados separados os quais precisam ser mantidos por um fio,

um “fio-eu” impassível. Se não mudamos, não duramos, pois um “estado psicológico que permanece idêntico a si mesmo enquanto não é substituído pelo estado seguinte tampouco dura” (p.4). Apreender a duração é mergulharmos nas cores do colar vistoso, que compõe as missangas. Missangas que se sobrepõem, onde suas cores, outrora nítidas, passam a compor entretons, dando fluidez ao colar. **Durar implica mudarmos incessantemente e ininterruptamente, a ponto de não haver distinção de estados:**

A duração é o progresso contínuo do passado que rói o porvir e que incha ao avançar. Uma vez que o passado aumenta incessantemente, também se conserva indefinidamente. A memória [...] não é uma faculdade de classificar recordações em uma gaveta ou de inscrevê-las em um registro. Não há registro, não há gaveta, não há aqui, propriamente falando, sequer uma faculdade, pois uma faculdade se exerce intermitentemente, quando quer ou quando pode, ao passo que o amontoamento do passado sobre o passado prossegue sem trégua. Na verdade, o passado conserva-se por si mesmo, automaticamente. Inteiro, sem dúvida, ele nos segue a todo instante: o que sentimos, pensamos, quisemos desde nossa primeira infância está aí, debruçado sobre o presente que a ele irá juntar-se, forçando a porta da consciência que gostaria de deixá-lo para fora. O mecanismo cerebral é feito exatamente para recalcar a quase totalidade do passado no inconsciente e introduzir na consciência apenas aquilo que é de natureza a iluminar a situação presente, a ajudar a ação que se prepara, a resultar, enfim, num trabalho útil. Quando muito, algumas recordações de luxo conseguem passar de contrabando pela porta entreaberta. Estas, mensageiras do inconsciente, avisam-nos acerca daquilo que arrastamos atrás de nós sem sabê-lo. Mas, ainda que não tivéssemos disso uma idéia distinta, sentiríamos vagamente que nosso passado nos permanece presente. É por nossa consciência não se repetir, que se torna impossível viver a mesma coisa ao mesmo tempo. Por mais parecidas que sejam as circunstâncias de um acontecimento, não é mais sobre a mesma pessoa que agem. Mudamos incessantemente, e por mudarmos, impede que um estado se repita algum dia em profundidade. É por isso que nossa duração é irreversível (BERGSON, 2005, p. 5-6).

Cada passo é um novo passo que se acrescenta àquilo que havia antes, que se vive. Tanto novo como imprevisível. Somos a cada instante um ato de invenção de si mesmos, posto que o presente que se acrescenta ao passado, já percebido, torna-se um momento original, de uma história não menos original, e por isso, jamais podendo ser previsto. **“Também é assim a voz do poeta, um fio de silêncio costurando o tempo”**. No viver a mudança, no viver a duração, desse passado que rói o porvir e que incha ao avançar – que costura a vida - é que então me movimenter a construir a intuição trazida por Bergson, mesmo que ainda muito superficialmente.

Para pensar a duração, a intuição aparece. “A intuição de que falamos refere-se sobretudo à duração interior” (BERGSON, 2005, p. 168), apreendendo um crescimento *por dentro*, uma sucessão de prolongamentos onde o passado mergulha num presente que penetra no futuro. Isso implica uma consciência, mas uma consciência imediata e alargada, pois se choca com o inconsciente. Imediata, quase não se distingue de um objeto que é visto,

do conhecimento que é contado e mesmo do fenômeno da coincidência. Além disso, é alargada porque ela pressiona a borda do inconsciente “que cede e que resiste, que se desvenda e que se oculta” (p.169). Bergson descreve que, por alternâncias de movimentos cognitivos, de clareza e obscuridade, a consciência nos faz constatar que o inconsciente lá está. E essa consciência vai ainda mais longe, ultrapassando a separação rígida de nosso corpo com o dos outros, porque é somente “no espaço que as divisões são bem marcadas” (p.169).

A intuição, portanto, nos introduziria a uma interpenetração de consciências, a uma consciência em geral; a intuição não seria somente a própria duração, mas sobretudo “o movimento pelo qual nós nos servimos de nossa duração para afirmar e reconhecer imediatamente a existência de outras durações acima ou abaixo de nós” (DELEUZE, 1999, p.23). O movimento de perceber durações tão numerosas quanto queiramos, todas muito diferentes umas das outras, e que diferem por natureza da minha, deixa de lado a natureza espacial de qualquer objeto para pensá-lo enquanto duração, como **uma maneira de ser no tempo**.

A inteligência, que imobiliza o movimento e que procura reconstruí-lo com imobilidades justapostas, permanece em segundo plano em relação à intuição. A “intuição parte do movimento, coloca, ou melhor, percebe-o como a realidade mesma, e não vê na imobilidade mais do que um movimento abstrato, um instantâneo tomado por nosso espírito na mobilidade” (BERGSON, 2005, p. 171). O pensamento intuitivo, ligado a uma duração que é crescimento, percebe a emergência de uma novidade imprevisível e ininterrupta. Um processo que é custoso e que por si só exige esforço, para fugirmos do pensamento habitual, banal e representativo; penoso, para desenraizarmos essa inclinação profunda em nos percebermos como substâncias invariáveis. Para Bergson, o que sobra à metafísica e ao espírito – à intuição, portanto – parece ser resultado de um trabalho interior árduo e custoso⁶. Assim, mudança não gera pânico, não estranha, já que é essencial à intuição, sendo ela mesma sentida apenas como pequenos instantes que se mostrariam como constante produção de novidade, invenção, subjetividade.

O que implicava a conceitualização da duração e da intuição? Desejava apontar para uma atenção. Movimento de *atenção a si mesmo*. Uma “atenção suplementar”, de acordo

⁶ “Repudiamos, pois, a facilidade. Recomendamos uma certa maneira difícil de pensar. Prezamos acima de tudo o esforço. Como alguns puderam se enganar? Não diremos nada dos que queriam que nossa “intuição” fosse instinto ou sentimento. Nenhuma linha do que escrevemos se presta a tal interpretação. E em tudo o que escrevemos há a afirmação contrária: nossa intuição é reflexão. Mas porque chamamos a atenção para a mobilidade que está no fundo das coisas, pretendeu-se que encorajávamos não sei que relaxamento do espírito” (BERGSON, 2005, p. 222).

com Bergson, que se efetua no acréscimo, enquanto o espírito se fixa na matéria, seu objeto. Atenção esta que, no entanto, exige abertura, tempo para ser cultivada, desenvolvida. Parece ser essa atenção a si, experiência interior, que Bergson define como sendo o processo intuitivo, onde se vive propriamente a duração. Mesmo funcionando em nós, a faculdade intuitiva exige um trabalho de construção forçoso e penoso para que se desobstruam os caminhos da experiência interna.

Essa atenção à duração – processo intuitivo e abertura à invenção - pressupõe um movimento de fuga do ato de focalização, um movimento de distração, implicando uma certa errância. Era dessa errância permitida e atenta que eu queria encontrar nas proliferações do que as provocações que fizera podiam brotar. Ou seja, o foco no início era o encontro dos atos disruptivos da atenção, dos abalos (*breakdown*), com o movimento mesmo da duração (intuição) e que a invenção, então, poderia se dar.

Depois, Bergson auxiliou no entendimento de outros autores, quando tratados de forma a compreender a processualidade que acentuarei no andamento do trabalho, sua duração em si, do tempo considerado como expressão da dimensionalidade do ser que se individualiza. Essa desconstrução de um eu individualizado e impassível tomaria outro significado: a invenção de si, e que, assim, tornou-se imprescindível de nos concebermos como algo ilimitado, carregado de problemas irresolútos, de uma potência de diferenciação infinita. Uma mudança ininterrupta, e que nos coloca em movimento de diferenciação constante.

* * *

*O mundo não é o que existe, mas o que acontece.
(Dito de Tizangara. O último vôo do Flamingo. Mia Couto).*

A produção dos encontros aconteceu quase como uma sequência de eventos. Junto à narrativa do que se passou lá, refaço nesse momento do trabalho os caminhos que foram me conduzindo (e o abandono de outros) à inserção daquele espaço formativo. Como já referi, para passar novamente pelas gravações, detive-me diversas vezes nas observações da banca, com quem conversarei mais adiante. Assim, resolvi deixá-los em consonância um aos outros, mesmo que em suas construções houvesse intervalos de tempo, de pensamento, de escrita. O que me parece interessante aqui é apenas situar de onde parti, e quais referenciais me deram suporte para pensar os momentos com os alunos.

Os dois primeiros encontros ocorreram em torno da leitura de textos literários. Todo o primeiro contato e o processo de início estão contidos nas descrições dos encontros. De um para o outro, houve apenas uma semana de intervalo. Nesse tempo, a pesquisa continuava, as aulas do mestrado, as orientações, conversas de bar, com os amigos se compartilhava as bonitezas da vida, as angústias, nuances que costuravam a pesquisa. Mantenho a sensação de uma escrita primeira, das anotações que trouxe no meu diário, porque tem sido importante permanecer com essa construção, de suas incongruências, insistências, teimosias, vícios...uma parte legítima e significativa de um trabalho, que segue.

Em particular no mestrado: uma disciplina do mestrado sobre Diários, guiada por Guilherme e Deisi, espaço no qual parece que experimentamos a construção de uma escrita coletiva. Anotara aquilo que íamos trazendo também para aquela roda: leitura em voz alta dos diários lidos suscitaram sorrisos, olhares que, vagueando na procura de alguma coisa, encontravam-se, tocavam-se. Fica no âmbito do indizível o que se viveu naquela disciplina. Lembro-me que desorbitava no medo e fascínio de estar lá, porque estar mesmo lá tinha muito de se revelar, deixar mostrar os desertos intocados. Fazia-me bem ouvir o colega Dirceu. Gui chamava nossa atenção ao fato de que o colega trazia em seu diário a dificuldade em escrever, a insegurança com a escrita frente ao julgamento do outro que ouve, de coisas que se perdem e que não foram lembradas. Ouvíamos e percebíamos a facilidade de colocar na trama da escrita os personagens das aulas anteriores, criados a partir do “recordário” de Deisi. Escrita enquanto experiência. Escrita como estratégia para sentir-se vivo. E a escrita que é movida por um problema?, provocava Guilherme. Da diferença de literaturas que escrevem a partir de um problema - de que não há outra alternativa na vida a não ser escrever - para aquela produzida para virar escritor. Provocação de um escrever não confessional, de uma escrita que foge de si, do escrever sobre si, para um escrever que é tornar-se outra coisa. Abrir-se para a escrita no que ela nos coloca em vias de diferir de si mesmo, no movimento de inventar-se.

Era difícil lidar com as perguntas que surgiam diante do que era vivido, associado à grandiosidade de um momento de descobrir outros meios de fazer pesquisa, e do quanto isso tinha efeito na forma com que vamos olhando o mundo! Eram dessas forças que chegavam até mim que ia costurando, tentando criar alguma coisa que desse chão para a invenção no espaço com os alunos.

Nesse tempo, nos escritos sobre experiência estética e *breakdown* de Cabral e Kastrup (2006) e seus estudos em Deleuze - onde colocam experiências com os signos das artes capazes de provocar quebras, movimentos de alterização, em que acessamos o plano de

produção de subjetividades, de forças moventes, de encontro com intensidades – que me encontrava pensando os momentos das tardes de quartas-feiras, que era quando nos reuníamos.

Brincava também, embalada pela ideia da experiência estética, em usar música. Experiência musical que, a partir da escuta de poesias narradas, ou crônicas, pudessem produzir parecidos movimentos que a leitura pode provocar. Aos poucos, então, desnudando-me dos termos inventivos, de Kastrup, mesmo que as intenções não houvessem mudado. Brincar com as palavras, jogar entre elas. Parar para escutar, silenciar e sentir a musicalidade-poema. O que produzem enquanto sensação? A ideia da utilização da música havia ido ao encontro do que havia colocado como “dificuldade” do grupo: a escuta do outro. Teimei num detalhe, negligenciei a potencialidade de lidar com aspectos inerentes do estar junto e somente no final da pesquisa percebi o efeito que aquilo tivera no grupo, subestimando a potência desse aspecto.

Na construção do último encontro, trabalhara com algumas colocações de Deleuze, em suas análises referentes às obras de Francis Bacon, em que seus escritos provocavam o desejo de brincar com a sensação. Sensação como vibração, sendo ela mesma violenta: “À violência do representado (o sensacional, o clichê) opõe-se a violência da sensação, que se identifica com sua ação direta sobre o sistema nervoso, os níveis pelos quais ela passa e os domínios que atravessa [...]” (2007, p. 46). Da violência promovida por uma força:

é preciso que uma força se exerça sobre um corpo, ou seja, sobre um ponto da onda, para que haja sensação. Mas se a força é a condição da sensação, não é ela, contudo, que é sentida, pois a sensação “dá” outra coisa bem diferente a partir das forças que a condicionam. É assim que a música deve tornar sonoras forças insonoras, e a pintura, visíveis forças invisíveis (DELEUZE, 2007, p. 62).

Nesse sentido, nenhuma arte é figurativa, cabendo a ela a tentativa de tornar visíveis forças que não são visíveis. Estendera aquilo para uma imagem, pensando talvez que, em uma imagem fotográfica - ou mesmo na literatura -, história alguma poderia ser narrada/ilustrada quando se tratava de captar as forças que emanam. Por isso, optei em esconder descrições de imagens selecionadas, legendas contidas abaixo das fotos da Série Êxodos, de Sebastião Salgado. Mas a imagem traz sim uma história, uma narrativa, a memória de algo. Por isso, se queria fugir momentaneamente de perspectivas representativas, por que usar imagens?

Porque as imagens me inquietavam, e muito! Deisi sempre me indagava e, mesmo hoje, insiste para que eu descobrisse e afirmasse a intenção da pesquisa no trabalho, e do que

queria nos encontros. Tudo foi um convite, mas não só. Sobretudo, foi um convite tomado da intenção de abalar, de incomodar, inquietar, do desejo de desestabilizar o que minha trajetória carregava como identidade de um curso: uma subjetividade demasiadamente solidificada, de uma aura de identidade compacta e intacta de um corpo que “imaginava” por quais vias se constituía. O que me movia não me explica nem determina, mas certamente me conduziu a certas configurações durante o trabalho.

Na posição de provocar, de inquietar, e também da obrigação de utilizar daquele tempo de aula, mesmo já cansada, abalada, e ressentida comigo, pelo andamento das coisas, utilizar a série de fotografia Êxodos facilitou algumas coisas. Pensava que as imagens teriam uma dinâmica diferencial, e a construção de narrativas sob elas seria interessante de ouvir. E foi na tentativa de experimentar as forças e da possibilidade de que o encontro com elas nos reinventassem, que ele, então, delineou-se.

* * *

Um ano se passou desde que eles aconteceram, que as leituras divergiram e que, da qualificação do mestrado, percorri as gravações e diários pessoais novamente. Vamos acoplando tantas parcerias pelo caminho que, inevitavelmente (e felizmente), passamos a desconfigurarmo-nos, na necessidade do distanciamento de estar sempre refazendo a escrita, cortando aqui, brotando lá, deixando que ela corra com decisão e leveza. Pensar que essas parcerias - as pessoas que passam por nós e que inscrevem suas marcas - torna imprescindível a afirmação da coletividade cujo trabalho de pesquisa carrega. Dessa colaboração entre cérebros, uma rede afetiva de encontros me possibilitou traçar essas linhas e mesmo gostar das que já haviam sido traçadas até o momento. É esse sentido que os campos, na cartografia, estão sempre sendo reconfigurados, outros trajetos e devires vão surgindo, e os sentidos igualmente variando (DELEUZE, 1997). Trata-se, assim, de contar, narrar os encontros, mas, além disso, situar-se mais tantas vezes lá. É tomar fôlego, fôlego que toca no aperto, fôlego-sufocante, e mergulhar, deixar que esse ar doído converse com quem escreve (e, por sorte, com quem lê). Olhá-los (e olhá-los, olhá-los...) permite que se reative o que parecia obtuso, ou excessivamente sublimado. Que o tempo aparecesse melhor e que uma rede do sensível, sensível singular, inventasse. Parece que se trata sempre de um jogar-se para o vivido, capturando e mesmo inventando os novos signos, ora aparecendo, ora apagando-se, rindo, brincando e dançando com eles. Aquém: não somente decifração de

signos, mas produção dos mesmos durante os encontros. Assim, procurei funcionar como um verdadeiro leitor, das mais diversas linguagens inscritas em cada um, leitor que “produz, amontoa linguagens, deixa-se infinita e incansavelmente atravessar por elas: ele é essa travessia” (BARTHES, 1984, p. 51).

TARDES DE QUARTAS-FEIRAS: TRAVESSIAS

*Mas o silêncio é um ovo às avessas: a casca é dos outros, mas quem se quebra somos nós
(Mia Couto)*

Chegara ao campus com uma sacola de pano cru, bem cedo, carregando os livros. Trazia junto de si 13 cadernos de folhas brancas, sem linhas, comprados para serem entregues aos alunos. Dormira pouco na noite anterior, a insônia cutuca quando a incerteza vira morada. Rabiscara o nome dado àquela dor sentida que teria iniciado já há algum tempo, no preparo das tardes de quartas-feiras: Encontros.

Alguns dos livros escolhidos foram cúmplices de um tempo de vida, e eram carregados de significado para ela. Esses e outros - mais recentes na biblioteca pessoal, não lidos totalmente por ela e também pegos de Deisi - compuseram um cenário de leitura.

A ansiedade de um contato desconhecido. Notoriamente as palpitações aumentavam quando colocava os pés naquele lugar. No andar da sala onde aconteciam as aulas, o frio dos corredores desacolhia os fios invisíveis do desejo de estar lá. Era o verdadeiro pânico da mistura de um lugar em que já estivera e que, agora, tinha que se colocar como lugar de pesquisa. Eram tantos os ecos do silêncio interno vivido, que lhe lembravam de um tempo perturbado. Mas Alice, de alguma forma, estava tentando, entre sarcasmos, vaidade e até certa ingenuidade, mexer nessa lembrança. Notava-se perdida, confusa com a vida, na descoberta cega de um corpo estranho. Mas seguia, porque era preciso seguir.

Num tempo definido, de horas contabilizadas, limitava seu corpo a pensar em como lidar com o que poderia acontecer lá. No entanto, não estava sozinha. Naquele dia, Fran acompanhava-a com seu sorriso largo, involuntariamente diminuindo sua mania histérica em perceber tudo conforme a imaginação criara.

Aos poucos os alunos foram chegando e acomodaram-se na sala. Uns sentam, outros se levantam para pegar um café ou chimarrão, conversam descontraidamente, esperando o

início de algo que ainda era estranho. Distribuíram os livros numa das pontas da grande mesa. A disposição dos móveis daquela sala lhe incomodava, pensava Alice. Gélida, desorganizada e opaca, procurava, entre incensos e músicas, deixá-la mais acolhedora.

“O que faço eu, como bióloga, ou como professora de ciências, trazendo livros de diversos gêneros literários para um espaço o qual eu encontro colegas de profissão e que possivelmente ocupará parte da minha pesquisa de mestrado?”, interrogava. Tremendo um bocado, com a boca seca, contara que certo dia havia se deparado com o escrito do professor Guilherme, em seu trabalho de mestrado, onde afirmava que o que deveria nos motivar enquanto pesquisa ou tema de estudo é aquilo que soa como poema na nossa vida, produz sentido e nos motiva. Assim, disse-lhes que a literatura talvez fosse o que mais de poético possuía em sua vida e que por isso – junto ao encontro da temática da invenção – resolveu trazer para aquele espaço. Atentos, eles a olhavam curiosos e a ouviam com cuidado. Seus rostos esboçavam uma sincera atenção, uma vontade acolhida de estar ali. Ela lhes falava sobre o sentimento de compartilhamento do sentido que a literatura tinha nas brechas de sua vida (mesmo que incipiente) e de que a proposta chegasse até eles como um convite, despertando o desejo de aprender e ensinar com a leitura, por mais que dividissem aquele tempo da semana de suas vidas de forma compulsória. Nessa introdução que fazia, tratava de justificar alguma coisa que nem sabia exatamente o quê. Alice escondia nas nuances de sua voz a completa insegurança no que propunha, mas que no olhar de sensível de um ente atento aos sinais, notaria seu corpo que fala do desejo de querer descontrolar o sentir. Não imaginava como tudo aquilo fosse ser encarado ao mesmo tempo em que se limitava a imaginar que sua proposta pudesse de alguma forma tocá-los. Ocultada na postura de certeza do que fazia, Alice se recolhia na obviedade de uma suposta participação e envolvimento do grupo.

Entregou-lhes então os diários. Disse-lhes que não precisavam colocar nomes, e mesmo que o utilizassem além dos encontros, sentindo-se livre para isso, poderiam fazê-lo. Pedira-lhes que anotassem o que fossem encontrando na leitura, no manuseio do livro, que escolhessem - entre os fragmentos que ela havia selecionado por livro (um conto inteiro, poesia, prosa, ou partes de um romance) - e lessem em voz alta aos colegas. Nos diários, explicara que gostaria que prestassem atenção à leitura e escrevessem o que eles acolhiam do que liam, o que mexia/desacomodava/agradava do que estavam lendo. Assim, saíram de onde estavam sentados e dirigiram-se até a ponta da mesa onde os livros estavam misturados.

Alguns se demoraram mais na escolha. Outros pegavam um ou outro, corriam o olho

rapidamente, manuseando-o e voltavam a fechá-lo. Um deles abre um sorriso discreto quando se depara com um livro, pega-o e, rapidamente, volta para o lugar onde estava. Um ou dois demoraram-se mais na escolha, desfrutando dela, na curiosidade do movimento. Alice dirige-se até o aparelho de som e coloca a música para tocar: escolhera a trilha sonora do filme de Amélie Poulain. Lá fora, caía uma chuva forte, densa, soando trovões que faziam os olhares se encontrar, assustados. Ela, Alice, pensava na sorte e gratidão do dia ao lhe proporcionar um clima tão acolhedor à leitura. Ia e voltava várias vezes pela sala, um tanto nervosa, sem saber qual o próximo passo tomar. Enquanto todos já estavam sentados.

Depois, quando todos já estavam sentados lendo, ela escolhe um livro, na iniciativa de compor também a roda. Mas estava tomada demais pelo desejo de captar: captar o quê? Atenta e aflita, rabiscava qualquer coisa que vinha à cabeça, criando o cenário em seu diário. Prestara atenção nos sons, gestos, esboços de alguma coisa que falasse sem falar. Anotava, anotava, observava: “consigo discernir o barulho da escrita nos diários enquanto escrevo no meu”. Uns escrevem mais, outros menos. “O que pode sair daí?”, interrogara-se. “Será que escrever não nos tira da fluidez do texto e impede um mergulho na leitura?”

Longos minutos se passam num completo silêncio entre eles, discernindo apenas o folhear das páginas, a música ao fundo, enquanto a chuva fazia-os lembrar que a vida lá fora era encharcada e úmida. Na medida em que iam soltando os livros, canetas e lápis na mesa, levantando a cabeça e olhando os colegas, ela preocupava-se em dar início à leitura em voz alta. Uma das alunas, que possuía o conto mais extenso selecionado foi justamente o primeiro a ser lido. A voz de MI foi a primeira a ser entoada na sala, quando Alice pedira que alguém lesse:

Um americano muito entendido, conhecido meu em Londres, assegurou-me que uma criancinha saudável e bem tratada é, com um ano, um alimento realmente delicioso, nutritivo e completo, seja cozida, grelhada, assada ou fervida; e não tenho dúvidas de que possa servir igualmente para um guisado ou um ensopado. A proposta que, portanto, humildemente ofereço à apreciação do público é que das cento e vinte mil crianças já calculadas, vinte mil fossem reservadas para a reprodução, das quais uma quarta parte apenas fosse de machos, o que é mais do que admitimos para os ovinos, bovinos ou suínos; e meu argumento é que essas crianças raramente são fruto do matrimônio, circunstância não muito levada em conta por nossos selvagens, sendo portanto um macho suficiente para servir a quatro fêmeas. Que as cem mil restantes fossem, com a idade de um ano, colocadas à venda para pessoas de bem e fortuna em todo Reino, sempre se aconselhando às mães que

as deixem mamar abundantemente durante o último mês de modo a torná-las gordas e rechonchudas para uma boa mesa. Uma criança daria dois pratos numa recepção para amigos e, jantando a família a sós, o quarto dianteiro ou traseiro daria um prato razoável, e, temperado com um pouco de pimenta ou sal, ficaria muito bom fervido no quarto dia, especialmente no inverno (Modesta proposta e outros textos satíricos, Jonathas Swift, 1667-1745).

A morbidez da leitura. Um conto soturno, longo, inquietante. Ao que inicialmente causara surpresa diante da escrita do autor, os corpos que se mexiam nas cadeiras evidenciavam o incômodo com a extensão do mesmo, e com seu conteúdo. Escutar MI incomodava, e Alice, por sua vez, incomodava-se com a resposta que ele provocava nos outros, o que somente aumentava sua angústia com a movimentação do que pensava em propor. Durante a leitura do conto, os comentários da amiga Fran sobre a demora a deixavam mais embriagada do desconforto que produzia em si mesma...do que lhe fugia dos planos e dessa desacomodação. Dizia-se que aquilo tudo fazia parte do movimento sabendo que, no entanto, também lhe incomodava profundamente. Faces entediadas, um tempo que se prolongava cansativo, que apenas por alguns momentos, a partir da natureza do texto, salientavam os corpos em sua surpresa. Sentia raiva dela mesma por ter escolhido uma leitura tão longa e que desmesuradamente provocavam aquelas sensações no grupo. Mas, em sua postura altiva, não se deixava mostrar assim.

Fiquei muito nervosa, me tocou bastante, acho que o texto é muito pesado. Mas maravilhoso e atual, pois se formos levar em conta a situação do nosso país, é mais ou menos igual, escreveu MI, em seu diário. Nojo, repúdio, indignação, revolta, perplexa: palavras compartilhadas comumente na maioria dos diários.

– *O que sentiu quando leu?*, pergunta Alice, quando MI termina de ler.

– *Quando comecei a ler senti nojo, curiosidade...quando ele começa a falar em comer as crianças começou a me dar um nojo, uma indignação, uma coisa assim, sei lá! Depois quando ele fala...da parte que ele começa a falar dos pedaços, também fiquei pensando de como é que a gente trata os animais, né?! Dos cortes, que é bem isso que a gente faz...*

– *É, a parte melhor é aquela do feto, né?(MI)*

– *É, tanto é que eles comem o terneiro também, pra comer a carne de vitela. (diz FA)*

Um dos colegas ressalva:

– *Não, e, pra ti deve ser difícil porque tu tem filha, né?*

– *É, bastante!*

O grupo fica algum tempo conversando sobre o texto lido, transitando em opiniões

sobre o que o autor gostaria de dizer com aquilo. Suas posturas defendiam pontos que lhe eram pessoais, levantando hipóteses, alguns com mais certeza do que falavam, outros menos. Falas concomitantes, juntas, no ímpeto de dizer qualquer coisa: os zumbidos que não se fazem ouvir.

– *Mais do que isso, é uma crítica forte à sociedade, né? À realidade deles. Que, é primeiro mundo, né? É Irlanda... (ZÉ)*

– *Mas que ano foi isso aí? (DÓ)*

– *Mil oitocentos e pouco... (MI)*

– *Pois é, Irlanda era dominada pela Inglaterra nessa época. Eu...eu não vejo como crítica à sociedade. (DÓ)*

– *Tu acha? Eu vejo criticando totalmente! (MI)*

– *Ah, eu vejo, sim! Adianta deixar se criar esse bando de marginais e tudo aí...isso aí não é quase torturar eles, cortar eles em pedacinho (?) (LA)*

– *É, eu acho uma reflexão profunda...ainda mais hoje. (MI)*

– *É...muito mais uma reflexão do que uma crítica. (DÓ)*

– *Deixar nascer, não te preocupar, e vai deixando... (LA)*

– *Uma reflexão, tipo, que que a gente tá fazendo...é a sociedade que a gente tem aí. (MI)*

Voz em cima de voz, entonação querendo sobrepôr à outra, um falar que às vezes não ouve. A discussão circulava no ambiente. Eram corpos soltos, rindo do que fora lido, do “repúdio e nojo” transfigurado em brincadeira, que soava comum a todos as sensações, à vontade. Numa mistura de preocupação e alívio das vozes que se permitiam falar, Alice se deixava sempre mostrar ao grupo muito certa do que acontecia ali, rindo um riso incerto, não deixando de se surpreender com tudo aquilo, tudo junto, que chegava até ela, que se passava entre eles, lá. Mais algum tempo se passou, a partir dessa primeira leitura, que demandavam pontos de vista sobre a proposta do autor do texto, atrelando a discussão a perspectivas políticas em que todos ouviam, mas que parecia que não teria fim. DÓ, MI, e RÉ eram os que discutiam e suas vozes ressoavam na sala, enquanto os outros ora escreviam, ora afirmavam ou não com a cabeça. Ela gostava da discussão, mesmo que carregada de achismos. Estava encantada com aquilo tudo, mesmo que preocupada em não se posicionar. Esperou. Hesitante, deixava que falassem, mas os interrompeu em dado instante, para que pudessem continuar as leituras. Em seguida, quando o breve silêncio rompeu os risos e falas, solicitou um próximo que quisesse seguir a leitura em voz alta.

* * *

Eis o fruto do meu ventre. Criatura noturna, do fundo de um poço de águas podres, ele me olha. O que quer de mim? Agora é hora do grande grito, de agarrar com as duas mãos essa coisa nojenta e a rasgar ao meio e jogar os pedaços longe, e acordar, e voltar à minha vida de mulher simples, casta, discreta, que atende sua família, cuida de sua casa, cumpre seus deveres, e nunca, nunca, nunca se maculou. Quem sempre fez tudo direito, como eu, não merece desgraça nem horror. Mas quando vou fazer isso, ele abre abaixo dos olhos uma boquinha também negra, sem dentes, que se abre e fecha como se tivesse sede, ou fome. Então compreendo: o filho do meu pesadelo quer me devorar. Vai começar pelo rosto, arrancando minha carne dos ossos da face, esvaziando meus olhos, sugando minha língua, e por fim me engolindo toda, para que eu para sempre desapareça no inferno de suas entranhas. Então eu, berro, urro, para que ele se assuste e desapareça em poeira de carne e pele e gosma, como aqueles fantasmas. E eu possa acordar e me ver vestida com minha camisola modesta e recatada, debaixo das cobertas gastas, em minha velha cama, minha velha casa, meu velho corpo, a simples e sólida realidade onde me sinto bem. Pois, como me ensinaram desde pequena, se a gente faz tudo certo e cumpre as tarefas todas, nada de verdadeiramente mau pode nos acontecer. O bem sempre vence, o céu é mais poderoso do que os infernos. Deus é bom (O silêncio dos Amantes, Lya Luft).

O silêncio, a paralisia no olhar, inexatidão da postura, a curiosidade enebria os instantes seguidos produzidos pela voz grave, ininterrupta, veloz e segura de SÁ. Na sequência da leitura do conto, os colegas a fitam com semblante informe, surpresa que, ao longo da escuta, circula na atmosfera da indisposição. Olhos baixos que se levantam, procurando-a. A cabeça se move, como quem pensa sobre o que ouve, e levanta. Carregados por sua voz, permanecem assim durante quase todo o conto. Todos, embalados por SÁ, movidos pelo estranhamento, incontrolados por alguma coisa, lançam no meio algo indecifrável.

Quando termina, o sorriso nos lábios de Alice, não sabendo até então o que eles falariam, não se surpreende com os comentários assustados sobre o mesmo. Por que se tomava surpresa? Sua intenção estava ali, escancarada no peso da aura escura do que é incomum, do sentir recusável, do sentir-se fora do lugar. Começa aí a perceber a falta da entonação alegre nos trechos e livros escolhidos. Mas se surpreende por ainda não ver

problema nisso.

– *O que te provocou ler isso?*, pergunta Alice:

– *Ai, eu não gostei muito, aquela parte quando nasce a criatura e ela vai subindo por ela; na verdade é [...] o corpo dela mostrando tudo aquilo que ela sempre reprimiu, que fizeram ela reprimir, né? E daí também fala daquela parte que o pai dela ensinava ela se reprimir, que o pai dela ensinava que tudo era pesadelo e que ela ia acordar, que ela podia fugir dos medos. Então, essa gravidez é quando ela não consegue mais fugir de tudo que ela esconde, daí nasce...aquele mau (bebê) quer devorar ela. Pelo menos foi isso o que eu entendi.*

Os segundos de silêncio, os segundos de silêncio(s)...os segundos. Silêncio.

– *Podem falar pessoal. (diz SÁ)*

Alice se apoia na mesa, como quem espera o que (pode) vir dos outros.

– *É um texto de terror isso, né?*, rompe ZÉ, rindo-se.

– *Eu imaginei toda cena (SOL).*

– *Eu achei que tudo isso era imaginação dela, que ela não queria o nenê, diz MI.*

Procuravam entender o que se passara com a personagem do conto: o bebê, o parto, o texto que parecia um filme de terror; se era delírio da personagem, se ela viveu realmente a gravidez e o parto.

– *Às vezes tem que ler duas ou três vezes pra entender o que ela [Lya] tá dizendo*, afirma VAL.

Não se estendem, não se arriscam. Pairara no ar aquela narrativa, incógnita, achatando o que se sabe demais. SÁ mexe em seu brinco, ri, olhando para os colegas. DÓ escreve, não vociferando sua opinião diante da história. Alice espera (e têm se notado esperas). Silêncios; o silêncio que ela foi descobrindo como irresoluto e carregado de coisas, coisas das quais ela não sabia lidar. Voltam. Então, alguém faz riso do susto, do que o mórbido faz rir: brincam e riam ainda quanto ao teor assustador do texto.

– *Bom de ler antes de dormir (DÓ).*

Desligar-se da última leitura. Alice sente isso e convida alguém para continuar a roda. Salienta-se aqui, antes, o encontro com a escrita de SÁ que encontra o que ela falara ao grupo. Rabisca em seu diário o seguinte trecho:

O texto é angustiante, causa uma aflição, de uma pessoa que se reprime e é oprimida por os que estão em volta e quer encontrar maneiras de passar por cima disso, como na citação do pai dela. E isso vai se acumulando durante anos até o momento de que isso não é mais suportável e “começa a tomar corpo” até que isso vem à tona e ela reconhece isso,

mas mesmo assim ela tem medo de encarar a verdade e tudo que ela tanto fez para esconder em um lugar que nem ela percebia que ali estava. Às vezes a verdade e tudo aquilo que nos machuca é tão difícil de se conviver que escondemos até que o desconforto é tão grande que mesmo não querendo temos que encarar, e isso é doloroso, mudar, perceber é sim doloroso. E a vontade de querer voltar para onde é cômodo, mesmo que depois de encarar os problemas, isso não seja capaz de acontecer, mesmo que não resolva os medos, não os supere, é impossível.

* * *

CÉ, então, ofereceu-se para ler.

Viver é uma arte. A arte de conversar com desconhecidos, por exemplo. De se revelar em poucas palavras para uma pessoa que não sabe nada de você, e você nada dela, e estabelecer um contato que seja agradável e frutífero para ambas as partes, evitando silêncios constrangedores ou, pior, o sono. A arte de ser pontual. Para pouquíssimos. Calcular exatamente o tempo que se chega de um ponto a outro da cidade e ter a capacidade de prever o imprevisto: trânsito mais caótico do que o normal, chuva, falta de lugar para estacionar. Atender um paciente na hora marcada. Decolar no horário previsto. Não entrar no teatro atrasado. A arte de perceber segundas intenções, a arte de se controlar, a arte de fixar prioridades, a arte de saber furar os bloqueios, a arte de não desistir na primeira dificuldade, a arte de não viver uma vida de aparências, a arte de andar desarmado, metafórica e literalmente falando. Cada um de nós mereceria ao menos uma reportagem para homenagear nossos dons mais secretos, aqueles que acontecem bem longe dos holofotes. O dom de viver sem aplausos e sem platéia. O glorioso e secreto dom de vencer os dias (Non-Stop. Martha Medeiros).

Talvez fosse a primeira vez de fato que ouvira a voz de CÉ. Sua presença não era inócua frente aos colegas, seu rosto expressivo e calmo a impedia de passar despercebido. Mas sua voz baixa e leve, ouvida como um sussurro, era, na maioria das vezes, imperceptível em ambientes onde a escuta é incomum. Não se demora para ler a crônica, mas sua brevidade havia conseguido realizar o desejo eminente naquele lugar: acabar com a sensação que teria colocado aquelas primeiras horas num lugar tão sombrio.

Alice perguntara à CÉ se ela mesma escolhera o trecho, ou escolhera um entre os

pré-selecionados. Ela confirma que leu o que mais lhe agradara. Alice olha para o grupo e pergunta-lhes se gostariam de comentar sobre a leitura, pois notara que alguns escreveram enquanto ouviam e observavam CÉ. Continuam olhando para ela, esperando dizer alguma coisa, qualquer coisa que expressasse seu sentimento sobre a leitura.

– *É, eu li ele cinco vezes*, afirma CÉ.

– *Cinco?* pergunta Alice.

– *É...e daí eu não tinha nada assim pra escrever meu, daí eu só transcrevi um pedaço*, responde, sempre com sua voz calma, e se dirigindo para Alice.

– *Tu foi direto no livro?* (Alice).

– *Fui direto...é que esses dias o livro tava aqui, né, com a Deisi. E daí eu dei uma olhadinha...*

– *É uma coisa que a gente lê um e vai lendo todos*, diz FA.

Barulho de garrafa de água. A chuva já havia parado, e o volume do som estava baixinho. Alice parece esperar alguém dizer algo, enquanto nota que DÓ olha com carinho para CÉ, sentada a sua frente, no outro lado da mesa. Fala-se daquele carinho paciente, no desejo de ouvir mais.

– *E essa da Martha, provocou alguma coisa em alguém?*, pergunta Alice.

– *É, eu acho bem legal o texto dela porque mostra o brilho que tem o nosso dia-a-dia, das coisas que tu faz, né? O valor das coisas que tu faz, que não é visto por ninguém. Que às vezes a gente acha que a vida é boa só quando a gente tá ali, né, lendo uma revista*, diz RÉ.

– *É, também aquela parte que ela fala que a vida é uma arte de superação, de tudo que a gente faz tem que estar sempre se superando, né? Tu não para pra pensar às vezes nessas coisas assim* (SÁ).

– *É, nas coisas que tu faz*, diz RÉ.

– *É, sim, sempre na dos outros*.

Na outra ponta da mesa, com seu semblante sério e o corpo mais distante dos outros colegas sentados, LA irrompe:

– *É por isso que dentro da sala de aula às vezes a gente não dá o devido valor pro aluno, né? Só pra aqueles que têm brilho, que falam bem ou que são queridos contigo, sabe...tu esquece aquele outro que tá lá atrás rasurando o caderno ou anotando umas bobagem lá. E acho que ela resgata isso aí, né, que todo mundo tem suas habilidades, a sua luz, e às vezes a gente não enxerga*.

DÓ, até então mais calado, nos traz sua percepção da roda de leitura: *leitura após leitura*, que não deixavam de se incorporar uma na outra.

– Quando a MI tava na metade do texto dela, eu já não queria mais escutar ela lendo, eu já achava “tá chega, acaba logo!” e eu olhava assim...ainda tinha mais uma página, e mais uma...aí quando a SÁ começou a ler, eu ainda tava com o gosto do outro texto na boca, sabe? Daí a SÁ começou a ler, eu pensei, vai começar a mudar alguma coisa. Aí quando eu cheguei na metade voltou o mesmo gosto, sabe? [risos] Daí tipo agora, o da CÉ parece que “despesou” o ambiente e assim, meio que, tipo, porque, sinceramente, se fosse mais um texto trash daqueles, sabe, eu fechava isso aqui e...

Riso solto. Pareciam todos concordar.

– Mas, e por que pesou o ambiente, as outras leituras? (Alice)

– É que...se chocou com, principalmente o da MI, se chocou muito com opinião minha assim, é...eu não gosto de falar de criança sofrendo, essas coisas assim, sabe? Tipo essas coisas que os olhos não gostam de ver, mas às vezes tem que enxergar, sabe? Às vezes, se dá pra dar uma piscadinha mais longa assim, sabe, mas pra não precisar ver aquilo, sabe, eu dô!

– Olhar pro outro lado assim..., diz RÉ.

– Não, daí olhar pro outro lado daí é ser indiferente, sabe? O piscar mais longo parece tu não querer mostrar tua indiferença, sabe? Isso acho que é todo mundo, né? Eu tô dizendo por mim, mas acho que todo mundo às vezes faz isso.

DÓ continua:

– Tem partes do texto da CÉ que mostrou alguns conceitos é...invertidos que tem hoje. Aquela hora que tu falou de pontualidade, né? Que ser pontual é uma arte, mas por que que tipo pra nós ser pontual é uma arte? Porque hoje em dia o bonito é o aluno que não é o pontual, não digo no horário do professor, mas o aluno olhando pro aluno, “bah, aquele cara chega sempre atrasado”, “aquele cara é o cara”, sabe? Não é! Não tem coisa pior que tu chegar atrasado, no meu ponto de vista, sabe? [...]

– É um descaso, MI completa.

– É, é um descaso. Então, tipo, algumas coisas, alguns trechos assim, são coisas simples, assim, tu não precisa nascer em berço de ouro, ter, não são coisas que precisa fazer curso pra saber, então...

– Acho que levanta os valores, né? Isso não é levado em conta, muitas vezes. Os valores são um pouco invertidos na sociedade...acho que é um pouco essa reflexão.

SÁ faz questão de ressaltar, antes que partisse para outra leitura.

– Que o que era o bom também de cada um ler um pedaço e depois ler em voz alta é que cada um pega pra si aquilo que mais toca, né? Então, nunca uma pessoa vê o mesmo lado do texto que a outra, né?...e daí acaba trocando ideias, isso que é legal!

–Mas isso só acontece se a gente tá aberto pra leitura...e eu acho que vocês estão muito abertos pra leitura, diz Alice.

Alice não se continha em sua satisfação. Facilmente eles conseguiam compor suas falas, jogavam suas percepções sem medo, e isso lhe fazia acreditar na sequência do restante dos encontros ou no quanto aquilo ali foi acertado, mesmo que não soubera o que fazer com ele. Em seu encantamento, imaginava curiosa nos escritos dos diários, na entrega e aceitação que tiveram com aquele objeto. Mal imaginava ela depois que seria, ao longo da caminhada, um dos temidos locais onde se encontraria, na sua postura em conduzir o que se passava, e de como isso repercute até hoje.

* * *

VAL abriu o livro de Eduardo Galeano e pôs-se a ler. Enxergara-se no espelho, na ativação de um tempo, de uma memória.

Avós

Para muitos povos da África negra, os antepassados são os espíritos que estão vivos na árvore que cresce ao lado da sua casa ou na vaca que pasta no campo. O bisavô do seu tataravô é agora aquele arroio que serpenteia na montanha. E também seu ancestral pode ser qualquer espírito que queira acompanhar você na sua viagem pelo mundo, mesmo que nunca tenha sido seu parente, nem conhecido. A família não tem fronteiras, explica Sofoufu Somé, do povo dagara:

- Nossas crianças têm muitas mães e muitos pais. Têm tantos quantos quiserem.

E os espíritos ancestrais, os que nos ajudam a caminhar, são os muitos avós que cada um tem. Tantos quantos quisermos.

(Espelhos. Eduardo Galeano).

Imagens que lhe acometem, no encontro com o livro. Lembranças que se conservam, emergem. Assim que termina de ler, VAL fecha o livro e põe-se a dizer que lembrara de sua infância. Seus gestos de mãos seguras, voz altiva, olhar generoso; explica ao grupo que, naquela época, indagava-se sobre seu lado espiritual.

–A gente morre e pra onde a gente vai? Sempre me perguntei muito isso assim quando eu era pequena. E depois que eu comecei a frequentar o espiritismo, a espiritualidade assim é uma

das coisas que mexe muito e é muito viva em mim isso. Então isso foi o que me chamou muita atenção assim, por eu crer nisso, tipo, me aproximou bastante assim esse conto que eu li.

MI, sentada ao seu lado, observa-lhe falando, enquanto os outros colegas escrevem. Das várias pequenas histórias que Galeano traz, e da seleção de páginas marcadas, ela escolheu aquele conto que lhe tocou, porque vieram à tona as indagações infantis sobre a vida. Imagens de um passado que lhe fazem escrever em seu diário as palavras *ideologia*, *reflexão* e *essência* para designar o que o texto lhe despertou: *meu eu, meu ser, minhas ideologias como ser humano, a minha total essência.*

Logo, ZÉ, mexendo em sua caneta, parece ter o que dizer. Os colegas o escutam, observam-no, atentos:

- *É, quem sabe ou já frequentou, a umbanda tem muita coisa parecida com o espiritismo, não historicamente, mas tipo, ela tem muita coisa parecida nas idéias de base, assim...*
- *Nos signos...* diz VAL, concordando
- *É nos signos, no como funciona, responde.*

As falas na roda não se prolongam. Alguns segundos se passam no silêncio, do que fica no ar, na escrita de alguém, ou no que pode produzir no pensamento. É sempre um silêncio que não se sabe o que fazer, beirando a constrangimento e paralisia. Alice aguarda que a ausência de som seja interrompida por qualquer iniciativa da continuação de comentários. SOL a olha e pergunta se pode continuar.

- *Claro, pode falar.*
- *Então eu vou ler o meu.*

* * *

Os pouco mais de três anos que vivemos na chácara chegavam ao fim. Meu pai já estava bem melhor das sequelas do acidente e eles decidiram que seria importante para minha educação voltar para São Paulo. Afinal, eu iria para a quinta série em 1995. Minha irmã mais velha já havia se mudado para Caruju, próximo a Ribeirão Preto, por causa de trabalho. A do meio estava morando em nosso apartamento. Por isso, meus pais compraram um novo para nós, no mesmo bairro. Cada um teria seu canto. Realmente moderno, levando em conta os conceitos morais dos meus pais: uma morando no interior e outra morando sozinha. Se fosse verdade que os mais velhos amolecem as coisas para os mais jovens, não

teria com que me preocupar.

Com a mudança, tive de deixar para trás uma boxer, Lunna, minha preferida, a weimaraner Fedra e o Paco, um vira-lata. Porém, o mais importante deixado lá foi um pedaço da minha infância, da minha felicidade. Voltar para São Paulo, por mais que eu amasse a cidade, virou um tormento. Meus pais tinham medo de assalto, estupro, de tudo. E me prendiam. Para quem foi criada solta, brincando na rua ou no quintal, era a morte ficar presa naquele apartamento no Paraíso. Já tinha 11 anos e queria fazer do mundo o meu quintal. Minhas amigas começavam a ir ao shopping, às matinês dançantes, e eu não podia. Sem liberdade, passei a mentir para ir onde queria.

Minha mãe tinha ciúmes de mim. E demonstrava isso. Nem namorar, mesmo que fosse o carinho mais perfeito do mundo, eu podia. Já meu pai...Ele nunca fez seu papel de pai. Tudo bem, teve o acidente, a doença, ele deixou sua carreira brilhante bem no topo, viveu uma depressão fodida. Hoje sei que, muitas vezes, ser agressivo comigo era culpa de tanto remédio tarja preta que ele tinha que tomar. Se antes eu o culpava, percebo agora que não foi bem assim.

A tal fase de adolescente rebelde que o excesso de proteção desencadeou ficou quase fora de controle, e as brigas, principalmente com meu pai, viraram rotina. Quase sempre pensava em sair de casa ou ir atrás dos meus pais biológicos para saber se eles me queriam de volta. Se a razão para me abandonar fosse financeira, não haveria problemas. Eu trabalharia, me bancaria. A única direção que poderiam me ajudar na busca dos meus verdadeiros pais estava em Sorocaba, onde nasci e fui adotada. Mas, na verdade, nunca fui atrás (O doce veneno do escorpião, Bruna Surfistinha).

Um aluno olha o relógio, outra escreve, outros olham para SOL. Corpos que reagem e abrem-se à leitura do outro ou que se incomodam, porque sua atenção vagueia, foge do que está sendo narrado, quando o interesse se perde. SOL, após ler a parte selecionada, relata sobre a diferença com que a autora do livro (Bruna) altera seu estilo de escrever quando fala da sua vida profissional:

- *O que parece que dá tesão nela...era a parte que ela viveu da prostituição, diferente da parte da que ela fala da família.*
- *Mas é que ela nem tinha muito o quê falar daquela fase. Ela nem se sentia daquela família.*
(RÉ)
- *Então tu prefere a outra parte, SOL? (Alice).*
- *Sim, prefiro a outra parte.*

Alice queria explicar o porquê de ter selecionado a parte inicial do livro: certo receio que alguém deixasse de pegá-lo diante da natureza de seu conteúdo. Pensara imaturamente que, sendo primeiro encontro, estaria a invadir a privacidade e intimidade do grupo. Agora se sentia hipócrita e mesmo ridícula. “Quem queria proteger? Proteger do quê?”, pensava.

– *Tá, então porque tu não lê a outra parte?* pergunta RÉ.

– *Se os outros não se importam...*

Logo que inicia a segunda parte da narrativa de Surfistinha, a atenção do grupo é maior, e a imobilidade na escrita dos diários atravessa a voz de SOL. Mergulham na voz pausada, limpa e clara que, na sequência, vão produzindo sorrisos no canto dos lábios diante do que ouvem.

Sempre imaginei que a primeira vez para uma menina tivesse mais peso do que para um menino. Estava enganada. A cada cabaço que tiro, fico mais e mais convencida disso. Tudo bem que, no futuro, eles nem se lembrem direito com quem foi (difícil, no meu caso...), mas a sensação de estar frente a frente com uma mulher, poder tocá-la, ter nas mãos, em vez de uma revista com fotos de mulheres peladas, uma de carne e osso... Finalmente, descobrir a consistência de um seio, aprender como pegá-lo, passear com a mão na gruta de prazeres escondidos que toda mulher carrega entre as coxas. Poder cheirar, lambe. Sinto alguns deles, nos seus 13, 14 anos, trêmulos diante da nudez. Posso quase ler seus pensamentos. “Posso pegar?”, é o que mais ouço deles, querendo apalpar meus seios. Mãos geladas, geralmente. Sinto no ar o medo de “falhar”. Ou da comparação com o p... de outros caras. Ou ainda de, quase morto de ansiedade, gozar sem nem ao menos completar o que está fazendo ali. Conduzo, ensino, realizo. Me sinto especial. De certo modo, estarei sempre na memória de cada um daqueles meninos- tão “crianças” quanto eu. E foram muitos.

– *Mais?* Ela pergunta, depois de ler umas quatro páginas, e olha para Alice.

– *Não sei, tu quem sabe,* responde. SOL olha para a roda e pergunta:

– *Querem mais? Não!* Todos riem, na assertiva de que “não precisava”.

– *Já deu pra ver, né?* diz LA, rindo.

Descontraídos, SOL diz que o livro até lhe era interessante.

– *Bem real,* complementa DÓ.

– *Essa galera existe,* afirma LA, rindo e dizendo que ficava imaginando aquilo que era lido.

SOL sente o livro através das mudanças de narrativas de Bruna Surfistinha:

– *Ela mostra que se sente muito feliz com aquilo ali...se sente importante e parte da vida daqueles meninos, que ela faz um bem, “o primeiro sutiã” que ninguém esquece, sabe?*

– *Levando pra outra parte, que eu já li o livro, que ela se sentia um pouco em casa meio que ninguém gostava dela, na escola ninguém se dava com ela, falavam mal dela na escola e tal...e ela se sentia útil dessa forma. No filme eles não mostram essa parte, porque durante toda a parte do livro ela dizia “eu gosto do que eu faço”, tipo, eu fazia isso porque eu gostava, e no filme eles não mostram essa parte.*

As falas que se cruzam incessantemente, no simples desejo de falar. Alice ouve as opiniões que se misturam entre o lido e o filme de Bruna, do que deixavam de gostar ou não, discordando uns dos outros. Deixou a conversa fluir, não interferiu. RÉ nos diz que ela não ficava imaginando as coisas, como a maioria diz ter feito:

– *Eu não ficava imaginando. Eu voltei um pouco nessa época que a gente tem essa idade, sabe? Que parece que pra gente, pra mulher é mais difícil que pro homem, daí eu comecei a lembrar de toda aquela parte...quando tu quer...quer ouvir a minha história aquela história? (RÉ pergunta, olhando para DÓ, que vira seu corpo para ela, rindo).*

– *Vai lá!, responde ele. Riem-se.*

– *Tu tá loca pra transar, na verdade, e tu tá loca de medo de transar. Tu tá loca pra saber como é que é, tocar, né? Pra homem eu não sei se é comum ir numa prostituta, mas pra mulher não. Aí eu comecei a lembrar de tudo isso e começo a comparar a minha época ali que eu transei com a do meu irmão. A diferença que tem pra ele e pra mim...pra ele, nossa, pra ele é muito mais difícil do que foi pra mim. Tudo assim, quando a gente começar a conversar...o medo que ele tem de não funcionar, o medo de botá camisinha, o medo que não dê certo, o medo de machucar.*

Olham para ela, sorrindo, e continuam seguindo com RÉ, ouvindo o compartilhamento sobre as aflições que o irmão sente em relação à transa, onde *tem muito mais paranóia.*

– *Mas pra vocês é tudo mais fácil, afirmou DÓ e ecoam vozes femininas em peso, discordando.*

– *Não, gente, não é posição machista (e continua, tentando se explicar). Foi feito uma pesquisa nos Estados Unidos...*

– *Não!, interrompe Alice. – Eu quero saber a tua opinião.*

– *Pois é...minha opinião é com base nessa pesquisa. Eles pegaram um homem bonito e uma mulher bonita, tá? E daí o que eles faziam: a mulher ia e atacou dez homens na rua. “Vamo transar agora”. Nove homens disseram “vamo”, tamo aí, né? Daí, tipo, um homem chegava nas mulher “vamo transar agora”, acho que uma só aceitou.*

As vozes que se interpenetravam e iam sendo lançadas, fazendo-se sentidas e

sabidas, misturando-se, e criando momentos para que algumas coisas reverberassem. A sala era preenchida. Encheram-se de coisas. Enchiam-se e esvaziavam-se de coisas.

– *É que na verdade são dois estigmas diferentes pra mesma coisa. O homem é...no caso, mais velho, que é virgem, é tido como um cara que não é eficiente, não é eficiente no que ele foi feito pra fazer, que é procriar, né? Não é um ganhão, não é o pegador, e tal. E a mulher, como a função dela seria, digamos, só ter filho, ela é a solteirona, é a que é deixada de lado, improdutiva...enfim. Eu acho que...são dois rótulos diferentes pro mesmo problema,* afirma FA.

Alice pensava em não falar, mesmo que seu corpo agonizante procurava conter a palavra. Intervinha quando um ou outro queria se manifestar e não conseguia. Os corpos procuram espaço - entre mãos que se agitam, corpos que se mexem nas cadeiras ao falar – para que se faça presente os diversos pontos de vista. As emoções circulavam, e não há hesitação no desejo de expor sua experiência, opinião, memórias. Residia a completa permissão do grupo para explorar o que fluía, mesmo com a notória demarcação maior da fala de uns sobre os outros. A conversa segue por muitos minutos, até o instante em que ela percebe que é preciso finalizar o encontro quando um deles precisa ir embora, em função do horário. As horas passaram...mas ela queria ainda fazer um último movimento de escrita com os que permaneciam lá.

O que foi isso aqui pra vocês hoje?, suscita como pergunta. Diz a eles que poderiam desenhar, caso não quisessem escrever, por isso havia entregue a eles os diários com folhas brancas. Um deles pede que fique com o livro (e ela não se contém da alegria boba desse pedido). Levanta-se e se dirige até o som. Põe novamente a música a tocar e por alguns minutos eles permanecem ali mais um pouco. A continuação das leituras, na sequência da roda, iria se dar na próxima semana.

Blocos de pensamentos soltos. 12 de maio de 2011.

Atenção. Olhares em mim, não perdidos, mas atentos, fixos. Livros nas mãos, jogo com o desconhecido. Surpresa: entram no jogo, encaram o convite (arriscam-se?). O que num primeiro momento parecia individual, em seguida parece tornar-se coletivo. Desconforto, nojo, angústia com a primeira leitura. Relatos, debate, memória, histórias, concepções, afirmação de opiniões, posicionamentos. Segunda leitura: ainda obscuridade, faces atentas, instigadas, questionadas. Não queria anotar, queria senti-las apenas. Que coisa, não queria me iludir, mas há uma entrega para esse estranho, mesmo que novo e pesado. As conversas que surgem me acalmam a alma. Acho tudo tão válido. Mais leituras, mais atenção aos

colegas, mais depoimentos e vozes até então não ouvidas por mim. Escrita, para mim, surpreendentemente presente (aceitaram esse diário?). Choro de um deles no final. Lágrimas que me desestabilizam, desinformam, regridem. O que dizem? O que escondem? Abraço-a na saída, porque preciso. Precisávamos uns dos outros nessa tarde, ousou acreditar.

* * *

Sapatos antigos

Uma semana depois, o grupo voltava a se encontrar. Alice havia acrescentado alguns poucos livros de poesia. Colocou-os no mesmo lugar, na ponta da mesa. Lembra que a repercussão do primeiro encontro havia sido boa, ou melhor, que de alguma maneira eles haviam abraçado a proposta. Exata em sua postura, ela permanecia incerta naquele lugar. Nesse dia, escrevia em seu diário o que notava na postura de seus colegas: eles estavam mais agitados. Já sabendo do que se tratava, não soava como novidade. Ou, por se sentirem à vontade, permitiam-se estar mais falantes, um tanto mais inquietos que no primeiro encontro. E Alice, notoriamente, mais nervosa, não sabia lidar com a dispersão alheia, o barulho maior nos corredores, e com sua impaciência. Suava, seus pensamentos estavam em descompasso, mas sorria, sorria um riso franco, quando seu corpo esquecia o porquê de estar ali.

Era uma atmosfera acesa, de ímpetos de alegria entre os amigos, gestos sinceros, brincadeiras, e de se deixar mostrar entre eles. As duas filas de gente, que se agitam, se mexem, pegam suas coisas, manuseiam livros e diários, separadas pelo espaço de vidro da mesa, aquele entre, como quase onde se vê a linha de fios que os ligam...que se soltam, esticam, freiam-se, enrolam-se e desenrolam-se na construção do tempo. O entre e sai da porta para a cozinha ao lado da sala, para esquentar a água do chimarrão; a térmica azul sempre cobiçada pela mão de quem quer encher seu corpo de café preto. Os olhos de um ou dois que observam silenciosamente os demais.

Alice irrompe e interrompe aquilo tudo. Dirige-se prioritariamente às duas pessoas que não estavam no encontro anterior e procura compor a mesma introdução realizada uma semana anterior: ela insiste na palavra convite, no desejo de não deixar aquilo soando como algo deliberado, do estar ali naquelas duas horas e meia e ter de ler alguma coisa aos

colegas. Sabia dessa condição e acreditava que a intenção a um convite de leitura estivesse sendo entendido por eles, abraçado, acolhido. Não sabia de onde vinha aquela crença boba de achar que poderia ser tudo tão interessante assim...ou pensar que aquilo que estava relacionado a sua vida fosse apresentar sentido na vida de outrem. Tempos depois, na escuridão de seu ego, ela foi, aos poucos, percebendo o excesso de coisas que carregava no seu olhar, na crença em seu eu-teórico e, tanta vezes, austera como consequência. Deu-se conta da irreversibilidade de aparecer, de deixar mostrar-se na relação com as coisas, com os outros.

Quando reiniciaram as leituras, Alice notara que os que já haviam lido no encontro anterior puseram-se a escrever em seus diários quase automaticamente ou manuseavam o livro novamente, pesquisando-o, estudando-o, com uma curiosidade agora mais madura. Em sua expressão sutil, mostrara que isso a deixava um tanto desconcertada: talvez quisesa o mesmo efeito do primeiro encontro e isso a incomodava; queria ter controle e previsão do que vinha...e não se deixava perder nessa obscura impossibilidade de fluir. Mais ainda, esperava que a cólera não se revelasse evidente ao perceber que alguns colegas riam e conversavam enquanto a primeira leitura – e mesmo antes dela – se efetuava. Em sua diagonal, DÓ: o rosto que ela enxergava melhor, e nele, percebia a conexão de comentários e brincadeiras que fazia com suas outras duas amigas, no outro lado da mesa, em sua frente. Isso talvez justifique mais adiante a cena que será descrita, sobre a leitura de DÓ. Alice procurava esquecer, mas anotara em seu diário esse sentimento.

Alguns minutos se passaram e, da necessidade de silêncio à leitura individual, o grupo todo começa a se acalmar. Alguns abrem seus diários e parecem ler o que escreveram. A claridade entrava pela janela, preenchendo a sala, e a falta de sons externos e de música deixava entoar o manuseio dos livros, escrita, tosses, copos plásticos levados à boca, alguma troca de comentário: sonoridade humana.

ZÉ, então, lê o conto escolhido.

Então vi a mulher, podia ser ela, ainda que mulher fosse menos emocionante, por ser mais fácil. Ela caminhava apressadamente, carregando um embrulho de papel ordinário, coisas de padaria ou de quitanda, estava de saia e blusa, andava depressa, havia árvores na calçada, de vinte em vinte metros, um interessante problema a exigir uma grande dose de perícia. Apaguei as luzes do carro e acelerei. Ela só percebeu que eu ia para cima dela quando ouviu o som da borracha dos pneus batendo no meio-fio. Peguei a mulher acima dos joelhos, bem no meio das duas pernas, um pouco mais sobre a esquerda, um golpe

perfeito, ouvi o barulho do impacto partindo os dois ossões, dei uma guinada rápida para a esquerda, passei como um foguete rente a uma das árvores e deslizei com os pneus cantando, de volta para o asfalto. Motor bom, o meu, ia de zero a cem quilômetros em nove segundos. Ainda deu pra ver que o corpo todo desengonçado da mulher havia ido parar, colorido de sangue, em cima de um muro, desses baixinhos de casa de subúrbio.

Examinei o carro na garagem. Corri orgulhosamente a mão de leve pelos pára-lamas, os pára-choques sem marca. Poucas pessoas, no mundo inteiro, igualavam a minha habilidade no uso daquelas máquinas.

A família estava vendo televisão. Deu a sua voltinha, agora está mais calmo?, perguntou minha mulher, deitada no sofá, olhando fixamente o vídeo. Vou dormir, boa noite para todos, respondi, amanhã vou ter um dia terrível na companhia.

O barulho no corredor incomodava. Havia uma criança chorando fora da sala e Deisi também se apresentava irritada com aquilo. O choro produzia uma agonia no grupo, distraía, desconcertava. À leitura de ZÉ, de entonação baixa e tranquila, atenção silenciosa mesmo com a conversa de gente nos corredores, o que deixava Alice inquieta. Em alguns pontos da leitura de ZÉ, os colegas o observam lendo, imóveis. Ao terminar, ele olha para os colegas e esboça um riso largo, quase involuntário, saído de um rosto expressivo, de um olhar doce.

Quando Alice lhe pergunta o que sentira e se havia escrito alguma coisa, afirma e responde que, como havia lido na aula anterior e lhe causado um impacto diferente à segunda leitura, resolve ler o que escreveu ao grupo:

O trecho do livro em questão é realmente interessante. Narrativa em primeira pessoa, envolvente, dá muita vontade de continuar lendo. Algo como se fosse uma “sede”, mas que vai aumentando ao invés de diminuir quando se “bebe” do texto. Sensação que eu não sentia há algum tempo. Desde o ensino médio, quando ainda tinha o prazer e a cabeça desocupada pela leitura. O trecho talvez tenha me seduzido dessa maneira por estar falando do cotidiano de uma família aparentemente normal. Mas o melhor mesmo é quando o narrador da história, que aparenta ser um homem cansado da vida e sem que suspeite, que usa seus atos ilícitos como válvula de escape para a chateação e morosidade de sua vida. Uma grande surpresa para mim na leitura. Também senti indignação pelo o que o personagem faz. Usar da vida de outras pessoas pra aliviar suas frustrações e após voltar pra casa como se nada tivesse acontecido. É de dar raiva mesmo uma atitude dessas. O que me faz pensar...Não fazemos isso com nossos alunos muitas vezes? Não descontamos nossos

rancores neles? Não podamos muitas vezes os seus sonhos e felicidade pela raiz? E depois ainda deitamos nossas cabeças no travesseiro e dormimos tranquilos?

– *Acho que é mais indignação mesmo, diz ZÉ, quando fecha o livro. – Tu lê...é como ele usa isso pra aliviar as tensões dele, né?, o corpo das pessoas pra isso. Ele não se importa como é aquela pessoa, que vida que ela tem, ele acaba simplesmente tratando como se não fosse nada.*

A escrita corria enquanto ZÉ falava: de cabeça baixa, os colegas ora o observavam, ora voltavam-se para os seus diários. Enquanto lá fora, o barulho fazia com que as vozes de dentro ficassem menos audíveis, a atenção vagueava no efeito produzido pelo conto.

– *É e ali não só o ato em si de matar. Tudo o que envolve...o carro dele, o orgulho do carro dele, como ele dirige bem... (ZÉ).*

– *O poder dele...(LA)*

ZÉ fala basicamente sozinho. Os outros colegas mantêm-se na escuta, pegando a caneta, anotando algo no diário, soltando-a novamente e fitando ZÉ. DÓ escreve sobre o que o texto lhe traz, *o prazer de matar/o extinto assassino que habita as pessoas. A caça do homem pelo próprio homem.* Acompanha-se SI quando escreve que não se sentia confortável em ouvir essas histórias de morte e dor. *Dói em mim, pois fico imaginando o que ouço e dói. Embora eu saiba que isso é real, não gosto de ouvir sofrimento, e se eu pudesse fugiria disso. Porque fica martelando dias na minha mente.* Ela, sentada ao lado de ZÉ, vira a cabeça e o observa no momento de sua leitura do diário, no momento em que menciona seu questionamento sobre o seu fazer com os alunos. SI, em seguida, em seu diário, escreve: *Que tipo de professor estou sendo no estágio? É difícil enxergar isso sozinha.*

CÁ, que não estava no encontro anterior, anota em seu diário, que só o faz porque DÓ, baixinho, sussurra para ela que anotasse nele, a cada leitura. Sobre o conto, escreve que muitas vezes *assassinamos alguém, matamos, ferimos, agredimos com palavras, dói menos que um atropelamento [...] Palavras grossas, impensadas podem nunca mais sair da cabeça, e ferir para o resto da vida. Quantas vezes você atropela pessoas quando está estressado? As pessoas atropeladas têm culpa do seu estresse? Alguém tem?*

* * *

Alice não chama o grupo, não pergunta se os mais distantes, sentados à outra ponta da grande mesa, queriam acrescentar algo. ZÉ termina de falar, olha Alice e ela chama por

LA, que na sequência da roda, seria a próxima a ler. LA apresenta seu livro: *Conversas Sobre o Ensinar*, de Rubem Alves. Não era um texto literário, como os outros. Por que, então, Alice teria escolhido? Em sua curiosidade, pegara de seus pais o livro da estante de casa e juntou-o aos outros para perceber se alguém o escolheria. O título e o autor invariavelmente chamariam a atenção de alguém que gostasse de continuar o movimento de leitura no âmbito da reflexão educativa. No entanto, Alice destacara um trecho inicial que falava do riso, da invocação do riso “daqueles que perceberam o ridículo da seriedade”, do riso que “obriga o corpo à honestidade”. No entanto, LA foi além. Havia pedido à Alice no último encontro para levar para casa e terminá-lo de ler e limitou-se, nesse dia, ao trecho *Sobre jequitibás e Eucaliptos. Amar*, para jogar na roda:

Pode ser que educadores sejam confundidos com professores, da mesma forma como se pode dizer: jequitibás e eucaliptos, não é tudo árvore, madeira? No final, não dá tudo no mesmo?

Não, não dá tudo no mesmo, porque cada árvore é a revelação de um habitat, cada uma delas tem cidadania num mundo específico. A primeira, no mundo do mistério, a segunda, no mundo da organização, das instituições, das finanças. Há árvores que têm uma personalidade, e os antigos acreditavam mesmo que possuíam uma alma. É aquela árvore, diferente de todas, que sentiu coisas que ninguém mais sentiu. Há outras que são absolutamente idênticas umas às outras, que podem ser substituídas com rapidez e sem problemas.

Eu diria que os educadores são como as velhas árvores. Possuem uma fase, um nome, uma “estória” a ser contada. Habitam um mundo em que o que vale é a relação que os liga aos alunos, sendo que cada aluno é uma “entidade” sui generis, portador de um nome, também de uma “estória”, sofrendo tristezas e alimentando esperanças. E a educação é algo pra acontecer neste espaço invisível e denso, que se estabelece a dois. Espaço artesanal.

Mas professores são habitantes de um mundo diferente, onde o “educador” pouco importa, pois o que interessa é um “crédito” cultural que o aluno adquire numa disciplina identificada por uma sigla, sendo que, para fins institucionais, nenhuma diferença faz aquele que a ministra. Por isso são entidades “descartáveis”, da mesma forma como há canetas descartáveis, coadores de café descartáveis, copinhos plásticos descartáveis. De educadores para professores realizamos o salto de pessoa para funções. É doloroso mas é

necessário reconhecer que o mundo mudou. As florestas foram abatidas. Em seu lugar, eucaliptos.

A leitura de LA não prendia. Ela mesma lia com certo cansaço, obrigação, despertando-os em alguns momentos. O silêncio atento instalado no início do encontro dissipou-se e tomou lugar uma atmosfera exaustiva, sob a voz de LA. O chimarrão passava de mão em mão, alguns por vezes a observavam, mas na medida que o tempo corria, a ansiedade para que a leitura tivesse fim só aumentava. Sonolência: cabeças se jogavam sobre os braços cruzados à mesa, o lápis e canetas foram soltos. Tédio tedioso, subordinação a certa indiferença à leitura. Não deixavam de observar LA, ereta em sua cadeira, segurando o livro nas mãos. Ela não sentia o que eles sentiam: não desviava o olhar de seu livro para o grupo, não havia pausas. Depois, mostrava-se mais presa a ele, ouvia-se e parecia produzir sentido irrepeticamente para si.

Sinto um clima pesado, onde não só eu, como todos os colegas se olham com olhos pesados prestes a se fechar. Seria algo que não queremos ouvir?, escreve VAL. O texto longo exigia uma atenção maior à composição das palavras, ao pensamento que queria provocar. MI escreve que percebeu *que era uma reflexão sobre professores e educadores, sobre profissões, mas não consegui me concentrar tanto, achei a leitura chata, não via a hora de acabar. Parece que ao contrário dos outros textos esse já não trazia as coisas prontas, as respostas, não senti um mistério, uma pergunta, algo que me fizesse saber o final. Acho que o conteúdo do texto seja interessante, mas não gostei da forma que era escrita.* O desejo de uma leitura que suscitasse outras coisas, porque pensar sobre isso exigia, não que eu me permitia tocar, sentir, mas racionalizar sobre o escrito, intelectualizar sobre um ser professor ou educador. Alice, também exausta e renegando o lido, anotava em seu diário: *a incomodação diante de um texto que, quando sai do âmbito do literário, impede o acolhimento?*

Na voz de LA, Rubem Alves afirma que “a pessoa passou a ser definida pela sua produção: a identidade é engolida pela função. E isto se tornou tão arraigado que, quando alguém nos pergunta o que somos, respondemos inevitavelmente dizendo o que fazemos” (p. 15). SÁ, em seu diário, escreveu que *quando nos perguntam o que somos respondemos o que fazemos* e, embaixo, acrescentou: *Por enquanto “estou”, e “estou” muitas coisas, ainda não sei se algum desses estares vai vingiar, vai se tornar um 'ser', ou serei um eterno estar, ou muitos deles ou, ainda de uma hora pra outra eu simplesmente me perceba sendo algo e aí sim poderei dizer o que sou. Não que eu não goste de estar, na verdade gosto muito, pois*

estando posso ser muitas coisas e nenhuma ao mesmo tempo. Posso mudar quanto quiser, errar, aprender e lidar com tudo isso e evoluir, compreender os outros. SÁ notara-se. Estando, podia ser muitas outras coisas.

Interminável, a leitura era interminável. Jogados à cadeira, a voz de LA produziu um clima tristonho, enfadonho. Era como se uma névoa impedisse que os rostos desanuviassem o corpo, que agora encontrava-se aparentemente encolhido. Alice espera uma pequena brecha para que LA contasse a parte que mais havia achado interessante, mas tudo lhe parecia interessante. Naturalmente, queria terminar um trecho que parecia ser o livro inteiro (notadamente, muito pequeno). Seu desejo era do compartilhamento do que lera. Em um momento, todos riram e, pacientes, continuavam ouvindo-a. Entre mais alguns minutos que se estenderam esperando pelo fim, Alice pergunta à LA porque havia gostado tanto dessa parte do livro. Entre risos de alívios, LA responde:

– Ah, porque eu também me questiono, será que sou professora ou educadora, ou repetidora, eu sou o quê? Sou mestre, eu ministro, eu domino, eu sou dominada...eu reprimo? Eu acho que sou um pouco de cada coisa a todo momento...mas eu tô muito preocupada agora com a qualidade, com a qualidade do meu ensino entendeu? Então ele questiona muito isso, né?

Folheando o livro, sem interromper seu raciocínio, ela continua:

– Tu pode ser professor, ministrar tuas aulas, repetir livros, tu pode ser até uma pessoa bem informada, entendeu...passar bastante conteúdo, mas será que é só isso ser professor? Será que não tem mais? E aí o amor e a satisfação...que eu acho que hoje em dia a cima de tudo pra ser professor tem que ter muito amor na profissão.

Olha para os colegas. Tempo. E diz:

– Que é esse o conselho que eu dou, os que tão começando...eu tô me aposentando, né? Se não existe amor, desistem, vão pra outra coisa...vão ficar frustrados. Tem que ter amor, aí tu não desiste.

Olhos baixos e pensativos não encontram os de LA, mas escutam a professora mais velha do grupo, cheia de coisas pra ser contadas, de histórias ainda desconhecidas, das quais ela mesma estava descobrindo. Entre as pequenas pausas que ela faz, o silêncio na sala só é cortado pelos estralos dos pequenos movimentos de objetos. Olhando para o livro que manuseia, e mais diretamente para os sentados à sua frente, LA continua.

– Aí tu vai achar uma forma, por mais que as dificuldades apareçam, por mais que tu pegue uma turma assim, braba, sabe...se tu gosta do que tu quer, tu vai atrás, tu vai procurar, tu vai estudar, tu vai pedir ajuda, tu vai fazer grupo de estudo [...] porque peguei uma turma lá em Porto Alegre que era ex-drogados, em recuperação, eles vinham tremendo pra aula

assim [solta o livro e faz o movimento das mãos tremendo] por causa da abstinência...e que uma vez tentaram matar uma professora, não foi eu o caso mas, saíram atrás dela no corredor [...] Não digo que vocês vão passar por isso, mas espero que nunca passem, por esse tipo de coisa.

Olha para os colegas ao seu lado, quando termina. Escora-se na cadeira e mostra o livro, oferecendo-o, caso alguém quisesse lê-lo, para saber o final. Sentira-se um tempo, um tempo de uma espera que alguém falasse alguma coisa...mas não! Alice agradece e olha para SI, enquanto o grupo relaxa, e volta a mexer em seus copos plásticos, em busca de mais café.

* * *

SI, que não estava no primeiro encontro, ajeita-se em sua cadeira e diz que havia pego o livro *Laços de Família*, de Clarice, porque há alguns anos atrás, quando *era pequena* e havia lido o livro, não o havia entendido. Ela continua:

–Aí eu peguei ele pra ler agora...mas eu não entendi, afirma rindo e balançando a cabeça, de forma tão sincera e inocente. As risadas do grupo todo com sua espontaneidade ingênua já deixavam o ambiente mais tranquilo e acolhedor para a leitura que viria: A menor mulher do mundo.

Enquanto isso, na África, a própria coisa rara tinha no coração – quem sabe se negro também, pois numa Natureza que errou uma vez já não se sabe se pode mais confiar – enquanto isso a própria coisa rara tinha no coração algo mais raro ainda, assim como o segredo do próprio segredo: um filho mínimo. Metodicamente o explorador examinou com o olhar a barriguinha do menor ser humano maduro. Foi neste instante que o explorador, pela primeira vez desde que a conhecera, em vez de sentir curiosidade ou exaltação ou vitória ou espírito científico, o explorador sentiu o mal-estar.

É que a menor mulher do mundo estava rindo. Estava rindo, quente, quente. Pequena Flor estava gozando a vida. A própria coisa rara estava tendo a inefável sensação de ainda não ter sido comida. Não ter sido comida era algo que, em outras horas, lhe dava o ágil impulso de pular de galho em galho. Mas, neste momento de tranquilidade, entre as espessas folhas do Congo Central, ela não estava aplicando esse impulso numa ação – e o impulso se concentrara todo na própria pequenez da própria coisa rara. E então ela estava

rindo. Era um riso como somente quem não fala, ri. Esse riso, o explorador constrangido não conseguiu classificar. E ela continuou fruindo o próprio riso macio, ela que não estava sendo devorada. Não ser devorado é o sentimento mais perfeito. Não ser devorado é o objeto secreto de toda uma vida. Enquanto ela não estava sendo comida, seu riso bestial era tão delicado como é delicado a alegria. O explorador estava atrapalhado. Em segundo lugar, se a própria coisa rara estava rindo, era porque, dentro de sua pequenez, grande escuridão pusera-se em movimento. É que a própria coisa rara sentia o peito morno do que se pode chamar de amor. Ela amava aquele explorador amarelo. Se soubesse falar e dissesse que o amava, ele inflaria de vaidade. Vaidade que diminuiria quando ela acrescentasse que também amava muito o anel do explorador e que amava muito a bota do explorador. E quando este desinchasse desapontado, Pequena Flor não compreenderia por quê. Pois, nem de longe, seu amor pelo explorador – pode-se mesmo dizer seu “profundo amor”, porque, não tendo outros recursos, ela estava reduzida à profundidade – pois nem de longe seu profundo amor pelo explorador ficaria desvalorizado pelo fato de ela também amar sua boca. Há um velho equívoco sobre a palavra amor, e, se muitos filhos nascem desse equívoco, tantos outros perderam o único instante de nascer apenas por causa de uma suscetibilidade que exige que seja de mim, de mim! Que se goste, e não de meu dinheiro. Mas na umidade da floresta não há desses refinamentos cruéis, e amor é não ser comido, amor é achar bonita uma bota, amor é gostar de cor rara de um homem que não é negro, amor é rir de amor a um anel que brilha. Pequena Flor piscava de amor, e riu quente, pequena, grávida, quente.

Uma atenção especial à leitura de SI. Todos olhavam a colega que, com sua voz limpa, pausada e emotiva, carregavam-lhes entre as palavras, suas entonações, a emoção suscitada, a entrega do ler. SI enfatizava suas pausas, teatralizava com sua voz a história de Pequena Flor, como uma onda que carrega na leveza involuntária aquilo que se agrega ao mar. Pausavam suas escritas, e fizeram-se novamente aqueles instantes eternos de silêncio atento, atento ao que se ouvia, ao estar li, mesmo que inconsciente, quando a coisa rara ria por não ter sido comida. O que SI narrava chegava a todos pela sua entonação, mas acima de tudo, pela coisa toda que mexia, movia, agitava.

Quando termina de ler, Alice lhe questiona sobre o que a leitura havia provocado, mesmo que não tivesse entendido. SI resume em fazer uma associação de acometimentos, no decorrer de sua leitura.

– *É que ele tem vários pedacinhos assim...e fica difícil tu pegar a parte inicial e ir ligando, costurando...porque ele fala da mulher, daí ele começa, no ponto de vista, a tratar um ser diferente como se fosse um ser de outro mundo; aí ele começa a dar a interpretação que várias pessoas deram; depois ele começa a falar do amor que ela sentia pelos outros e a forma como os outros interpretam o amor que ela sente...uma coisa assim.* Termina de falar rindo, envergonhada por não ter conseguido, usando novamente a palavra, “entender” o conto.

– *Mas tem alguma coisa pra entender? Alguém acha que tem que entender?* – pergunta Alice.

– *Ah, eu acho que dá pra entender várias coisas, depende a parte que tu pega,né?*, afirma RÉ.

– *O que por exemplo, RÉ?* (Alice)

– *Só o fim ali que ele fala do amor...que tu vê amor numa bota,* diz ela.

– *Coisa simples,né?* (DÓ)

Enquanto os outros ouvem, SI e RÉ cruzam passagens do conto, dissertando sobre o amor que não era um amor cobiçado, material. *Eu estou aqui viva e estou podendo olhar pra isso. Amo tudo porque estou viva,* diz RÉ.

VAL, que pouco se faz ouvir mesmo nas conversas entre os colegas, na outra ponta da mesa, levanta discretamente o braço para ser vista e diz que a parte que *pegou* do texto foi a de querer ter posse:

– *Gostar muito de uma pessoa e eu querer ela pra mim. Era uma das coisas que a gente tava comentando hoje, que o DÓ tava nos falando como a turma que a gente pegou do pibid esse ano é diferente da turma do ano passado que a gente pegou...tipo, a gente criou uma relação tão forte com eles que a gente não queria por nada deixar eles, sabe? Até hoje assim eles vem abraçar, ficou aquele carinho todo que a gente não tá tendo no início com essa turma, sabe? Então é bem aquela coisa assim, de tu querer ter posse de uma coisa que na verdade não é tua, mas tu quer ter aquilo pra ti, sabe? Tu acha bom e tu quer ficar com aquilo pra ti. E não é assim, né?*

O grupo funcionava a partir das falas uns dos outros. Cada um ia colocando o “entendimento” do que ouvira, com os corpos que se moviam em direção àquele que proferia seu ponto de vista. Pequena Flor, a personagem principal do conto, virara a figura do amor.

– *E de tá feliz só por não ser devorada ela fica também, né? Então tu pode pensar o ser devorado a um monte de coisa. Que nem, nós, a gente tem toda hora aí do lado, sempre tem*

uma coisa tentando devorar a gente; todo dia tem uma coisa que tenta puxar a gente pra baixo e coisa e...eu acho que só pelo simples fato de todo dia tu acordar e continuar aquilo que tu se propôs a fazer e ir lá e manter, mesmo cambaleando e coisa, mesmo tu tendo mil e um problemas, mas, ir lá e fazer, sabe...então, acho que é um jeito de tu tá feliz. Tu não foi devorado. No dia que tu acordar e dizer “não, eu quero voltar pra cama” e se esconder debaixo das cobertas, foi devorado pelas cobertas e as cobertas pelas cobertas.

Nesses momentos tornava-se visível certa cumplicidade no grupo, de um estar à vontade. Era o riso que se deixava mostrar, a escrita e um falar sobre as coisas que surgiam quando queria, quando havia o desejo. Era um tempo que se perdia, de uma escuta sem peso.

– *Vocês viram que ela também queria devorar o cara, né?, diz Deisi – Ela olhou pra ele e viu que ele devia ser azedo.*

– *Aquela parte do azedo é ótima, né?! (RÉ)*

– *Tem outra coisa aqui que é não intelectualizar o amor. Uma coisa é o amor “eu gosto e ponto”. Eu não preciso explicar e eu não preciso definir, eu não preciso de uma fórmula, de um jeito que é o que prova que seja gostar...é só fruição [...] nela é só fruição.*

No diário de SI, a leitora de Pequena Flor, seus primeiros escritos mostravam sua fuga da zona de entendimento, aprendendo alguma coisa com aquele amor da personagem.

Após ler novamente entendo-o um pouco fragmentado. O que mais mexeu é o amor sem pensar no material, do ponto de vista da pequena flor, e como os outros a viram pequena como um objeto, material, algo para ser usado, no entanto, é um ser vivo, um ser humano, que parece inocente e que se contenta por coisas pequenas, poucas. Me faz pensar um pouco como vejo as minhas práticas, a minha relação com os alunos (não os vejo como alunos-objetos, são especiais, pensam, mas como será que eles me veem?). Às vezes que me frustro por não me contentar com coisas pequenas que, talvez, não sejam tão pequenas assim, ou, talvez, sejam menores ainda?

MI nesse dia estava silenciosa e deixava transparecer um ar cuidadoso, delicado em sua postura, saindo do seu diário somente quando alguém ao lado dela demandava sua atenção, permanecia observando e na maior parte do tempo, escrevendo. Sobre a leitura de Clarice, refere-se a sua filha, e do quanto amá-la podia sufocá-la: *Lembro ainda, do quanto às vezes não conseguimos demonstrar o quanto gostamos, não conseguimos demonstrar isso, e se o quanto às vezes gostar podemos fazer atos que machucam, que para quem os recebe não são tão bons quanto o que a pessoa que os comete acredita. Vemos isso acontecendo o tempo todo, o sentimento de posse, de ser dono, de querer mandar, confundido com o sentimento de carinho, e gostar. Eu tento tomar muito cuidado com isso*

em relação à minha filha, para não sufocá-la por gostar tanto dela, e para deixar ela viver sua vida, e não como eu gostaria.

Alice comenta que o conto lhe remetera ao sentimento de poder sob o índio ou negro, das imagens criadas em cima dessas figuras e, ainda assim, como no caso da Pequena Flor, sentir-se feliz, rir simplesmente por estar viva, quase como que um alívio diante do olhar predador do branco; era um acontecimento pequeno, mas grandioso. O que reverbera no grupo em função de índios e negros dá a imagem de consistir assim, numa fala sob fala, num jogo de pontos de vista sob vidas que não eram as dos que discutiam naquele momento. Era um falar pelo outro, sentir pelo outro, viver pelo outro: isso incomodava Alice a ponto de procurar seu diário para escrever, e não falar, não querer impor seu modo de perceber as coisas, deixando que se estendesse para onde desejasse. Ela interrompe quando chama por DÓ, um tempo depois, e diz:

– Lê aí o que tu selecionou pra gente.

* * *

Pega nas mãos o Quintana de Bolso e afirma enfaticamente, em tom alto, numa postura ereta e altiva que havia *selecionado um monte*, mas que resolvera ler dois daqueles. DÓ conseguia deixar a atmosfera fluente, através de seu humor singular. Antes de iniciar a leitura da poesia, porém, deixara claro que *é poesia, né, então cada um interpreta o que acha*. Fundamenta essa afirmação através de uma citação decorada, mas troca as palavras, e se perde, fazendo o grupo rir. Assim, olha para o livro e inicia sua leitura:

*Eu nada entendo da questão social.
Eu faço parte dela, simplesmente...
E sei apenas do meu próprio mal,
Que não é bem o mal de toda a gente,
Nem é deste Planeta... Por sinal
Que o mundo se lhe mostra indiferente!
E o meu Anjo da Guarda, ele somente,
É quem lê os meus versos afinal...
E enquanto o mundo em torno se esbarronda,
Vivo regendo estranhas contradanças
No meu vago País de Trebizonda..*

*Entre os Loucos, os Mortos e as Crianças,
É lá que eu canto, numa eterna ronda,
Nossos comuns desejos e esperanças!...*

Esse foi o poema de Quintana, escolhido no primeiro encontro. Em seu diário, encontra-se a transcrição de diversos trechos e mesmo poemas inteiros do Quintana de Bolso. De um encontro com Mário, rabiscos. Lê o que escreveu em sua face de entendimento, misturado ao que lhe produz o texto enquanto afecção. Seu diário é traçado com todos os poemas que continham no livro e a expressão escrita sobre os mesmos. Sobre este poema, ele escreve sua interpretação, mas no encontro, ele lê o que escrevera, traduzindo-o.

–Aquele dia eu tava mais inspirado, daí eu vou falar o que eu anotei. Então...hoje não tá legal...mas enfim. Assim, ele lê:

Afirma que nada entende, só participa, simplesmente; Não procura saber, não faz questão de saber; não aparenta ter a ganância de saber/entender o que é que o mundo é. Não se preocupa com isso. [–Tipo, tá eu tô aqui, mas não quero saber o que é isso aqui, quero viver isso aqui, sabe?]. Seus próprios males talvez ninguém os entenda, por isso não mostra ou permite se mostrar. [– E isso, tipo, vem a calhar com o que eu tava falando hoje de manhã pra Deisi, tipo, às vezes o professor tem alguma coisa, mas não permite mostrar essa coisa pro aluno...ele guarda pra si, porque acha que o aluno talvez não entenda ou não é da conta do aluno, mas ele guarda pra si...não só o professor, mas todo mundo,né?]; todos são indiferentes a ele; então seja ele diferente a todos [–Aquela impressão: ah, todo mundo me dá as costas, então tá, beleza, vou dar as costas pra todo mundo também.] Seu anjo da guarda é o seu próprio eu [–Não consigo ver o anjo da guarda que ele descreve na poesia como um anjo da guarda mesmo, acho que é ele mesmo, só ele mesmo sabe o que é ser ele], já convicto de suas ideias finais, tendo a certeza de que já foi colocado um ponto final. E lá fora tá um caos, mas por que se importar? Viva e deixa que vivam os outros; faça sua dança no silêncio. E por que então Loucos, Mortos e Crianças? [–Por que que ele traz justamente esses segmentos assim...] São os segmentos que ninguém ouve. [–Né? Ninguém dá bola pra um louco, ninguém escuta um morto. Lógico, né? – risos de todos - e ninguém escuta as crianças também, né?] E é lá que ele se sente bem, talvez até liberando seu anjo da guarda, porque já tem companhia. [–É mais ou menos isso que eu entendi, assim].

- *Qual foi a que te provocou mais?* pergunta Alice, séria, na intenção de que DÓ continuasse a falar dos poemas. Ela observara que, na semana anterior e mesmo nesse dia, DÓ lia e relia poemas do livro.
- *Ah, tem um monte, responde ele. Sabe por quê? Tipo, eu adoro Quintana. Teve uma época assim que, tipo, era muito, que eu era bem diferente do que sou agora. Eu lia as coisas e guardava pra mim, sabe? Daí, tipo...vários poemas assim, vários não...hoje só me lembro de dois do Quintana, um do Augusto dos Anjos assim de cabeça. Primeiro li esses dois porque tu tava pedindo, mas eu li todos eles...todos não também, mas eu ia passando assim, e de duas páginas, um eu lia, sabe? Então, têm vários aqui que eu anotei, se fosse pra falar...*
- *Mas algum te mexeu mais que outro?* (Alice)
- *Ah! Não desses aqui [os que ela havia selecionado]! Um que eu li justamente hoje só.*
- *Tu lembra?*
- *De cabeça? É a pequena crônica policial...só o final dela aqui. É pra ler? Ela mexe a cabeça afirmativamente. Então, DÓ leu para o grupo:*

*Jazia no chão, sem vida,
E estava toda pintada!
Nem a morte lhe emprestara
A sua grande beleza...
Com fria curiosidade,
Vinha gente a espiar-lhe a cara,
As fundas marcas da idade,
Das canseiras, das bebidas...
Triste da mulher perdida
Que um marinheiro esfaqueara!
Vieram uns homens de branco,
Foi levada ao necrotério.
E quando abriram, na mesa,
O seu corpo sem mistério,
Que linda e alegre menina
Entrou correndo no céu?!
Lá continuou como era
Antes que o mundo lhe desse*

*A sua maldita sina:
Sem nada saber da vida,
De vícios ou de perigos,
Sem nada saber de nada...
Com a sua trança comprida,
Os seus sonhos de menina,
Os seus sapatos antigos!*

Em seguida, ele diz:

*–Tipo...acho que todo mundo ainda é um pouco criança. Tipo...acho que todo mundo carrega ainda um pouco do que veio, do que é...e por mais assim que tu...[Intervalo. Ele para de falar, esboça um riso envergonhado, escondido, fazendo as colegas rirem também. Todos o observam, e logo baixam a cabeça, quando percebem que DÓ chora. Ele volta a segurar o livro, mas fecha-o novamente, levando sua mão ao rosto. A face se faz em choro. Sua mão encontra os olhos, apertando-os, procurando se conter diante dos colegas. Balança-se na cadeira, olhando para a janela, enquanto seus colegas lhe observam e, na delicadeza de não coagir a emoção, mantêm a cabeça e o olhar para a mesa. Eles observam uns aos outros. O silêncio que cortara permaneceu por segundos infindáveis. Balançando-se na cadeira, enxugando as lágrimas, DÓ retorna a fala no impulso, no último fio de coragem que sobrara].– *Que nem essa mulher, ela morreu, né?! Mas por mais que aqui falavam que ah, ela já não é mais o que era, ela encontrou o que ela era. Eu acho que é assim com todo mundo, tipo...por mais que às vezes venham e te coloquem um monte de título e algumas coisas, algumas cartas sobre você, tu ainda é o que sempre vai ser. E eu acho que a pessoa tem que ser por ela o que é.**

Terminara sua leitura de si ainda com a voz embargada, com a mão sob a boca, segurando o choro que queria sair entre os dedos. A entonação de sua voz era mais suave, e seu semblante havia se fechado.

Alice, constrangida, devolve-lhe o olhar de afirmação. Dentro de si, ria-se, como que orgulhosa das lágrimas que seu colega havia derramado. Acreditava que ele tinha que se encontrar com aquilo. Ela despiu-se agora de sua certeza aparente, perdendo a capacidade de continuar e dizer qualquer coisa. Deisi interrompe o silêncio, trazendo uma frase de Estamira, que vai ao encontro das palavras de DÓ: *– Eu me tenho orgulho.*

* * *

Blocos de pensamentos soltos. 18 de maio de 2011

Fujo de te encontrar, diário. Desde que cheguei, estou procurando fugir de qualquer tarefa que me aproxime da lembrança do encontro de hoje à tarde. Sei que o movimento que a leitura faz nunca se repete, mas não posso deixar de admitir que esperava que a mesma entrega do 1º encontro dos alunos tivesse acontecido hoje, e que meu espírito estivesse também lá e que, por algum motivo, não estava. Não soube administrar bem a presença da Deisi; não soube lidar com as conversas paralelas; não soube lidar com o desconforto que visualmente os colegas apresentam com a fala/relato longo da leitura do outro; não soube lidar com os olhos sarcásticos, desatentos, com o sono, e com o choro deles. DÓ me tentava, é a única coisa que lateja agora na mente. Estava indiferente às leituras, aos colegas e a si mesmo. Procurava não me ater a isso, mas também sabia que não podia ignorá-lo. Desconcentrou-me, irritou-me e tive que administrar por um tempo essas emoções. A forma de me “vingar” era buscar o que me parecia que lá no fundo, opaco, mas latente, existia nele. Suas lágrimas, então, me assustaram, mas sorri internamente. Não de deboche, mas de um saber que ele precisava se deparar. Agora, me envergonho e me pergunto: o que estou fazendo? Um choro e fala que provocam lágrimas internas nas outras pessoas da roda. Todas, que já carrego um carinho imenso, e que deixam marcas em mim. Invado seus mundos! Isso é legítimo? É permitido vasculhar coisas que tem um valor tão grande a eles, assim, como se tivessem me dado autorização, de fato? Há muito tempo não sentia estas consecutivas perturbações por estar mexendo em algo tão delicado e que me tem trazido a insônia e, um pouco mais, a solidão.

* * *

O silêncio quase eco

Decidiram sair daquele território, demasiado formativo, escolar, no entanto, lugar onde pareciam se sentir à vontade, acolhidos, permissivos. A sala elegida foi aberta e, estendidos no chão, encontravam-se alguns colchonetes azuis, distribuídos em círculo. Havia um cheiro adocicado no ar. Mas fora difícil sentir-se ali, tão impessoal e frio, quanto foi o encontro deles nesse dia.

Entraram na sala e a maior parte deles havia arrastado os colchonetes em direção à parede; sentaram-se, encostaram-se a ela. Enquanto ouviam Alice, suas expressões fechadas e inacessíveis preenchiam a sala, e uma atmosfera um tanto melancólica já ocupava aquele espaço estranho.

Alice conversara com Deisi dias antes e haviam lido seus diários uma para a outra, referente ao último encontro, o das leituras. Deisi sugerira que gravassem suas falas lendo os escritos e colocassem para o restante do grupo ouvir, já que se tratava do encontro com a escuta de alguma coisa. Alice resistira, tinha receio de que não entenderiam seu sentimento diante do que havia acontecido nela naquele dia. Seus escritos soavam de forma agressiva...mas havia passado e só ela podia saber o quanto ter vivido aquilo lhe doía. Estar ali lhe doía. Tinha medo da reação particular de DÓ, único nome o qual se referia em seu diário. Mas no fim, Deisi acabou lhe convencendo e gravaram suas falas.

No dia, depois de falar ao grupo o sentido da construção daquele encontro, Alice aperta o botão que fez a voz de Deisi ressoar na sala e dar início ao constante silêncio que passou a preencher o tempo.

Fotografia interior da aula de quarta

Penso na aula de quarta e resolvo escrever; já me referi a ela várias vezes na semana e algumas vezes chorei novamente...ando uma manteiga derretida! Essa semana, como diz a SOL, vamos para um movimento mais leve. É preciso não tensionar demasiado, encontrar o ponto! Que corajosos meus alunos em aceitarem esse convite à desestabilização que estamos fazendo, esse permitir-se ficar fora do eixo, não racionalizar, ficar à deriva...como disse SI do seu jeitinho doce: “acho que não entendi quando li antes e continuo não entendendo”. Essa honestidade de se colocar ali inteira, com o que se tem, ou como o choro do DÓ, com quem todos de alguma forma choramos...e mentalmente o abraçamos e suspendemos a respiração enquanto se refazia continuar, e que importante aquele continuar! Ou como a força da LA em ler mesmo causando desconforto em quem ouvia, já que “o final era tão lindo!” – e que impaciência a nossa/minha que quase dava para tocar com a mão? (O que no bendito texto me incomodou tanto que não pude suportar? Vou ter que reler o tal). Adorei o ZÉ, lendo de peito aberto sem tremer a perna, poderoso em seus comentários. E a CÉ estava ali? Ou foi se embora para Pasárgada? O restante, flashes: Olhares cruzados com a Alice, um brilho nos olhos da VAL. O que tanto a MI falava com a CÁ? Não conseguem se conter? O sorriso aberto da SOL – um sol – lendo Bruna Surfistinha, feliz descobrindo a sacanagem. Não lembro do livro da RÉ, só do “eu não quero

meu...eu te quero teu!” Tenho certeza que nada escapou do olho esperto da SÁ. Na seriedade da FA, parei um bom tempo – ela estava se contendo – Por que não me olha? Pergunto mentalmente o que está acontecendo e ela me evita! Não é o momento, ok! Aceito sua negativa. E a Alice, o que estará pensando disso tudo? Ainda nem me referi às leituras feitas e percebo muitas aprendizagens feitas e quantas ainda por fazer? Por agora sei que foi bom, muito bom!

Ouviam atentos, concentrados, em absoluto silêncio. Por vezes informes expressões, ou que, na sua paralisia, impediam de serem lidos. Dizer que se mostravam tristes não seria possível, porque a tristeza escancara o olhar que parece pedir, ou mesmo foge do encontro dos outros olhares. Ao ouvirem as vozes de Deisi e Alice, seus olhos acompanhavam o movimento delas pela sala, procurando sentido ao que ouviam, talvez pensando sobre aquele desabafo íntimo e não menos invasivo. Ouviram primeiro o diário de Deisi, depois o de Alice, a qual, no decorrer do relato que entoava, mostrava suas faces ruborizarem. Os escritos referiam-se ao encontro de formas diferentes, ambos faziam referência à figura e choro de DÓ, mas somente o de Deisi trazia todos os outros personagens da roda e suas leituras. O olhar dela acentuava os jeitos e trejeitos de cada um, com curiosidade e carinho à expressividade do grupo. O receio de não ser compreendida em seu egoísmo confirmava a postura ainda altiva de Alice, que se revelava impune, mesmo que sentisse exatamente o oposto. Estava completamente nua. Agora sabia o que era estar exposta. Era como se suas vergonhas estivessem à vista e não pudesse escondê-las sob seu corpo, somente por sua própria sombra. Mais do que nua: um completo animal acoado, que diante do olhar demasiado humano, entende que acabava de cometer um grande erro.

Esperava um olhar ao menos reprovativo, pelo menos isso lhe serviria. Nada. Mas o que sabia? Fugia de olhá-los, não os encarou. Imediatamente após ouvir seu relato, correu para desligar o computador e colocar outra coisa na sequência. Além de tudo, fora covarde. E o que pendia ali era apenas um completo e constrangedor silêncio; silêncio como nuvem, como poeira de desencanto, desassossego velado, sustentado por um fio muito tênue de tolerância em estar ali.

Mas precisava continuar. Em seguida explicou ao grupo que atentassem ao mesmo movimento quanto ao que fossem ouvir, sobre o que poderia causar-lhes: o que estranhariam, incomodaria ou afetaria, o que acolheriam ou não da música/crônica/poesia? Alice, agora ao lado do aparelho de som, pegara seu diário e pusera o poema a tocar. O primeiro deles: Poema em Linha Reta, de Fernando Pessoa.

*Nunca conheci quem tivesse levado porrada.
 Todos os meus conhecidos têm sido campeões em tudo.
 E eu, tantas vezes reles, tantas vezes porco, tantas vezes vil,
 Eu tantas vezes irresponsavelmente parasita,
 Indesculpavelmente sujo,
 Eu, que tantas vezes não tenho tido paciência para tomar banho,
 Eu, que tantas vezes tenho sido ridículo, absurdo,
 Que tenho enrolado os pés publicamente nos tapetes das etiquetas,
 Que tenho sido grotesco, mesquinho, submisso e arrogante,
 Que tenho sofrido enxovalhos e calado,
 Que quando não tenho calado, tenho sido mais ridículo ainda;
 Eu, que tenho sido cômico às criadas de hotel,
 Eu, que tenho sentido o piscar de olhos dos moços de fretes,
 Eu, que tenho feito vergonhas financeiras, pedido emprestado sem pagar,
 Eu, que, quando a hora do soco surgiu, me tenho agachado
 Para fora da possibilidade do soco;
 Eu, que tenho sofrido a angústia das pequenas coisas ridículas,
 Eu verifico que não tenho par nisto tudo neste mundo.
 Toda a gente que eu conheço e que fala comigo
 Nunca teve um ato ridículo, nunca sofreu enxovalho,
 Nunca foi senão príncipe - todos eles príncipes - na vida...
 Quem me dera ouvir de alguém a voz humana
 Que confessasse não um pecado, mas uma infâmia;
 Que contasse, não uma violência, mas uma cobardia!
 Não, são todos o Ideal, se os oiço e me falam.
 Quem há neste largo mundo que me confesse que uma vez foi vil?
 Ó príncipes, meus irmãos,
 Arre, estou farto de semideuses!
 Onde é que há gente no mundo?
 Então sou só eu que é vil e errôneo nesta terra?
 Poderão as mulheres não os terem amado,
 Podem ter sido traídos - mas ridículos nunca!
 E eu, que tenho sido ridículo sem ter sido traído,*

Como posso eu falar com os meus superiores sem titubear?

Eu, que venho sido vil, literalmente vil,

Vil no sentido mesquinho e infame da vileza.

Alguns escrevem. Permaneciam em silêncio, na expressividade que esquece seus gestos involuntários, vigilante ao que toca. Alice, nitidamente nervosa e angustiada com a atmosfera que se instaurara após a leitura do diário, não conseguia lidar com a infinidade de imagens que lhe vinham à mente, ao sentimento de nunca querer ter lido aquilo, de ainda se sentir despida, como nunca se houvera visto em ambientes que compunham as salas desacolhedoras pelas quais transitara anos anteriores. Senta-se na cadeira próxima ao som e começa a explicar por que escolhera aquele poema para trazer ao grupo.

– *Me deparei com ele quando eu tinha mais ou menos uns 18, 19 anos, a primeira vez que minha irmã me apresentou o Fernando Pessoa. E...era uma época que eu estava fazendo cursinho, se não me engano, uma época bem complicada assim, pra mim. Mas eu adoro esse poema porque ele cabe pra mim em todos os momentos da vida...sempre que eu ouço ele faz algum sentido porque...eu me sinto bem ouvindo ele. Eu me sinto normal, sabe? Me sinto humana, me sinto...tudo que eu sinto tá ali, sabe? Me diz coisas que me fazem perceber que não, as coisas que eu sinto não são da Alice e eu quase...que é como se eu não enxergasse essas coisas nos outros, essas coisas boas nos outros, sabe? As pessoas sempre tentando ser alguma coisa que elas não são.*

Enquanto ela falava, quase todos a observavam. Ela se perde, embaralha tudo que gostaria de ter dito. Suas mãos tremem, a boca está seca, e suas bochechas ainda continuavam ruborizadas, sentindo o calor incessante que lhe tomava o corpo. Colocara suas palavras em termos que procuravam dar sentido ao que o poema provocava nela, de um tempo presente, de um sentir presente ainda preso a um ente já inexistente. Ela fixa no controle de continuar no mesmo movimento interrogatório, perguntando se alguém anotara alguma coisa e que gostaria de compartilhar.

– *Te dá permissão pra um ser humano, né? Um ser e funcionar humano que a gente pensa que só acontece na gente, diz Deisi.*

Alice espera, olha para a roda, a roda se entreolha, naquele fio de tempo curto-infinito de silêncio. Ela pergunta novamente se alguém queria ler o que havia escrito e, então, CÁ resolve dizer:

– *Eu anotei: eu que tenho sofrido de pequenas coisas ridículas e estou farto desses semideuses.*

– *É, ele fala: Arre, estou farto de semideuses! Onde é que há gente no mundo?*, completa Alice.

Ela coça seus olhos, e continua os observando. CÁ observa Alice...olha para Deisi. Alice disfarça seu olhar breve procurando DÓ, que estava inerte. Era isso: olhos que se procuram, tentam se justificar, coagidos naquela ausência de qualquer ruído. Na duração do tempo, latejava e insistia o efeito da leitura do diário, do efeito do encontro fortuito, dos signos que emanam, e da própria significação dada ao que simplesmente lógica alguma dá conta. Presta atenção aos que não estavam ali, também os que se sentem ali, e do quanto o silêncio parecia musicalizar o mergulho num lugar desconhecido, e que ela gostaria de ter acesso. A fala que não sai, o corpo que não se move, e alguns que não discorrem.

Volta seu corpo em direção ao som e afirma que vai colocar a próxima poesia. Pega seu diário, onde anotara a sequência de músicas planejadas, mas se perde em suas próprias anotações, demorando-se mais do que o esperado e saindo mais ainda do corpo-seguro, do controle da execução linear e planejada do encontro. Os corpos esperam, uns ausentes ao que acontecia por ali, outros atentos ao ruído tenso que se sentia. Alice explica onde encontrara a série de crônicas de Clarice Lispector, colocando para tocar primeiramente Medo do Desconhecido.

Então isso era felicidade. E por assim dizer sem motivo. De início se sentiu vazia. Depois os olhos ficaram úmidos: era felicidade, mas como sou mortal, como o amor pelo mundo me transcende. O amor pela vida mortal a assassinava docemente, aos poucos. E o que é que eu faço? Que faço da felicidade? Que faço dessa paz estranha e aguda, que já está começando a me doer como uma angústia, como um grande silêncio? A quem dou minha felicidade, que já está começando a me rasgar um pouco e me assusta? Não, não quero ser feliz. Prefiro a mediocridade. Ah, milhares de pessoas não têm coragem de pelo menos prolongar-se um pouco mais nessa coisa desconhecida que é sentir-se feliz, e preferem a mediocridade.

Poucas escritas em seus diários. Gestos inexistentes, quase imóveis. Pareciam, sim, agora tristes e apreensivos. Alice pausa a música, olha para cada um deles (Espera. Esperas). O incômodo sutil no corpo que se lê pelo aparente descaso e indiferença de DÓ: o sujeito permanecia de cabeça baixa, a não olhar diretamente para nenhum membro daquela roda. O silêncio que dói, a postura que dói, a exigência de ser o que não precisa ser, que dói. O mistério como marca inerente desses (des)encontros, o qual Alice, no trôpego inspirar de

pulmões, quisera desvendar. O esperar, esperar e esperar (dos outros). Cansara. Deisi faz um sinal como quem diz: “coloca a próxima, vai!” E foi-se!

O prazer nascendo dói tanto no peito que se prefere sentir a habituada dor ao insólito prazer. A alegria verdadeira não tem explicação possível, não tem a possibilidade de ser compreendida - e se parece com o início de uma perdição irrecuperável. Esse fundir-se total é insuportavelmente bom – como se a morte fosse o nosso bem maior e final, só que não é a morte, é a vida incomensurável que chega a se parecer com a grandeza da morte. Deve-se deixar-se inundar pela alegria aos poucos – pois é a vida nascendo. E quem não tiver força, que antes cubra cada nervo com uma película protetora, com uma película de morte para poder tolerar a vida. Essa película pode consistir em qualquer ato formal protetor em qualquer silêncio ou em várias palavras consentidas. Pois o prazer não é de se brincar com ele. Ele é nós. (O nascimento do prazer. Clarice Lispector).

SÁ, de olhos fechados, ouve a voz que ecoa na sala, cravada. MI, LA, CÁ, VAL, CÉ, DÓ, ZÉ, RÉ, SOL, Deisi, FA, SI, ouviam olhando para pontos diferentes, como se não estivessem ali. A imagem de rostos que parecem perdidos. E Alice perde-se nisso também. Em sua incapacidade de lidar com o imprevisível diz para o grupo que iria colocar mais uma em seguida, mas tropeça na inquietação do silêncio, e dos olhares coletivos sobre ela, que a esperavam. De novo, os intermináveis segundos que passaram, o tempo do qual nunca se é permitido sentir, calar, ouvir, silenciar. Era uma infinita, aguda e incessante voz que gritava no ouvido de cada um deles, fazendo irromper alguma coisa, pensava ela. E o pulsar angustiante de seu coração invadira por completo sua alma, como um cão com sede de carne. Todos esperando que ela apertasse o *play* e acabasse com aquele silêncio que afligia a todos. Ela diz que inverte o que havia pensado - porque já não havia mais o que perder ali - e coloca a provocação de Arnaldo Antunes, Dois ou Mais Corpos no Mesmo Espaço: faixas musicais que dão sonoridade de alguns poemas em vários canais de vozes simultâneos, criado a partir do livro de poesias do músico. Ela se abandonava, abandonava qualquer coisa que tivesse que explicar. Queria-se invisível, falar era o mesmo que ser invadida por corpos estranhos. Escolhe um, mas no qualquer um ainda demora para alguma coisa preencher o tempo vazio de som, o espaço entupido de silêncio. “Toca Agá, toca!”. DÓ olha o relógio.

*A gagueira quase palavra quase aborta
a palavra quase silêncio quase transborda*

o silêncio quase eco

Incomodar. Desacomodar. *Dois corpos ou mais no espaço-Incômodo*, escrevera SÁ em seu diário. *Não foi agradável aos meus ouvidos*, escrevera CÉ. A voz grave de Arnaldo, repetidas vezes, perturbara e teria rompido como um golpe o silêncio outrora gritante. E no desejo de transpor em palavras a circulação de signos produzidos lá, irrompe um exagero imoderado, você pensa. Quando termina, Alice fala que pensara em trazer justamente essa sonoridade, que também lhe desagradara nas primeiras vezes (e agora, de novo, inconcessavelmente), mas que, com o jogo da sonoridade das palavras, passara a soar interessante. Não satisfeita, ela ainda tentava traduzir a intenção de Arnaldo, cuja intenção ela mesma desconhecia. Falar, falar, falar, mesmo que não quisesse, que a angústia lhe insurgisse à vontade de calar. Em seu impasse de colocar outra na sequência “porque ninguém falava nada”, Deisi acrescenta:

– *É muito legal quando a gente se depara com um trabalho que a gente quer colocar as coisas num lugar...a gente não consegue lidar com o que tá fora de lugar, fora de lugar pra uma lógica e pra um tipo de lente que a gente usa pra olhar o mundo, né? E aí isso te desacomoda, te causa estranhamento e, em geral, tu não te sente a gosto, né? A gosto no sentido de encontrar aquela cadeira acolhedora que já tem o formato do teu corpo, que já tem...onde tu já construiu um lugar no mundo que tu tem, né? Que tu consegue encontrar o teu corpo, os teus limites. Então assim, esse trabalho de desacomodar, de transgredir, ele é super importante. Que é aprender a olhar de outro lugar, né? Como se tu tivesse possibilidade de subir na mesa e olhar de cima, ou olhar de baixo, deitado ao chão, ou fazer outros movimentos que te dessem outras visões que aquelas que a gente sempre tem quando ocupa o lugar comum, o lugar de sempre.*

Todos olhavam para Deisi, ouvindo-a, atentos. Seus corpos pareciam mais leves, mas o paredão humano que havia se construído no primeiro minuto do encontro parece que permanecia inerte em si mesmo. Alguma coisa ligava-os uns aos outros, como se por baixo de suas roupas, suas peles estivessem ligadas em uma única estrutura, onde as expressões e modos de se afetar se davam conjuntamente. Uma maquinaria produzida no sentir as coisas juntas. Funcionavam assim.

Em seguida, RÉ quis voltar a uma das crônicas de Clarice (Medo do Desconhecido):

– *Ninguém falou nada mas eu fiquei pensando...que ela fala sobre a dor de viver a felicidade dela. Eu vi mais ou menos pra um lado assim, que às vezes, tu pensa assim “como é que eu posso tá tão feliz”, não se permite às vezes tá feliz, porque os outros não estão*

felizes. Como é que eu posso tá feliz se uma pessoa tá mal? E tu mostrar a felicidade perto dos outros que não estão felizes...ai tu “ppssss”!! Eu só conto o que tá ruim, eu só falo o que é ruim porque é mais fácil mostrar que eu não sou uma pessoa feliz...totalmente?. Porque às vezes quando tá tudo muito bom, ou tudo muito feliz as pessoas dizem assim “ah, essa aí não sofreu, tem uma vidinha boa.”

– *É que a felicidade incomoda, né?, afirma ZÉ.– Felicidade alheia incomoda...*

– *Ou às vezes a gente tá tão feliz, aí tá tudo tão bom...e vai acontecer alguma coisa. “Que será que vai acontecer?”, afirma SOL.*

Riem-se diante da ideia de um ser feliz não permitido, coagido. Alice e RÉ continuam conversando sobre o que remete à crônica, se ela estaria certa sobre o que Clarice “queria dizer”. Alice afirma que não há nada que seja isso ou aquilo, como se tivessem que interpretar o que Clarice dizia. São as coisas que se sente e ao que te remetem que são interessantes. Deisi afirma que, para ela, já remeteu um monte de outras coisas. Coisas que não estão na poesia. RÉ concorda e confirma que isso foi exatamente o que na hora ela pensou: o que não estava na poesia.

– *Mas isso é o movimento, afirma Deisi. - Às vezes um texto funciona porque ele te leva a pensar coisas exatamente contrárias àquilo que ele tá propondo.*

– *Poesia é uma arte que...a gente tem um vício de tentar interpretar a poesia, mas ela não tem interpretação. Ela tem efeito sobre nós. Às vezes é o que passa pelo corpo é completamente o que a poesia talvez não...o poeta quis dizer, entende? Não tem o que um querer dizer alguma coisa. Tem pra ele, pra quem tá escrevendo. (Alice)*

Comunicavam-se, Alice num lado da roda da sala, RÉ em outra, entrecruzavam as falas e os desejos de compartilhamento produzido no entre, desfazendo a nuvem silenciosa que pousara e com a qual talvez apenas Alice se incomodara. Deisi troca de lugar, senta ao lado dela, e acrescenta:

– *A mim me remeteu ao contrário assim, quando ela começa a falar da alegria, né, e da felicidade...aí começou a me vir exatamente essa felicidade plástica, né, do prozac, da medicação que tu não tem mais permissão pra ser triste. Ninguém suporta ninguém triste. O mundo, não tem mais permissão. Então, comecei a pensar nisso. E quando ela falou do prazer, e do medo do prazer, eu fiquei pensando...é tão apavorante o prazer, o verdadeiro prazer, não a performance, porque prazer é perder-se, é não ter controle, e a gente não suporta não ter controle...tanto, que a juventude hoje, a gurizada hoje, tá tomando viagra, porque não suporta a ideia de não ter performance, né? De não estar à altura da expectativa do outro. Quer dizer, não tem aí um devir. Tem aí um “eu preciso estar à altura*

de”, “eu não posso ser chamado de”, né? Não há devir nenhum. Há simplesmente uma química, fazendo um órgão funcionar por conta. Quer dizer, um órgão sozinho funcionando...porque, ele não precisa nem tá no corpo, né?

– *Um perder-se no prazer que implica não ter controle*, diria Deisi. Alice experimentara um perder o controle, mesmo que insistira em não se deixar perder, permitir-se que alguma outra coisa acontecesse naquele encontro com tantas coisas. Talvez muitos deles ali estavam se perdendo...quem sabe? Mas afinal, não era isso que ela queria? Quando dentro de seu egoísmo pedante, perdera a problematização iniciada com as leituras em roda, e havia se incomodado com uma “falta de escuta” que não tinha concretude. Ela lidava agora com a plena entrega à escuta e a produção de um silêncio que, de novo, incomodava seu ego. Na convicção da imagem da invenção, havia se afundado em construções teóricas que lhe faziam perder a capacidade de ser rio, de ser a corrente que segue, que nos encaminha, que nos lambuza com suas dores e alegrias.

Enquanto Deisi falava, o grupo a observava, ouvintes, escutando-a. Particular o olhar das meninas que faziam parte do concreto construído, observando-a, com admiração, respeito; e DÓ, mostrando-se intocado, não encontrava seu olhar com nenhum outro naquela ilha. Mas escrevia, anotava alguma coisa em sua folha rosa, encostada em seu joelho. Quando Deisi terminara de falar, Alice selecionara outra faixa do CD de Antunes. Inferno.

Aqui a asa não sai do casulo, o azul

não sai da treva, a terra

não semeia, o sêmen

não sai do escroto, o esgoto

não corre, não jorra

a fonte, a ponte

devolve ao mesmo lado, o galo

cala, não canta a sereia, a ave

não gorjeia, o joio

devora o trigo, o verbo envenena

o mito, o vento

não acena o lenço, o tempo

não passa mais, adia,

a paz entedia, pára

o mar, sem maremoto,

*como uma foto, a vida,
sem saída, aqui,
se apaga a lua, acaba
e continua.*

A voz grave e intensa de Arnaldo soou como se fosse um soco no estômago, na primeira vez que a ouviu, pensava Alice. E como um soco nos outros, sua voz esmiuçou-se na sala trazendo de novo o compasso da espera e o silêncio. Como ironia, parecia que as músicas se encaixavam no clima do encontro, de um tempo *que não passa mais, adia*. Ela queria saber o que adia, como se esperasse que algum grande evento ou acontecimento ali se efetivasse. Insistia nisso. Enquanto troca de CD, o silêncio majestosamente imperava. A eternidade dos segundos expressas nos olhares atônitos, vagos, fixos no nada...ou aqueles que observavam Alice e seus gestos.

Corta o tempo quando diz que havia trazido também algumas músicas, e que delas foram escolhidas aquelas que lhe mexiam muito, que moviam nela coisas que não passavam pelo discurso, e que soavam como poemas em sua vida.

– *Essa música é muito significativa pra mim...e eu trouxe como expressão poética mesmo*, diz ela, tímida, já cansada daquele lugar de provocar alguma coisa em alguém. Ainda vermelha, suas axilas suavam e seu rosto parecia triste. Enquanto falava, o grupo a observava. Pôs a tocar a Música Socorro, cantada por Arnaldo Antunes.

Socorro!

Não estou sentindo nada

Nem medo, nem calor, nem fogo

Não vai dar mais pra chorar

Nem pra rir...

Socorro!

Alguma alma mesmo que penada

Me empreste suas penas

Já não sinto amor, nem dor

Já não sinto nada...

Socorro!

Alguém me dê um coração

Que esse já não bate nem apanha

Por favor!

Uma emoção pequena, qualquer coisa!

Qualquer coisa que se sinta...

Tem tantos sentimentos

Deve ter algum que sirva

Qualquer coisa que se sinta

Tem tantos sentimentos

Deve ter algum que sirva.

Enquanto ecoa, Deisi rabiscava, desenhava em seu diário amarelo. CÁ e MI escrevem também nos seus. Os outros escutam...seus corpos pareciam mais relaxados, com expressões menos enrijecidas. Alguns segundos, e CÉ também escreve. LA encosta a cabeça na parede e a balança, dançando com a música. ZÉ, que não estava encostado à parede, dobrara as pernas e apoiara a cabeça sob suas mãos. RÉ, com as pernas cruzadas, fecha seus braços e põe sua cabeça entre elas, escondendo o rosto. SOL, com seu rosto sereno, expõe um leve sorriso ao canto da boca e rabisca alguma coisa num papel. FA fecha os olhos e SI, ao seu lado, escreve sob suas pernas, flexionadas. As variações dos corpos eram mínimas ao longo dos quase 4 minutos de música. Não havia ruídos, conversas, e os mínimos movimentos e gestos davam a impressão de um tempo que parava de correr. Ele estagnava, mas seus pensamentos não...e ninguém sabia por onde eles estariam e com que velocidades e lentidões eram produzidos.

A música termina e CÁ perguntara à Alice se não haveria mais música. Ela responde que sim, mas faz um intervalo de tempo entre uma e outra, na esperança de que houvesse comentários. RÉ, então, afirmara que adorava a música Socorro, e que sempre a ouvia na voz da cantora Cássia Eller.

– Ficava horas viajando ouvindo essa música. Sabe aquilo, repete...repete...repete! Eu acho bem bonita essa música. E ele fala muito da falta de sentimento, só que eu acho que ele tem um sentimento ali: é a falta do sentimento que ele tem porque ele quer uma ajuda e isso já é um sentimento. Já é uma angústia porque tu não tá sentindo nada. Daí dá pra ver de várias formas também, né? O que te incomoda, aquela agonia nos incomodando, é porque alguma coisa tem que ser feita...Alguma coisa tu tem que mudar...um sentimento pra ti fazer uma mudança...pra ti ir pra um lado.

– Algo que sirva, né, acrescenta SOL.

– Pra ti pegar um caminho...é, algo que sirva pra ti fazer alguma coisa, afirma RÉ, olhando

para SOL.

A música de Arnaldo foi a que mais apareceu nos diários. A frase *qualquer coisa que se sinta. Tem tanto sentimento, deve ter algum que sirva*, foi escrita em muitos deles. *Me provocou uma sensação boa ao contrário dos poemas dele*, escreve CÉ. Como Alice havia se perdido no silêncio deles, transitava entre continuar com as músicas, colocar outros poemas que não estavam “no roteiro”, esperar que falassem, e, assim, o tempo era sentido como um espaço entre as composições que ia colocando. Era nesse tempo quase que vazio, mas cheio de signos e intensidade, que alguns olhares se cruzavam ou os colegas balbuciavam algumas coisas entre eles. Alice vira-revira-vira suas páginas do diário, torcendo para encontrar o que procurava. Já não sabia mais em que CD estava o quê e Deisi, na postura de observá-la e aguardando o prosseguimento da aula, deixava-a ainda mais angustiada. Eles percebem seu desconcerto ao “sair do programado”, a representação da insegurança e do controlar o viver ali, estampados em sua frente. SÁ, acometendo-se do embaraço de Alice, ri, o que a deixa mais perdida. Todos esperam dela a continuidade do não-silêncio, do espaço-tempo preenchido por alguma coisa que não fosse aquilo. E ela permanece por longos segundos procurando a faixa musical: vai passando uma por uma, com uma vaga lembrança onde havia gravado o quê, já que tudo o que planejara para aquele encontro havia se esgotado. Depois da interminável circunstância aflitiva para Alice, apegada ao olhar dos outros sobre ela, na dificuldade de produzir um corpo desenvolvido pelo acaso, ela põe a tocar a crônica *A Surpresa*, de Clarice L.

Olhar-se ao espelho e dizer-se deslumbrada: Como sou misteriosa. Sou tão delicada e forte. E a curva dos lábios manteve a inocência. Não há homem ou mulher que por acaso não se tenha olhado ao espelho e se surpreendido consigo próprio. Por uma fração de segundo a gente se vê como a um objeto a ser olhado. A isto se chamaria talvez de narcisismo, mas eu chamaria de: alegria de ser. Alegria de encontrar na figura exterior os ecos da figura interna: Ah, então é verdade que não me imaginei, eu existo.

MI esboça um sorriso enquanto ouve. DÓ mantém-se com a cabeça encostada na parede, de olhos fechados. SÁ havia encostado a sua nos ombros da colega VAL. CÉ, de olhos baixos, parecia estar longe. CÁ transcreve em seu diário *Narcisismo não, alegria em ser eu*. Quando a voz termina de ecoar, Alice espera mais um tempo e resolve naquele momento colocar outra, agora de novo de Fernando Pessoa. Novamente Alice se demora procurando a faixa específica, e nesse entrevaguear de crônicas e músicas, no intervalo entre

elas, o coração voltava a acelerar. O cansaço coletivo se instalou. Compartilhavam de uma completa entrega. Sabe quando o corpo se mostra absorto onde se encontra? Porque não havia escolha...era melhor que respirassem fundo e esperassem as situações se darem, durarem, mesmo que o fim ou o início de cada movimento fosse o mais perturbador.

Se te queres matar, por que não te queres matar?

Ah, aproveita! que eu, que tanto amo a morte e a vida,

Se ousasse matar-me, também me mataria...

Ah, se ousares, ousa!

De que te serve o quadro sucessivo das imagens externas

A que chamamos o mundo?

A cinematografia das horas representadas

Por atores de convenções e poses determinadas,

O circo policromo do nosso dinamismo sem fim?

De que te serve o teu mundo interior que desconheces?

Talvez, matando-te, o conheças finalmente...

Talvez, acabando, comeces...

E, de qualquer forma, se te cansa seres,

Ah, cansa-te nobremente,

E não cantes, como eu, a vida por bebedeira,

Não saúdes como eu a morte em literatura!

Fazes falta? Ó sombra fútil chamada gente!

Ninguém faz falta; não fazes falta a ninguém...

Sem ti correrá tudo sem ti.

Talvez seja pior para outros existires que matares-te...

Talvez peses mais durando, que deixando de durar...

A mágoa dos outros?... Tens remorso adiantado

De que te chorem?

Descansa: pouco te chorarão...

O impulso vital apaga as lágrimas pouco a pouco,

Quando não são de coisas nossas,

Quando são do que acontece aos outros, sobretudo a morte,

Porque é coisa depois da qual nada acontece aos outros...

Primeiro é a angústia, a surpresa da vinda

*Do mistério e da falta da tua vida falada...
Depois o horror do caixão visível e material,
E os homens de preto que exercem a profissão de estar ali.
Depois a família a velar, inconsolável e contando anedotas,
Lamentando a pena de teres morrido,
E tu mera causa ocasional daquela carpidação,
Tu verdadeiramente morto, muito mais morto que calculas...
Muito mais morto aqui que calculas,
Mesmo que estejas muito mais vivo além...
Depois a trágica retirada para o jazigo ou a cova,
E depois o princípio da morte da tua memória.
Há primeiro em todos um alívio
Da tragédia um pouco maçadora de teres morrido...
Depois a conversa aligeira-se quotidianamente,
E a vida de todos os dias retoma o seu dia...
Depois, lentamente esqueceste.
Só és lembrado em duas datas, aniversariamente:
Quando faz anos que nasceste, quando faz anos que morreste.
Mais nada, mais nada, absolutamente mais nada.
Duas vezes no ano pensam em ti.
Duas vezes no ano suspiram por ti os que te amaram,
E uma ou outra vez suspiram se por acaso se fala em ti.
Encara-te a frio, e encara a frio o que somos...
Se queres matar-te, mata-te...
Não tenhas escrúpulos morais, receios de inteligência! ...
Que escrúpulos ou receios tem a mecânica da vida?
Que escrúpulos químicos tem o impulso que gera
As seivas, e a circulação do sangue, e o amor
Que memória dos outros tem o ritmo alegre da vida?
Ah, pobre vaidade de carne e osso chamada homem.
Não vês que não tens importância absolutamente nenhuma?
És importante para ti, porque é a ti que te sentes.
És tudo para ti, porque para ti és o universo,*

E o próprio universo e os outros
Satélites da tua subjetividade objetiva.
És importante para ti porque só tu és importante para ti.
E se és assim, ó mito, não serão os outros assim?
Tens, como Hamlet, o pavor do desconhecido?
Mas o que é conhecido? O que é que tu conheces,
Para que chames desconhecido a qualquer coisa em especial?
Tens, como Falstaff, o amor gorduroso da vida?
Se assim a amas materialmente, ama-a ainda mais materialmente,
Torna-te parte carnal da terra e das coisas!
Dispersa-te, sistema físico-químico
De células noturnamente conscientes
Pela noturna consciência da inconsciência dos corpos,
Pelo grande cobertor não-cobrindo-nada das aparências,
Pela relva e a erva da proliferação dos seres,
Pela névoa atômica das coisas,
Pelas paredes turbilhonantes
Do vácuo dinâmico do mundo...
(Se te queres matar: Álvaro de Campos).

Pessoa havia provocado uma inquietação maior ainda. Dispendíam minutos correndo na voz emocionada do narrador da poesia e a excessiva composição das palavras produzia uma mistura de perplexidade e inquietação. Havia também os movimentos que designavam o cansaço da posição de estar sentado: as pernas que tremem, os quadris que se ajeitam nos colchonetes, as mãos que procuram se ajeitar no corpo. Olhavam-se...e ao término da crônica, o olhar que se direcionava sempre para Alice, na prontidão da escuta.

A mesma, enquanto ouvia, percebera que CÁ havia derramado algumas lágrimas. RÉ fora a única que sorriu enquanto ouvia. SI, na outra ponta, olhava os colegas encostados na parede. Alice não aguardava mais: foi colocando uma faixa atrás da outra. Continuava em sua angústia encoberta por sua postura séria e demorava-se em achar as músicas, mas não perguntava mais se queriam falar. Seus gestos não se apressavam...deixou que o tempo se costurasse e construísse alguma coisa com aquele silêncio ansioso. Antes de tocar o play, explicara que a música que iria colocar talvez conhecessem, pois fazia parte da trilha do

filme *Bicho de Sete Cabeças*, de Laís Bodanzky, ao qual sempre lhe remetia o tempo em que dava aulas no estágio do curso, onde fazia de tudo, um bicho de sete cabeças. Nesse momento, RÊ se levanta com seu colchonete, e o posiciona de forma que possa deitar-se. Espera. Zeca Baleiro canta:

*Não dá pé
 Não tem pé, nem cabeça
 Não tem ninguém que mereça
 Não tem coração que esqueça
 Não tem jeito mesmo
 Não tem dó no peito
 Não tem nem talvez ter feito
 O que você me fez desapareça
 Cresça e desapareça...
 Não tem dó no peito
 Não tem jeito
 Não tem ninguém que mereça
 Não tem coração que esqueça
 Não tem pé, não tem cabeça
 Não dá pé, não é direito
 Não foi nada
 Eu não fiz nada disso
 E você fez
 Um Bicho de Sete Cabeças...
 Não dá pé
 Não tem pé, nem cabeça
 Não tem ninguém que mereça
 Não tem coração que esqueça
 Não tem jeito mesmo
 Não tem dó no peito
 Não tem nem talvez ter feito
 O que você me fez desapareça
 Cresça e desapareça...*

Bicho de Sete Cabeças!

Pronto! Tristeza. Ou tristeza confundida com o desânimo que a música produzira. O violão que jogava lembranças, percepções e memórias para lugares distantes, confundiam-se entre si.

– *Essa música me lembra a cadeira que eu mostrei pra vocês no início do estágio*, diz Deisi, agora deitada no colchonete, olhando pra cada um da roda, logo ao final da canção.

– *A cadeira cheia de pregos e...e ela me faz pensar que a gente não é o que a gente faz, a gente não é o que a gente ensina. A gente ensina o que a gente é. E é por isso que a gente tem que se proteger tanto, por tantas máscaras, porque a gente é tão pouco ou pensa que é tão pouco, que vai se ensinar o quê? Se eu só ensino o que eu sou.*

Os alunos olham para Deisi, pensam sobre o que ela disse. CÁ chorava...enxugando as lágrimas que caíam. VAL franzira a testa, num olhar preocupado, vago, já sem a doçura que sempre demonstrava. Ficava no ar a espera de alguma coisa que parasse com aquilo ali, porque alguma coisa havia acontecido. O olhar de LA hoje não brilha tanto. CÉ também parece estar deslocada. SI, sempre receptiva, também procura se esconder em si mesma. Em ZÉ também se encontra um olhar outrora nunca visto antes. Nada mais acontece aqui, além da repetição do excesso de coisas que aconteciam, chegavam, efetuavam-se. Deisi também não quer esperar mais: pede à Alice para colocar outra música, aquela do tempo. Oração ao Tempo, cantada por Maria Betânia, composição de Caetano Veloso.

És um senhor tão bonito

Quanto a cara do meu filho

Tempo tempo tempo tempo

Vou te fazer um pedido

Tempo tempo tempo tempo...

Compositor de destinos

Tambor de todos os ritmos

Tempo tempo tempo tempo

Entro num acordo contigo

Tempo tempo tempo tempo...

Por seres tão inventivo

E pareceres contínuo

Tempo tempo tempo tempo

*És um dos deuses mais lindos
Tempo tempo tempo tempo...
Que sejas ainda mais vivo
No som do meu estribilho
Tempo tempo tempo tempo
Ouve bem o que te digo
Tempo tempo tempo tempo...
Peço-te o prazer legítimo
E o movimento preciso
Tempo tempo tempo tempo
Quando o tempo for propício
Tempo tempo tempo tempo...
De modo que o meu espírito
Ganhe um brilho definido
Tempo tempo tempo tempo
E eu espalhe benefícios
Tempo tempo tempo tempo...
O que usaremos prá isso
Fica guardado em sigilo
Tempo tempo tempo tempo
Apenas contigo e comigo
Tempo tempo tempo tempo...
E quando eu tiver saído
Para fora do teu círculo
Tempo tempo tempo tempo
Não serei nem terás sido
Tempo tempo tempo tempo...
Ainda assim acredito
Ser possível reunirmo-nos
Tempo tempo tempo tempo
Num outro nível de vínculo
Tempo tempo tempo tempo...
Portanto peço-te aquilo
E te ofereço elogios*

Tempo tempo tempo tempo

Nas rimas do meu estilo

Tempo tempo tempo tempo...

Durante a música, quase todos escreviam. O corpo que até então teria se percebido imóvel, foi movido por alguma coisa na canção, irrompendo a escrita. Esses corpos falavam, comunicavam coisas que soam quase impossíveis de apreender e decifrar. No olhar de cada um, um mundo de significados, os quais Alice daria tudo para penetrar. Ela passara a ter vergonha de tudo aquilo. Não podia esconder de si mesma o quanto talvez fosse patético um movimento que soava como tristeza...pensava que nada mais ali importava, de fato. No entanto, queria ter a certeza de que podia recuperar o que se havia perdido em algum lugar daqueles olhares.

Quando termina a canção, ela espera, para que deixasse fluir, já que visivelmente as músicas haviam tocado demais. Ela olha para Deisi, buscando confirmação, aceitação, quem sabe cumplicidade. Permaneceram naquele intervalo-interminável de não saber lidar com tantos signos perambulando soltos pela sala. SOL diz então que tinha algumas coisas na cabeça, mas que não era nada formulado. Enquanto falam sobre a letra, Deisi, que até então também se mostrara apreensiva, na angústia de não conseguir decifrar o que se passava com seus alunos, direciona-se até eles e passa a tocá-los na altura do coração. Sente MI, VAL, SÁ, DÓ, CÉ, LA, ZÉ, SOL, FA, SI, RÉ e Alice.

– *Quero ver! Quero ver se está batendo*, diz.

Enquanto faz isso, eles se olham, mexem-se, soltam-se mais, rindo-se uns dos outros, conversando, trocando algumas palavras. Enfim, é possível ouvi-los novamente, pensa Alice, num instante breve em que o silêncio deixou de imperar. Mas estavam cansados.

Quando Deisi termina de tocá-los, diz que o coração mais acelerado era o de Alice.

– *Claro, né? É tudo que me toca*, afirma ela, rindo, justificando-se.

Então fala do seu objetivo ter sido o de justamente trazer o seu olhar pra eles, como se fosse a sequência da roda de leitura literária, onde ela tomaria a figura de escuta de produção literária. Dissera-lhes que esperava a mesma abertura dos outros encontros e que não entendia o porquê do silêncio, afinal, aquilo tudo não fazia sentido para ela se eles não quisessem ouvi-lo. Alice, muito tempo depois, deu-se conta das palavras proferidas. Mas ela se entregou, pensara, e havia aparecido, mostrando-se, algo que até aquele momento ainda não havia acontecido.

Ela olhara para Deisi, procurando sua ajuda para conseguir entender o silêncio deles, dizendo que acreditara ser fruto da leitura dos diários. Deisi concorda e comenta sobre essa escuta dos diários, e que eles eram importantes para recordar a aula sob o olhar do outro; comenta que, quando ela e Alice, hesitante, decidiram por ler seus escritos, foi no sentido de que percebessem a entrega, e que suscitasse neles a permissão de igualmente mostrarem-se ao grupo.

– *Não sei como vocês escutaram isso....como vocês ouviram essa leitura*, afirma ela, esperando, olhando para o paredão vivo, porque ali concentrava-se toda tensão e atenção do encontro. Eles não falam, permanecem em silêncio, calados, alguns ainda de cabeça baixa.

Deisi continua falando sobre o sentir, que “não tem nada de errado em ser sentido”, pois passa. Ela e Alice, de fato, mostravam-se preocupadas sobre o efeito que os diários tinham produzido. Do efeito que era cada um ter aparecido no de Deisi implicava um desejo de compartilhamento, de participação dos outros no sentido de desejar que o outro também queira compartilhar comigo as suas dores, alegrias, angústias, prazeres, desprazeres.

– *Porque o desejo do professor, ele é esse no fundo. Ele é que...tu quer que teu aluno deseje estar no que tu propõe, né? E quando ele não entra nessa tua proposição, tu te sente rejeitado e essa rejeição é insuportável. Então, a gente precisa aprender a lidar com isso. Senão, o que a gente faz: pune o aluno. Né? Em geral, quando a gente não pensa nisso, a gente pune o aluno. Porque afinal...”ele não está aprendendo, ele não quer aprender, ele não...” É o movimento que tu também tem que entender porque não é no teu ritmo que as coisas acontecem.*

Alice parecia se encolher cada vez mais, enquanto ouvia Deisi. Enxergou-se naquela descrição, espelho do qual tantas vezes ignorara, porque talvez não tenha se permitido ver essa imagem refletida nas palavras dos outros. Percebia que SÁ a fitava. Ela, sempre observadora, atenta ao que acontece ao seu redor, captara a angústia de Alice, e isso a quebrava em cacos...os quais levou meses pra poder juntá-los novamente e compor outra coisa, distinta da qual imaginava.

– *A Alice tem isso também, né? De ter controle do que vai acontecer*, diz Deisi, rindo, com as mãos ajudando a dar ênfase à própria ânsia de não ter controle. – *Hoje ela tava...vocês viram antes, né?*

– *Eu ia dizer*, acrescenta SÁ, rindo levemente. – *Isso eu percebi. E aqui também* – apontando para o canto onde Alice estava sentada, ao lado do aparelho de som – *quando ninguém tava falando nada, e ela começou a se sentir desconfortável.*

– *Vocês anotem isso*, irrompe Alice, rindo, envergonhada.

– *Eu anotei!* (SÁ).

– *Não, é porque vocês sempre têm a fluência da fala, explica Alice. – Vocês sempre começam a comentar alguma coisa. E eu sempre digo pra Deisi que eu acho o silêncio ótimo...mas hoje ele me incomodou bastante,* diz ela, de cabeça baixa, e sem seguida, olhando nos olhos da Deisi. E por fim, confessa sua incapacidade de permanecer mais silenciosa. – *É que eu tenho uma necessidade de falar e aí eu preciso que os outros falem também.*

Ela ri...com suas faces vermelhas, já cansada, e de cansar de estar exposta. Naquele momento percebera que ela talvez tenha sido o foco de atenção, e sua majestosa postura teria caído sob seus próprios pés. Para sair dos olhares que a observavam, ela solicita o último movimento ao grupo.

– *Gostaria que escrevessem, quem quisesse, “O que vocês estão sentindo na vida de vocês hoje?”*

Ela ousa até dizer a eles que tentassem escrever como poetas e alguns, rindo-se, dizem que assim, ela pediria demais. Da lista de músicas, ela escolhe uma de tom demasiado entristecido, do artista Francis Cabrel, que achava linda, e que sempre a ajudava a escrever.

Quase imediatamente ao pedido de Alice a escrita iniciara. Aos poucos, na sequência dos segundos que seguem, o choro brota. Brota em cadeia, e se não brota, o semblante se faz tenso e triste. SI, que havia chegado mais tarde no encontro, não controla e segura os olhos, como se tentasse segurar o que não tinha controle. Enquanto escrevem, as lágrimas surgem e as de Alice também. Estava assustada, mas nada mais importava. Havia cansado, seu corpo todo estava demasiado fatigado, aborrecido e triste. Hoje, ela relê seus pensamentos escritos naquele dia e percebe a angústia que lhe assombra e toma o peito quando se compreende o encontro triste daquele dia.

Escrevera em seu diário que havia sido bom eles terem notado sua fragilidade, seu desaparecer, desesperar, descontrolar. *Não consegui acessá-los, senti-los. Perdi um deles,* escrevera. Lá, a música corria e continuava entre tantas outras canções, por mais alguns minutos, até que o encontro teve fim. Alguns deles saíam da sala, e voltavam. O paredão havia se desgrudado por alguns minutos. Eles permaneciam na escrita, mas, aos poucos, cada um foi saindo e se despedindo. Deisi tirara fotos dos rostos, o que incomodava Alice (e a eles também): já havia tido muito espetáculo, pensara; sobrevalorizar aquilo ali não estava nos seus “planos de invenção”.

Alice respirou fundo e não conseguiu mais controlar o choro. Ela fica na sala e desata a chorar. Abraça SOL e RÉ. Precisava disso.

* * *

Hoje eu acho que eu realmente entrei na viagem dessa disciplina, hoje eu acho que parei de escrever como máquina em meu diário, hoje estou voltando a fazer o que sempre gostei e estava bloqueada...escrever o que sinto. Sempre escrevi diários, poemas, sempre preferi contar minhas dores e angústias para o papel do que para as pessoas. Escrever me aliviava, sempre fazia bem em algumas situações, mas outras situações fizeram eu parar de fazer isso e hoje será que estou voltando mesmo ou é só uma fase? Antes de me tratar com psicóloga eu escrevia muito, minha dor e ira, e quando comecei o tratamento eu não gostava de falar sobre várias coisas, sobre meus sentimentos, gosto de conversar, falar várias coisas, mas não gosto de falar de mim [...] Eu me expresso melhor em palavras escritas do que ditas...antes de tentar suicídio, escrevi com muita dor e felizmente pude reler essa escrita novamente, porque meu plano (ainda bem) de tirar a vida não deu certo. Depois que caí em mim, acho que não escrevi mais. Até escrevi algumas vezes, mas lembro de ter apagado. Às vezes escrevo coisas que não quero que outros saibam e por medo de lerem, de saberem, sempre apago. Hoje estou sem escrever e sem psicóloga, será que a máscara que a Deisi tanto fala está caindo e estou percebendo, que realmente não me conheço e nem me permito que isso ocorra, porque isso dói, mexe e eu tenho medo, muito medo que toda aquela dor, toda aquela vontade de tirar minha vida volte. Isso dói, não só dói como está doendo, eu tô chorando, estou com raiva porque não gosto de chorar, não gosto que me vejam chorando e nem gosto de explicar e nem de chorar. Porque essa aula, música, porque aquele texto de morte do Fernando Pessoa me doeu tanto.

* * *

Sabe a música socorro? Pois é, ela anda falando muito ultimamente sobre mim, sobre uma coisa que eu sempre me “opus”, a falta do sentir, o querer me importar mais com as dores, alegrias, tristezas dos outros, não para senti-los, mas para entender os outros, para saber como reagir, ou sei lá. Às vezes queria não ser mais intensa, apenas sentir e demonstrar mais isso.

* * *

Tudo ao contrário. Eu sinto tudo. Tudo demais. Tanta coisa que não sinto tudo direito, são partes, emoções em partes. Às vezes inteiras, às vezes aquelas que não querem ser sentidas. É melhor sentir nada ou tudo? Também, precisa até isso ter um padrão? Uma regra? O que importa, creio eu, são as consequências dos sentimentos. Todos fazem falta. O mundo é frio, mas eu não me considero, pelo contrário. Tomo as dores dos outros, fico triste se a aula não funciona, se os alunos vão mal na prova, se não fazem os trabalhos direito. Acho que todo professor é assim: se importa mais com o aprendizado dos alunos do que eles mesmos, sendo que a vida e o aprendizado é deles. “A gente ensina o que a gente é”. Interessante. E agora, para por mais uma interrogação na minha cabeça, o tempo. Vivo brigado com o tempo. Com o tempo que faltou na aula, no entendimento, no meu sono, no lazer. Mas essas são as minhas escolhas.

* * *

Agora são 19:56 do mesmo dia, minha cabeça dói, consequência do choro à tarde, penso e reflito sobre a atividade de tarde e a cada segundo que passo sinto-me mais viva, mais liberta do receio de demonstrar aquilo que sou e que sinto, a viagem das meninas me tirou do eixo, perdi o controle de mim mesma, o que farei da semana? Com quem almoçarei no r.u? Com quem darei risadas e falarei besteiras? Essas perguntas sempre voltam a minha mente por mais que tente esquecê-las. Sei que nessa semana sentirei muitas saudades dos meus amigos, principalmente das gurias.

* * *

Como eu estou me sentindo?

“estar assim, sentir assim

Um turbilhão de sensações dentro de mim...”

Confusa, ansiosa, atrapalhada e ao mesmo tempo querendo estar tranquila, por ter certeza que no fim tudo dá certo e dessa vez não vai ser diferente.

* * *

Hoje me sinto nua, parece que tenho muitas coisas pra vestir, me sinto com medo do novo, medo de não conseguir, medo de deixar o que já tenho pra procurar mais, eu tenho dúvidas do que é bom ou ilusório. Eu quero algo que me dê sentido, que me apaixone, que me leva do chão ao céu; não sei pra onde eu vou mas o que sei é que quero ir, quero sentir. Quero sentir o medo; não aquilo que fique sempre igual, no repeat; se não experimentar não saberei nunca do que sou capaz, tristezas vão vir sempre, e as alegrias também e assim vou fazendo minha semana, umas alegres e outras com muitas angústias. Pra que se viver apenas e não sentir nada?

* * *

Blocos de pensamentos soltos. 14 de junho de 2011

Tenho feito do diário mais um caderno de anotações do que um escrito de angústias, alegrias e tristezas, do deparar-se com meu processo conflituoso do mestrado. Coloco muito em cheque estas provocações que estamos fazendo; gostaria de ter certezas do que pretendo com isso, se é invenção, se produz outras coisas, se não é aleatório demais e bagunçado, enfim...É difícil escrever sobre e mais ainda fugir da reconhecimento, até mesmo na hora de elaborar tudo isso. Os autores Deleuze e Guattari trazem coisas tão pertinentes, necessárias a uma invenção de novas formas de ser e estar no mundo, que se torna difícil acompanhá-los na empreitada. Mexe com fantasmas, com engodos pessoais, arcaísmos tão engendrados no espírito que enfrentar e desconstruir tudo isso é enfrentamento constante...aprendizagem pura. Queria me sentir mais segura e, ao mesmo tempo, abrir oportunidade para as coisas que estamos propondo. É suficiente? Mexemos/abalamos um pouco que seja as estruturas? Andamos juntos nessa ou só eu que vejo sentido desterritorializante? E o que se faz com isso? Acho que não estou propondo nada de novo. Mas, precisa ser novo? Novo pra quem?

* * *

Olhares com/pelo/no(s) outro(s)

Havia pensado em colocar as imagens na altura dos olhos, ou mesmo algumas no chão. Como não existia uma única sala vazia disponível no centro de educação, sem classes

ou cadeiras, Alice e Francine ficaram um tempo tentando abrir um espaço consideravelmente grande para que pudessem pendurá-las ou colocá-las no chão, com as cadeiras e classes amontoadas todas num canto. Por fim, desistiram de deixá-las no chão e resolveram pendurá-las em barbantes, amarrados de uma extremidade à outra da sala, onde as figuras pudessem ser penduradas com prendedores de roupa. Depois de duas horas corridas, no intervalo entre o término de suas aulas e o início do último encontro, a sala ficou pronta. Fecharam as cortinas.



Em meio às grades, ferros, cadeiras e mesas, Alice pensava que não conseguiria melhorar um ambiente que fora construído de forma a impedir qualquer formatação diferente de sua aparelhagem. Mas não tinha mais o que fazer. Mantendo a sala mais escura, a nitidez monocromática das fotos seria realçada, pensara. A sala obscurecida, a sonoridade pulsante, e o cheiro adocicado ajudavam a preencher o espaço pulsante de sentidos. Alice parecia menos nervosa, talvez diante da ausência deles nas últimas semanas de aulas.

À tarde, reunidos na sala em que costumavam se encontrar, os alunos conversavam efusivamente sobre a viagem que haviam feito para o Pantanal. Mostravam suas fotos, contavam o que haviam feito, o quanto haviam andado, os lugares desconhecidos descobertos, a curiosidade de um mundo inacessado até então. As semanas após o último encontro haviam despido as relações outrora estranhadas, o que pudera ainda ter perdurado de constrangimento infinito, mesmo que algumas coisas tivessem mudado. Ali, ouvindo-se, falando-se, riam juntos, descontraídos, imersos numa alegria mansa, ainda tímida, mas

presente.

E assim continuaram por algum tempo. Deisi havia selecionado imagens de Salvador Dali e Velázquez, as quais eram projetadas, enquanto tocavam algumas músicas das quais ela gostava muito, ao fundo. Depois disso, Alice explica-lhes que iriam para outra sala, brevemente, e que levassem seus diários. Ela corre antes deles até a sala das imagens, liga o som e espera que todos cheguem até a frente da porta, onde a manteve fechada. Pede a eles que, diante do que fossem ver, atentassem àquilo que mais tocasse, mexesse e incomodasse.

Entram na sala segurando seus diários sobre o peito, cruzando os braços sobre ele. Em contato com as imagens, fez-se certa paralisia. Em silêncio, num ensejo de hesitação e assombro, mantinham-se na segmentaridade da linha de imagens expostas. Por vezes os corpos se cruzavam e colidiam, não desviando seus olhares das imagens, num caminhar leve, desconhecendo o que os arrastava: iam...voltavam...retornavam. No primeiro contato, focavam-se num andar em fila, em dar conta do entorno de 30 fotografias à sua frente. Depois, ainda num mover que se dava no conjunto, fixavam-se e demoravam-se mais em algumas delas. Fazem e refazem esses caminhos, e os únicos ruídos audíveis eram os de seus pés, que se arrastavam na pisada, misturado à voz vibrante de Mercedes Sosa.

Houve quem se aproximasse mais das imagens, procurando detalhes, na curiosidade que os movia. Outros, num relance breve, apenas seguiam. Por momentos, parecia que já haviam escolhido uma preferida, fixados em admirá-la. Há quem diga que as imagens eram tristes, que na composição de olhares, cores, modos de vida, corpos irresolutos em suas misérias, faziam emergir aquele silêncio atento, e rostos informes. Alguns fugiriam delas, da contemplação mais demorada; outros comporiam novos mundos com a rede de signos. Permaneciam andando, olhos levantados, fixos e atentos ao que se via, semblante ora tenso, ora sombrio, leves, serenos. Alice havia lhes dito que escolhessem uma ou mais imagens para levarem à sala anterior e que não havia problema se mais de uma pessoa quisesse pegar a mesma imagem, ou mesmo escolher mais de uma. Diante daquele intervalo, Alice percebera que alguns já estavam próximos da imagem que supostamente teria lhe tocado mais. Assim, ela pede que eles retirem os prendedores com calma e peguem-na.

Imediatamente CÁ aponta para a imagem que escolheu. SÁ, em seguida, também pega a sua, sem ter dúvida de sua escolha. Os outros continuam a andar, demorando-se mais, sem ansiedade. Mas em questão de segundos, cuidadosamente, quase todos já haviam escolhido, na certeza da seleção que fizeram, daquela que parecia ter um efeito singular em cada um.

Voltaram à sala. Alice transfere a música e quando pensa em pedir para que

escrevessem, eles mesmos já o faziam, quase numa ânsia daquele gesto que se tornou com o tempo um local de desabafo. Escrita, um mergulho na imagem, e escrita novamente. Alice estava silenciosa...seus gestos guardavam o medo até do toque. Era-lhe sempre tão pesada, pensava. E persistia naquele autocentrimento incalculado e distante de experimentar as coisas que dessem ensejo à atuação de outras. Persistia em querer livrar os outros de uma dor incalculada, que acreditava ser a principal desencadeadora.





Corria um escrever, observar a foto, paralisar com ela, inaptidão e um voltar-se para o diário: eram movimentos automáticos neles, absortos em seus mundos; não pareciam tristes, mas pensavam, pensavam naquela escrita. Alguns não davam nem o espaço de voltar à imagem, apenas escreviam, incessantemente, num fluxo contínuo, como quem precisa acompanhar a jorro de sentidos que a fotografia se encarregava de provocar. E se dava essa sensação ao se ver: pensavam muito no que escrever sobre a imagem, fazendo um tempo longo em que, de novo, a única voz que entoava um canto era o de Mercedes. Mas esse silêncio já não era sufocante, não produzia angústia nem o desejo de correr dali. A música tocava, e além dos movimentos do corpo, e de alguém que por ventura saía dali, não havia mais a tensão dos outros encontros. Alice também havia desistido de algumas coisas e agora apenas observava (enfim, já era tempo!). Essa, então, espera a ânsia em escrever minguar e dirige-se a eles dizendo que gostaria que compartilhassem o porquê da escolha de cada imagem. Deisi, que hoje estava focada em tirar fotos, um pouco ansiosa, quis ser a primeira

a falar.

Levanta a imagem para o grupo:

– *Quando eu vi ela eu fiquei pensando: tomara que ninguém pegue, tomara que ninguém pegue. E eu coloquei várias perguntas, né? Pra gente discutir...Eu coloquei: Que escola? Para que? Para quem? Quando e Como?* Ela, olhando para o grupo, fala o conteúdo da legenda do que estava em baixo da tarja preta.

– *Elas estão com tarja, né, as imagens...é claro que eu não ia deixar de ler, né?*, afirma, balançando a cabeça, na obviedade da afirmação. – *A Alice pode botar tarja, mas eu...*

Alguns então olharam para Alice dizendo-lhe que também queriam ler as suas legendas. Ela, contendo sua incomodação diante da atitude de Deisi, pede a eles que somente lessem depois de comentarem sobre as fotos.

– *Ela pode dizer que não, mas eu desobedeço, né?* Coloca a imagem sobre a mesa. – *Eu sou super a favor da desobediência civil.* O grupo observa Deisi, olham para Alice procurando entender o que acontecia ali. Alguns permanecem escrevendo e não parecem tão interessados nisso. Com as mãos sobre os bolsos, diz:–*Então eu escrevi super pouquinho, eu escrevi: um menino negro, com negros olhos, negros cabelos, magro, lindo, linda boca, lindo nariz, lindas mãos, linda testa, lindos olhos, lindas sobrancelhas. Lindo. Um garoto cheio de brilho no olhar...cheio de esperança. Cheio de alegria de viver...como são as crianças, em geral.* Deisi não emanava o brilho ofuscante que costuma causar. Sentando-se, olha para eles e diz: *Só!*

Em seguida, LÁ se dirige para Alice e pergunta se ela poderia continuar porque *teria a ver com a imagem da Deisi.* Levanta-se, fazendo questão de mostrar para todos da roda a imagem que escolhera. Seu rosto hoje também parecia fechado, obscurecido por algum motivo, imersa em seu silêncio, introspectiva (era evidente, diante de sua presença sempre alegre, disposta, contagiante). Sua imagem mostrava crianças presas numa espécie de jaula ou uma grande gaiola, algumas de pé, outras sentadas. Algumas rindo e olhando para o fotógrafo, outras chorando e olhando para o lado. Observando-a, em pé, LÁ desabafa:

– *A que eu botei o olho foi essa aqui! Tá...*

– *Por quê, LÁ?* (Alice)

– *Porque eu tô numa fase muito preocupada com as crianças, com o futuro das crianças. O quê que vai ser dessas crianças no futuro. Com o futuro do meu filho, principalmente,* afirma, colocando a imagem na mesa, apoiada sobre ela, olhando-a. Deisi se posiciona atrás dela, esboçando um sorriso singelo, inclinando-se para olhar de perto a fotografia.

– *Eu tô muito preocupada com meu filho, porque ele tá numa fase muito difícil, e eu me sinto*

enjaulada aqui dentro, junto com essas crianças, já que eu sou professora, entendeu? Até escrevi ali [aponta para o diário, enfatizando sua voz grave], como ensinar, educar valores pra essas crianças sem podar a criatividade, sem podar a alegria, sem podar a sinceridade deles? Porque o que a gente mais faz na aula é podar essas crianças.

LÁ era tomada por aquela aflição e com semblante um tanto triste na profusão dos seus questionamentos lança-os ao grupo, olhando nos olhos de cada um da roda, movimento do qual é corporificado em cada fala sua:

– *Eu tô preocupada com essas crianças que estão enjauladas e eu tô dentro dessa jaula junto e cabe a mim ter essa atitude de mudar e eu não tô conseguindo.*

– *Teu filho tá junto contigo nessa jaula? , pergunta-lhe Alice.*

– *Meu filho tá junto comigo aqui, porque eu me sinto presa...eu não tô vendo saída em certos momentos assim, que eu tenho que podar meu filho e eu não quero, porque ele não se enquadra na sala de aula, porque ele cospe, porque ele quebra os lápis e joga nos outros...porque ele não quer copiar do quadro, porque ele não quer ficar sentado. E eu tenho que mandar ele ficar sentado, entendeu?! Não desejar podar toda essa energia vital e transformá-lo em mais um soldadinho na sala de aula, por isso a imagem mexeu comigo, afirma LÁ. Sua angústia diante da completa impotência de lidar com as perguntas que surgiam mostrava-se na procura do olhar dos colegas. Suas mãos, seu corpo todo se jogava em meios às suas palavras; todo o corpo era um sintoma. Os colegas a ouviram, acompanhando seu processo. Na legenda da foto – a qual ela nem se lembra de olhar – estava escrito: *Crianças nascidas no campo de detenção Whihead para refugiados vietnamitas. Hong Kong, 1995.**

Alice olhara para LÁ e agradeceu, rindo um sorriso preocupante. No sentir a dor de LÁ, ela pergunta se alguém queria continuar, e aguarda. Com o silêncio, ela pega a sua imagem nas mãos e se posiciona de pé, olhando a imagem que sempre havia lhe incomodado muito, desde quando era mais nova e se pegava no quarto de sua mãe, abrindo a caixa das fotografias que ela guardava, demorando-se horas em cada uma.

– *Eu escolhi essa aqui, além de todas as outras que estavam lá. Das que ficaram lá, então, eu escolhi essa. Eu não sei...escolhi essa aqui [levantando também a imagem que mostrava um senhor, idoso, sentado com as mãos sobre os tornozelos, de cabeça baixa, olhando para o chão, encolhido ao lado de um vagão de trem]. – Eu não sei, tem tanta coisa quando eu vejo essa foto assim...eu acho que eu enxergo um pouco do meu vô. Ela me faz assim, eu fico...eu fico...muito embargada, com vontade de chorar, daí a gente pensa nos familiares, lembra da história deles, né? Mas quando eu olho, não sei se vocês percebem...[levanta a imagem*

novamente para o grupo, no desejo de que seu olhar fosse compreendido e de fato, interpretado como “real”], *ele tá com o olhar super baixo, assim, então eu enxergo uma tristeza profunda nele, completamente perdido, mesmo eu sabendo o que está na legenda, sabe?!*

Ela procura explicar o que a imagem lhe transmitia. Além de ver tristeza, enxergava a imensa solidão.

– *Me passou uma agonia, diz RÉ.*

– *Agonia, medo, solidão. Pois é, pra cada um pouco, né?, diz Alice, olhando para MI, confirmando sua observação. Ao mesmo tempo, a fragilidade dele, né, nos gestos das mãos, é, encolhido, assim...* Terminando de falar, ela então faz o movimento de ler a legenda: *Refugiados do enclave de Zepa. Kladanj. Bósnia Central. 1995.*

Deisi quis falar um pouco da imagem que Alice escolhera.

– *Se eu não tivesse pego a minha, eu tinha pego essa. Porque é a imagem que, logo que eu bati o olho me chamou muita atenção. Porque, tem essa coisa da velhice, da fragilidade, tem uma coisa que é também da aceitação, como, eu sou capaz de sentar no chão, de...* [Deisi para de falar e lentamente inclina seu corpo, procurando o rosto de DÓ, que está escondido em uma de suas mãos, apoiado sobre a mesa. O único que se mantém, na roda, escrevendo, ou de cabeça baixa, sem fitar ninguém. Parece longe, distante, ou indiferente ao que diziam até aquele momento. Deisi desiste de procurá-lo e continua].

– *Eu evitei muito essa foto, porque ela tem muito haver com meu pai, com o que ele tá vivendo agora. Com a fragilidade dele agora. Voz embargada, embala a falta de ruído e a paralisação da fala. Por um tempo, permanece calada e depois afirma que em nenhum momento tivera pena, mas que gostava de pensar que ela estava com seu pai, e que ele podia contar com ela. Deisi deixava mostrar o que parecia até então sustentar sozinha, contida.*

– *Gosto de pensar que essa fragilidade, esse se desmanchar, esse se desfazer, né, do corpo, ele é super importante. Porque tu tem que quebrar o corpo, pra alma aparecer. Meu pai foi uma pessoa extremamente orgulhosa na sua vida...uma pessoa que muitas vezes abusou do poder que teve. É só quando teu corpo tá frágil, quando tu precisa dos outros, que tu é capaz de ter escuta, né? Escuta pra ti mesmo primeiro e pra aquilo que tu já fez aos outros. Então acho que é uma grande oportunidade...acho que a velhice é uma benção. Aqueles que podem envelhecer, acho que é...é uma benção! É uma benção pra se desmanchar, se desfazer e ir embora daqui. É o abandonar o corpo, né, abandonar o corpo físico. Se existe alguma coisa depois? Não sei, não me interessa.*

A solicitude do grupo. O construído até ali, mesmo diante dos infortúnios e

desencontros que a existência produz, dos equívocos, distanciamentos, com alegrias e belezas; faziam-se todos pacientes, na entrega serena de uma escuta.

– *Os filhos tem que ser melhores que os pais. Em geral, os filhos podem ser melhores que os pais.* Baixa os olhos, como quem procura pensar sobre o que acabara de enunciar. Dava para pegar com a mão a tristeza de Deisi. Arrancaríamos aquela dor que parecia estar contida ali, na nitidez de olhar agora sem brilho. Ela, em seu desabafo, procurava o dos outros. Olha para SÁ, ri, caminha...se aproxima de CÁ, e entre os segundos que sustentam o silêncio, RÉ resolve falar sobre a sua imagem, suas imagens.

Havia escolhido duas, porque *queria ter escolhido mais que duas*, diz ela. A primeira que mostra é a fotografia de pessoas sentadas (ou em pé) nos parapeitos das janelas de edifícios de apartamentos. Não há uma janelinha da imagem que não esteja ocupada por alguém, fazendo alguma atividade ou apenas sentada.

– *Eu gostei dessa foto porque sempre quando eu subo em prédio e eu consigo enxergar a cidade e eu enxergo aquele monte de janelinha de noite, principalmente, onde tem um monte de luz acesa, eu fico pensando, meu deus, tem muita vida, né? Aí quando eu vi essa foto eu me lembrei disso porque daí eu fico imaginando cada pessoa que tá aqui ó [aponta para cada janela da foto onde tem uma pessoa]...empilhado que nem gaiola, né? Uma pessoa por cima da outra...tem uma vida, cada uma tem seu problema, e eu sempre vejo assim: olha só, não significa que meu problema seja menos que o dele e nem que o dele seja mais que o meu, mas eu acho que tem que ter um respeito sobre a dificuldade do outro, o problema do outro, sobre o que que é problema pra ele, ou as suas dores, eu acho que a gente tem que sempre respeitar a dor do outro. Eu sempre penso nisso, afirma, olhando para a imagem e para as outras pessoas, sublinhando com vontade o que dizia. O seu tom queria nos mostrar o quanto gostaria que aquilo fizesse efeito...que suas palavras, seus gestos fortes, certos e concisos ao que expunha, efetuassem sobre eles um conselho, e igualmente, como os outros, um desejo de ser ouvida.*

– *Nossa, é muita coisa pra se viver. É muita história de família, muita briga de família, tanta coisa que tá acontecendo ao mesmo tempo, que eu tô aqui parada olhando, sabe? E eu sempre pensei nisso, sempre quando eu olho os prédios de noite eu sempre digo “meu deus, a minha vida não é nada, olha o meu problema! Aqueles lá tão brigando, aqueles lá tão fazendo alguma coisa...tem alegria, todo mundo tem um problema, né? E eu sempre tento respeitar isso.*

RÉ solta sua imagem e pega a outra.

– E essa...eu peguei porque eu achei muito bonito, no sentido que é a proteção de duas crianças, né? Duas crianças se ajudando. É uma criança que eu imagino que ela tenha uns 13 segurando uma de 4, 3 anos...e daí eu fico imaginando, assim, as duas crianças que se cuidam, e que isso é muito comum, uma criança cuidar da outra, e ter a infância toda assim, né?[...] Cuidado de uma criança com a outra, essa foto me passou isso. Eu não sei a legenda da foto, né?

– Pode olhar agora. (Alice)

– Mas eu imagino que seja uma...quase que...não tem o que fazer, entendeu? Ela foi obrigada a isso. Ela teve que cuidar da irmã, né? De repente faltou os pais, mas isso acontece até tendo os pais, né, por isso que eu pensei. Que às vezes não tem como tá cuidando e às vezes é mais fácil fazer um filho pra cuidar do outro mesmo. Ó, vai cuidando aí, tem três filhinhos, o mais velho cuida. E eu fiz isso quando eu era nova. Quando eu tinha 15 anos que o meu irmão nasceu, minha mãe trabalhava de manhã, de tarde e de noite, então a gente dividia pra cuidar dele. Eu cuidava de manhã porque eu era a mais nova, né? E daí a gente mais dormia de manhã. E as minhas irmãs, uma fazia faculdade, cuidava de noite, e a outra...

– Então tu te enxergou um pouco, questiona Alice, olhando para RÉ.

– Sim...Eu não era tão criança, né? Eu tinha quinze, mas era aquela coisa, era a gente que cuidava dele porque minha mãe trabalhava o dia inteiro. Então não significa que era essa a situação, porque eu imagino a situação dessas duas crianças, mas, isso acontece. É um cuidado. Tipo, eu amo o meu irmão que nem um filho. Eu mato um por ele. RÉ dizia aquilo com encantamento. Seu corpo inflou ao falar do irmão, sua voz ecoou mais macia, calma. SOL pede a ela que leia as legendas: esperam as mãos de RÉ rasgar ao meio a faixa preta de cartolina. Lê primeiro, sozinha, e então esboça um sorriso de canto. Baixinho, sussurra:

– Tu vê, né? [espera mais um pouco em seu sorriso].– *Que legal!*

Os colegas pedem que ela leia para eles:

– Os camponeses acostumados a sentar no parapeito das janelas de suas casas rurais, continuam a fazê-los nos edifícios de apartamentos; *Ho Chi Minh, 1995.*

Deisi sai do lugar onde estava sentada, encaminha-se até onde RÉ estava e rasga a cartolina, com cuidado. Esta lê a imagem das crianças:

– Essa aqui é o *Campo de Kamaz para afeganes deslocados. Mazar-e-Sharif, Afeganistão. 1996* [Olha para os colegas e principalmente para Alice].– *Eu imaginei que fosse alguma coisa assim*, disse ela, fechando calmamente a faixa preta sob a legenda de novo, com um sorriso persistente nos lábios.

– *Eu escolhi essa aqui*, afirma SI, levantando sua imagem. *E acho que mesmo eu escolhendo*

por último, se eu tivesse escolhido primeiro, eu escolheria essa foto aqui. Porque eu olhei assim...o menino tava olhando...e parece que ele tava olhando pra mim, assim, como se tivesse olhando fixamente assim...é como se ele tivesse pedindo alguma coisa, no meu ponto de vista. Ai eu fiquei pensando no que - que eu não sei aonde se passa essa foto - no que ele estaria pedindo, porque ele estaria pedindo, e também se esse olhar ao invés de ser um olhar de tá pedindo, não seria um olhar de esperança, assim...ai acho que é. Pra mim, tá pedindo. Hã...e, depois eu pensei, assim, conscientemente, pensando na gente, né? Eu fiquei pensando o quanto eu me coloco no lugar desse menino, sabe? Olhando para Alice, que estava na sua frente, ela mesma se questiona e se percebe do que dizia, rindo, timidamente. – Quantas coisas eu tô pedindo agora, quantas coisas eu tô buscando que talvez não esteja tão ao meu alcance, mas eu quero, sabe?!,

– *Tem esperança...* Alice diz, acompanhando e olhando pra ela.

– *É...mais é isso...*

Elas riem. Alice havia anotado em seu diário o quanto a entrega de SI havia lhe surpreendido, esboçando certa inocência e sinceridade ao se deixar tocar pelas coisas, desenrijecendo o olhar, estampando um riso largo e doce. Com seus dedos finos, ela rasga a cartolina preta. Lê a legenda, primeiro sozinha e pensa. Então, em voz alta, diz ao grupo:

– *Campo de Shamak, em Pul-i-Kumri, para afeganes deslocados. Norte do Afeganistão. 1996.* Depois de ler, escondida nas vozes dos comentários dos colegas, busca o menino da foto novamente, fixada em seu rosto. SI ficara lá com ele, por algum tempo.

Deisi se aproximava de cada um que lia e pegava a imagem com cuidado, colocando todas juntas, próximas à Alice. Na continuidade da roda, FA, que estava ao lado de SI, levanta sua imagem para o grupo: retrato de um cavalo, fazendo esforço e carregando na carroça, sob um imenso depósito de lixo, papel reciclado. Três pessoas, ao lado, empurrando o animal e a carroça, cena ilustrativa de uma vida de catadores. FÁ, assim, relata que quando viu a imagem, pensara em algo que lhe incomodava muito, que era a situação de cavalos, animais de rua e as pessoas que têm que trabalhar com eles, por não terem uma escolha melhor.

– *E tem uma coisa que me incomoda muito, não sei se alguém conhece ali perto da rua sete, tem uns trilhos, né, que passam ali em cima, e muitas vezes têm casos de cavalos que se perdem, né? Os carroceiros deixam os cavalos soltos, e vão em cima dessa ponte dos trilhos e acabam se perdendo e muitos morrem, caem lá de cima. Então é uma imagem que me chocou muito, porque tive que passar muitas vezes por ali...e é uma coisa que dói, porque eu não tenho o que fazer agora. Isso tá acontecendo nesse momento, essas pessoas, esses*

animais soltos por aí, e a gente não tem muito como ajudar, né? A gente passa por eles, aquele olhar de pedindo ajuda pra ti, né, e não tem o que fazer. É uma coisa, uma dor que eu tenho grande por isso, e gostaria de poder ajudar mais. Esse é o motivo porque eu escolhi a imagem.

FÁ, que costumava nos outros encontros ser econômica nas palavras, carrega toda a emoção possível nessas poucas proferidas. Suas mãos acompanhavam essa emoção, no desejo aparente de lançar o que causara a imagem.

– *Te causa desconforto?*, questiona Alice.

– *É...é uma coisa que eu tenho vontade de chorar na hora quando eu vi.* Retira a tarja preta e lê para o grupo a legenda:

– *Depósito de lixo de Netzahualcoyotl. Cidade do México. 1998.*

De encontro aos rostos deles, era notável que as imagens deixavam narrativas prontas, percepções carregadas de emoções em demasia, numa mistura de contornos interpretativos. Sentia-se uma inquietude no olhar, mas não um rosto impassível. No entanto, é preciso notar que não era um encontro alegre...deixava brechas de uma informe postura de não saber o que ler de tudo isso.

– *Posso?* Pergunta SOL, olhando para Alice. Responde que sim, e se levanta da mesa com a imagem: uma mulher negra, sentada nos trilhos, carregando nas costas uma criança, envolta em um pano. Segurando seu queixo sob uma mão, a mulher e a criança estão a olhar para o fotógrafo. Ao seu redor, na infinitude dos trilhos, pessoas em diferentes ângulos presenciam e igualmente observam o instante da fotografia.

– *O que mais me chamou a atenção foi o olhar dela. Num primeiro momento escrevi que era um olhar de desesperança, desesperança de tudo. Aí eu comecei a olhar melhor...mas será que ela também não tem esperança...de algo assim...porque o filho tá junto. Eu acho que é o filho, ou é uma pessoa muito valiosa na vida dela, que ela tá carregando ali e que talvez a esperança dela seguir em frente seja ele. Hã...me causou dor quando eu vi, desconforto, assim, de ver as condições que, de notar...às vezes a gente tem, a gente vive no nosso mundinho e não tem às vezes noção de quantas coisas existem em volta da gente, sabe? Quantas pessoas sofrendo, nesse sentido assim...e eu me pego pensando, assim como tu falou [apontando e olhando para FÁ], como ajudar, a gente não sabe. Às vezes eu fico pensando, tu quer fazer alguma coisa por essas pessoas, mas tu não sabe por onde começar, talvez seja na sala de aula, né? O pouquinho que a gente pode fazer é na escola. Ou na nossa profissão, neste caso. Mas não sei...essa imagem me mexeu bastante.*

Alice olha para SOL com certa cumplicidade, acompanhando seu relato de angústia e

o olhar sensível de SOL; olhos que pareciam procurar alguma resposta ao sentido que havia dado à imagem. A sequência de relatos desencadeava outras formações de falas e, no desconforto provocado por elas, Alice se deparava novamente com a angústia produzida em si mesma do pensado para os encontros. Não tinha volta, e nem queria que houvesse. Mas, o fato de ser a representação de tristeza lhe inquietava. Novamente colocava em dúvida seu trabalho, suas construções, mesmo que minimamente tivesse abandonado a ânsia em capturar a invenção. Dessa rede de afetos produzidos e emergidos, pensava que não podia controlar o que se passava na forma como o grupo lidaria com isso. Continuavam a ouvir SOL, e sua completa imersão nas suas perguntas frente às imagens de Sebastião Salgado.

– *Mas não sei...essa imagem, assim...me mexeu bastante. Daí eu não já sei se ela não tava olhando também para a cara do fotógrafo, tipo, “olhando minha dor, tirando foto da minha dor”, ou, “poxa, tô sem esperança, sabe”?* [Aponta para a imagem, olhando para a mesma] *Tu olha pra ela e tu vê vários...pode ter vários significados e é isso que acho legal na foto também. É uma imagem bonita e ao mesmo tempo triste. É uma coisa muito confusa, sabe? Mas...é isso!*

SOL solta a imagem na mesa e arranca a tarja:

– *Refugiados ruandeses ao longo da linha férrea perto de Lula. Região de Kisangani. Zaire. 1997.*

– *Eu acho essa imagem tão bonita, porque pra mim parece que ela [a mulher sentada nos trilhos com a criança] tá guardada por anjos assim...e essa legião atrás.*

Enquanto Deisi falava, SOL ia girando a imagem para que todos acompanhassem o que Deisi apontava nela. Ficaram alguns segundos assim, admirando a fotografia.

– *Mas essas imagens desestabilizam,né? Tu olha e...[ela faz o movimento de paralisia, na impossibilidade de seguir diante do um obstáculo]poxa! Né?! Diz SOL, sorrindo... – É uma coisa, uma sensação assim, muito diferente...*

CÁ se levanta, gira mostrando sua imagem, a qual ilustra um grupo de pessoas sentadas embaixo de uma imensa árvore, um quadro encostado na mesma e um homem em pé, com seus braços no ar, como se estivesse falando em direção àquele grupo: uma “escola” ao ar livre. Alice já não perguntava mais porque havia escolhido as imagens. Automaticamente, a fala surgiu, porque as coisas aconteciam sem necessidade de solicitação, na ressonância dos des(encontros) passados. Um mundo de acontecimentos descobrindo-se.

– *Eu escolhi primeiro essa imagem porque todas as outras me pareceram muito tristes...muito tristes, fala CÁ, com seriedade e certeza nas palavras.–Aí eu tentei pegar a menos triste possível.*

- *Tu pegou a menos triste porque tu não queria pegar uma coisa triste?* (Alice).
- *Não queria pegar uma coisa triste, daí eu peguei essa aqui porque é a primeira que a princípio eu olhei e não me pareceu, porque as outras eram com crianças, com idoso, com lixo, com aquelas caras quase todas tristes, com pobreza...tirando as de grandes cidades, que tinham duas que eram de grandes cidades, mas aí eu também achei contrastante com as de pobreza. Me parece que sei lá é, bem aquilo, dois mundos, cada um com seu mundo, ninguém quer saber dos outros, né? Daí eu peguei uma que não fala disso a princípio. CÁ descreve a imagem, mostrando os elementos que a compõe, ponto a ponto. Aponta na imagem: – Um carinha dando aula, explicando, falando, e aqui os alunos, sentados na raiz da árvore. Daí primeiro eu pensei, bah, como se fosse uma cena feliz. Eles estarem ali, sei lá, fazendo alguma coisa diferente, e eles estão todos assim, tipo, muito prestando atenção, sabe? Todos olhando pro mestre ali que tá falando. Eu, ah que legal, né, eles prestando atenção e coisa, aí eu pensei “bah, por que que eles estão aqui? Será que eles tão simplesmente fazendo uma aula diferente no pátio?” Acredito eu que não. Quem sabe por que eles não têm escola, não tem sala de aula. Que eles têm uma escola muito longe, e não tem como ir, sabe? Tipo, por causa da pobreza.*

Com gestos serenos, CÁ reafirma que a escolheu porque havia achado a imagem menos triste, mesmo não sabendo da “realidade” da foto.

- *Mas aí eu pensei, eles estão todos concentrados, com o caderninho, olhando muito atentos pra aquele professor. Daí eu fico pensando quantos alunos que têm uma sala de aula maravilhosa, uma cadeira confortável e tu não consegue atenção como esse professor tá conseguindo...essa pessoa que tá falando, explicando pra eles. Eu achei, sei lá, uma paisagem menos triste, pela questão talvez das árvores, enfim, por eles estarem tão atentos.*

Ela ri...baixando a imagem sobre a mesa.

- *Eu fiquei pensando, quando tu falou de tantos alunos que tem aonde estudar, nem dão bola, prestam atenção...mas aí eles tão porque eles querem, né?! Eles não gostam de ciências, e são obrigados a assistir matemática,* afirma RÉ.
- *Sei lá, eu não sei. Eu acho triste essa cena. Acho exatamente triste tudo que tem nela,* diz Deisi. *Acho que a CÁ quis fugir da tristeza e pegou uma das mais tristes de todas. Ela só fugiu da forma triste, da cara da dor.* Enquanto fala, CÁ mexe na cartolina, de cabeça baixa, olhando rapidamente para Deisi.
- *Não, mas eu vi, tipo, tu pode ensinar muita coisa sem tá entre quatro paredes. Garanto que eles podem tá aprendendo muita coisa ali, que muita gente não aprendeu em sala de aula,* afirma RÉ. Cé ri e, então, lê a legenda:

– *Para escapar ao recrutamento compulsório pelo Exército, jovens fogem do sul do Sudão. Se encontram na escola administrada pelas Nações Unidas no campo de Kakuma. Norte do Quênia.*

– *Agora tá bem triste, né, CÁ?*, afirma SÁ, sorrindo, olhando a colega.

– *É, pois é...* Silêncio.

Deisi rapidamente se levanta da cadeira, e com seu humor entoando como indignação, retoma de onde havia parado. Aponta para a imagem:

– *Percebam o seguinte, é uma aula tradicional, gente! Estão sentados olhando pra um quadro, no meio de uma paisagem maravilhosa, isso é horrível! Primeiro é uma incompetência, tu não saber dar uma aula diferente num lugar desses. Tu bota um quadro e ter uma voz de autoridade...não estão nem sentado em roda, sabe? Eles podiam tá batendo as mãos, eles podiam tá fazendo qualquer coisa, menos essa aula horrorosa. Isso é querer levar a escola pro meio da floresta. Isso é o que os missionários fizeram e continuam fazendo, com nome de nações unidas, não sei o que, cruz vermelha, cruz da cor que quiser, o diabo a quatro, é a mesma merda, sabe? É alguém que sabe a verdade querendo dizer pro outro que não sabe o que tem que fazer, não tem escuta nenhuma. Essa foto é a dor! A dor desse sistema horroroso que invade tudo que é lugar!*

DÓ pega a garrafa de refrigerante da mesa, sentado de costas pra Deisi. VAL bebe sua água, enquanto observa Deisi falando. Ficaram em silêncio, mas remexiam-se na cadeira enquanto a ouviam.

– *Ah, eu não vi desse jeito, porque a foto ela botô só aquele momento ali. De repente não é isso que tá acontecendo*, diz RÉ, olhando para Deisi.

Alice entrou no meio do debate:

– *É, assim pessoal, a ideia das imagens é...*

– *É polissêmica*, diz Deisi.

– *É...É uma força que afeta de maneiras diferentes*. Nesse instante, todas as vozes se juntam, no entrecruzar de falas que não se ouvem, dando suas mais diversas interpretações e percepções sobre a imagem, não importando se havia um único sentido a ser dado para ela. Alguns nem haviam percebido o quadro presente na fotografia, outro achou ela linda esteticamente, ou havia reparado nela apenas a beleza da árvore.

– *Esteticamente ela é linda* (Deisi).

Ela foi passando de mão em mão, para ser vista mais de perto. VAL espera que os ânimos se acalmem, retira delicadamente seu diário de cima da fotografia e a levanta, sorrindo: nela, duas mulheres de burca estavam sentadas de frente para a foto e a única parte

do corpo que aparece são um dos pés pequenino da criança sentada no colo de uma, e a mão da outra, segurando também provavelmente outra criança, escondida entre os panos. VAL solta seus braços sob as pernas, e mansamente diz:

– *Ela me chamou atenção pelo fato da cultura, né, do Islã...pelo fato das mulheres terem que usar burca, né, pra tipo, esconder a vida delas por trás da burca. E eu relatei também com a nossa vida. Porque várias mulheres dentro da nossa cultura...a gente não usa burca, a gente não materializa o fato de esconder nossa vida, mas muitas vezes eu me vejo escondendo a minha vida também como essas mulheres também escondem, né? A gente não tem nada material pra dizer que a gente esconde, mas vários fatos às vezes a gente acaba escondendo.*

– *Foi de cara assim, VAL? (Alice).*

– *Foi, foi meio de cara assim.*

– *Teve outra que tu ficou... (Alice),*

– *Aquela que RÉ pegou, das duas crianças...pelo mesmo fato que ela falou do irmão dela. Eu sou muito assim, o meu irmão comigo, muito de proteger ele e ele me proteger. Foi uma coisa que me chamou muita atenção.*

Ela baixa a cabeça e termina de rasgar a cartolina.

– *Distribuição de alimentos por uma organização humanitária francesa. Ação contra a fome. Cabul. Afeganistão. 1996. E também ela, com seus olhos negros, volta o olhar de novo para as mulheres, após ler a legenda.*

Permanecem alguns ainda fitando a imagem de VAL, em silêncio, ou conversando baixinho sobre ela. SÁ se levanta e, com a sua imagem, na ponta da mesa, com a mão na cintura, num tom bem-humorado, com a disposição notória e sempre presente para as coisas que aparecem. Sua fala ligeira, e voz grave, entoou na sala, com firmeza:

– *Eu escolhi essa aqui, mas, primeiro, eu acho que foi ela que me escolheu, porque eu olhei pra essa imagem e a única coisa que eu consegui ver foi o sorriso dessa mulher. Eu não vi nada igual ao sorriso dela. E eu achei muito lindo, eu achei que queria dizer várias coisas. Depois eu parei pra olhar...aí quando eu tava lá, eu parei pra olhar em volta, aí eu vi a situação dela, deles, né, em tendas, aí eu percebi que as duas mulheres não tinham as pernas, que tavam com as crianças. E daí eu vi que era uma outra realidade, comecei a pensar como que ela conseguia ser tão feliz porque, pra mim isso é um sorriso verdadeiro, não é um sorriso falso! Como que ela conseguia tá tão feliz nessa situação. Mas eu escolhi pelo sorriso dela...que eu achei muito verdadeiro, assim, bonito.*

– *Não viu tristeza na foto, diz Alice, rindo.*

– *Não, não vi tristeza. E foi assim ó, entrei, e vi ela, de cara.*

SÁ senta-se novamente e aguarda Deisi compartilhar sua percepção ainda sobre a foto da burca. Estava impaciente porque queria terminar de falar, de mostrar mais sobre a imagem que escolhera.

– *Vítimas de minas terrestres no campo do Lar do Cangalo, nas imediações de Kuito. Angola. 1997.* Quando ela termina de ler a legenda, Alice aproveita para falar da lembrança que a imagem de SÁ havia lhe acometido, dos livros de Mia Couto, os quais em sua maioria é retratada, num enredo diversificado, a vida de pessoas que sobrevivem após a Guerra Civil em Moçambique, e que ainda permanecem à mercê de um solo tomado por minas terrestres.

– *Se alguém quiser um dia, para ler...e ri de si mesma, envergonhada.*

Ela, então, olha para DÓ, na intenção de que ele continuasse a roda. Então, ele nos mostra a imagem de uma cidade, uma metrópole. Centenas de prédios que compunham um cenário de cores sob a luz do sol, o qual se esconde atrás de densas nuvens, num céu nublado. DÓ pronuncia sua fala concisa, de gestos precisos, mostrando-se mais contido em sua fala.

– *Eu escolhi essa daqui e...à primeira vista tu só vê prédio, construção, mas na verdade eu só vi pessoas...quando eu olhei aqui. Há pessoas trazendo histórias, porque...se tu parar pra pensar não tem como ser todo mundo dessa cidade, então elas vieram de algum lugar. Essas pessoas vieram por causa de alguma coisa pra esse lugar. Hã...se cada pessoa é um complexo, então, esses complexos também tem suas histórias, e essas histórias estão todas enroladas, nesse monte de concreto que a gente vê. E a gente é o concreto também, nós somos concretos, porque, quanto maior o lugar, parece que quanto mais gente tem, mais concreto tu é. Tu não se deixa mostrar, assim como a moça da burca. Se não fosse ela eu ia pegar aquela, mas ela já não tava lá. Então, a gente acaba se tornando concretos ambulantes no meu ponto de vista, e que...dá pra reparar [levanta a imagem novamente e procura mostrar a imagem aos colegas] que o céu tem um monte de nuvem, que a luz pouco passa, mas passa, e nem todo concreto, né, é à prova de luz. Nem todo concreto bloqueia luz. Então, sorte daqueles que não são concretos ambulantes, complexo, que ainda consegue ver a luz, ou que consegue pular do muro de concreto que tem e ver um outro quadrado de concreto, com outra pessoa, e se conseguir fazer isso com mais pessoas, melhor.*

O som de uma máquina fora do prédio, trabalhando, abafava um pouco a voz de DÓ. Sua narrativa produzia uma atenção diferenciada dos colegas em torno dele e de suas perspectivas: acompanhavam-no em suas divagações, olhando para a imagem. Ele pausara sua fala, olha para a imagem e diz que acabou se identificando muito com ela porque tem

uma história de vida. Enquanto fala, Deisi olha para ele, sorrindo.

- *Eu acabei me identificando muito porque...ah, não é oh, uma história de vida!, mas eu tive que me mudar de cidade, quando eu tava...na minha época de mais, assim, de amizade, então, perdi toda...não perdi mas, perdi contato com a maioria dos meus amigos e...tive que recomeçar tudo de novo e não é tão fácil! Mas...à primeira vista o que me deu foi isso assim: tipo, tu vê concreto, mas tu vê pessoas também.* Deisi aponta para que ele tire a tarja.
- *São Paulo, Brasil, 1996...não tem legenda,* diz ele, olhando para sua imagem.

RÉ faz a ligação da sua imagem com a de DÓ, afirmando que quando havia falado das *janelinhas na minha foto*, pensava sobre cada janela daquelas ser uma história quando estava em São Paulo, onde tudo era muito grande e se perdia olhando na imensidão de prédios.

- *Cada janela dessas tem uma história. Eu tô aqui vivendo uma história, mas todo mundo tem a sua, e é bem isso, né? Tu olha assim ó...é uma selva!*

O som da maquinaria fora dali irritava Alice. CÉ, com o corpo silenciado, espera que RÉ termine de falar. De poucas palavras, observadora, e com seus gestos que expressam sua timidez, coloca a imagem sobre o peito e fala olhando para ela de cima. Eram três meninos (ou meninas), negros, tapados com um pano, e suas pequeníssimas faces aparecem. A nuance de cores da imagem ressalta o branco dos seus olhos, e a expressão marcada e diferente de cada um.

- *Eu escolhi essa daqui, dos 3 meninos deitados...não sei, eu quando olhei eu imaginei que eles eram irmãos e não sabia por que, mas não sei, não consegui fugir os olhos desse aqui, do meio, os olhos bem arregalados, com uma cara de susto. Quando eu olhei essa, eu disse que era essa que eu escolhi. Não sei explicar bem ao certo porque, mas me chamou muito a atenção, a expressão dele. Ai depois eu comecei a reparar nesse aqui do lado, que ele já tem uma cara mais de...desconfiado, assim. Era isso!* Coloca a imagem na mesa, rasga ao meio a tarja.

Quando RÉ lê a legenda, ela expressa sua admiração num sorriso escondido, num rosto que costuma se manter informe diante das manifestações dos encontros.

- *Orfanato anexo ao hospital do campo 1 de Kibumba. Goma, Zaire. 1994.* [Observa de novo a imagem. Silêncio.] –*É, eu não imaginei que...passando por tudo isso.*

Esperam um pouco. ZÉ, o último a falar, inicia lembrando-lhes que sua imagem era a primeira à esquerda, de quem entrava na sala e afirma que, na primeira vez que olhou, de longe, sem tanto cuidado, as pessoas que caminhavam em filas na fotografia, pareciam-lhe gado.–*Sem mentira, eu olhei tipo, eu olhei achei que fosse gado. Tá aí, olhei, aí olhei de*

novo, não espera aí, mas é gente! Daí eu voltei e fiquei olhando ela mais um tempo. E, eu associei isso com o quanto a gente pega e...a sociedade inteira, falo isso como a sociedade inteira, como a gente trata as outras pessoas como bicho. Por motivo de interesse nosso, ou por interesse maior de outras pessoas, a gente trata as outras pessoas como bicho e o quê que a gente faz com bicho que, por exemplo, gado, por exemplo quando eu enxerguei: a gente quer mudar o gado de um pasto pro outro! Tu arrebanha aquele monte de gado e toca pra outro lugar! Não interessa se o gado quer ir pra lá ou não, por exemplo, se ele vai sobreviver ou não no lugar. Sei que a gente faz isso. E com gente, a gente faz a mesma coisa, por interesse próprio, ou por interesse de grande número de pessoas, tu acaba fazendo isso. E eu pensei: as guerras são assim, as de exploração imobiliária são assim, em Santa Maria mesmo aconteceu isso, tão tirando muita gente, derrubando muita casa de gente pra pegar e fazer outras coisas ou porque não pode tá ali. “Ah, não, mas não pode! Não, vocês tem que sair!” Bota um trator, derruba tudo, e as pessoas tem que pegar, sair dali e ir pra algum lugar. Ou...como tão fazendo em São Paulo, no Rio, não me lembro, tão derrubando várias favelas e tão realocando as pessoas em outros lugares, e elas não querem ir, e é longe pra elas...tem que pegar dois, três ônibus pra ir pro serviço e o custo é muito alto e...as pessoas acabam passando fome!! E a gente acaba fazendo isso, foi o que eu enxerguei.

Calmo, falava com propriedade, colocando naquela imagem toda criticidade que podia. Dirigia-se em direção à Alice, gesticulando, acompanhando suas entonações de voz, às vezes um pouco nervosa. Ela parecia absorta naquela postura de ZÉ ainda não vista nos outros encontros, sem tanto receio e aflição em seus movimentos, no que produzia no grupo ao falar. Ele contava sua impressão da foto de forma muito séria, e cheia de emoção nas palavras e aparente indignação.

– Eu fiquei pensando no contexto da imagem depois que eu peguei ela. Eu imaginei que fosse uma coisa, tipo, de guerra civil. Então depois ela também me lembrou o nordeste do Brasil por causa das secas e tal, pessoal tem que se realocar...mas eu achei que fosse alguma coisa de guerra civil. Tu vê que as pessoas estão indo com o que elas podiam carregar nos braços e tavam levando embora. Foi o que eu consegui ver nessa imagem, dizia Zé

Alice pensa um pouco e pergunta, olhando para a imagem:

– Sei lá, tu te enxergou um pouco...um pouco da tua vida, além disso que tu colocou?

– Não...não cheguei a me colocar exatamente no contexto da foto. Eu me coloquei como um dos agentes que pode vir a provocar isso, entende? Como um dos fatores determinantes pra que isso ocorresse.

Ele para e então lê o que está escrito na imagem, o que parecia, após a leitura que

havia feito dela, pouco importar, pensava Alice:– *Em torno de 245.000 refugiados Hutu ruandeses continuam a fugir do Burundi para a Tanzânia. Burundi. 1995.*

Deisi interrompe, com a boca cheia, o arrastão que a descrição de ZÉ havia produzido. Deisi se levanta, diz que quer falar uma coisa. Termina de engolir o que comia e todos a fitam.

– *Quando a SOL fala assim: “o que que a gente pode fazer, né?”, vários falaram isso...ah, eu me sinto impotente...eu acho que a gente tem que, primeiro parar de salvar os outros, porque isso não faz bem nenhum pra ninguém. Depois a gente tem que pensar em salvar a si mesmo...aquilo que vocês querem fazer pelos outros, façam por vocês. Quem tem que ser salvo primeiro, sou eu. Então, quando a SOL disse assim, “Por onde começar?” Eu queria ter gritado: por ti! Sabe? Por onde começar? Por mim! É eu gostando do que eu faço, eu fazendo bem o que eu posso fazer, eu ocupando os espaços que eu tenho pra ocupar, eu vivendo cada dia.*

Deisi falava, interrompia, mudava seu tom de voz, e seguia, olhando para os alunos. Eles, ouvindo, moviam-se entre olhares de um para outro, discretamente.

– *E ver tristeza na vida alheia, quando eu nem perguntei pras pessoas se elas estão tristes ou felizes. Tudo que a gente vê no outro, tá muito em nós...e tudo que a gente escolheu, as fotos que a gente escolheu somos nós. Quando diz isso, procura olhar a reação do grupo, num ar crédulo. – Ela é exatamente o retrato de cada um de vocês [fica alguns segundos fazendo o gesto afirmativo com a cabeça, olhando fixamente para alguém do grupo, que não havia concordado].– Vocês podem pegar como tema pra casa e escrever assim, eu sou essa foto, esse é o início da frase. Completem a frase! [Os alunos ficam pensando, olham uns para os outros. RÉ diz que não concorda, baixinho, ao lado de Alice].– Se vocês não conseguirem completar, eu completo pra vocês. Eu vou escrever um livro no final e vou dar pra cada um de vocês: quem você é. Porque eu já sei, né? Porque é muito evidente pra quem tá no lado de fora, e às vezes não é muito evidente pra quem tá no meio, né?*

Alice não gostava do que ouvia de Deisi, mas também não a questionou. Manteve-se pensando que o que importava ali era sensação que a imagem poderia causar, mesmo que toda uma história por trás dela fosse criada ao tentar interpretá-la, e mesmo uma possível representação de si. Porque não se trata de saber quem somos, pensava...mas no que podemos ainda diferir de nós mesmos. Um pouco de si, um pouco do outro, um pouco do mundo em cada imagem. Falar era falar-se. Se aquelas fotografias, na imensidão do que podiam representar, reafirmavam-os ou reinventavam-os não teria conhecimento. Ela pensava que o que insistia nela era desejo de expandir mundos, que aquela tristeza produzida

não fosse mais morada da auto complacência. Não sabia o que fazer disso tudo, e a ressonância em cada um do que fora vivido, mas estava disposta a sair do que havia acontecido, fugir, ou talvez fazer alegria daquilo tudo, ação...o que fosse. Quem sabe mesmo num vestir-se nua, de novo e agora com vontade, para que encontrasse outros pelo caminho.

* * *

Fotos preto e branco são interessantes pelo fato de que o que ressalta aos olhos é a alma, a essência da foto, sem que uma overdose de cores atrapalhe essa percepção. A foto é um recurso incrível, pois ela captura um momento único, que nunca mais se repetirá. Pode captar uma paisagem que talvez no dia anterior não mais existirá. Bem como captar o último momento de felicidade de alguém. Nunca se sabe ao certo o que ocorreu antes daquele momento da foto e também não se sabe o que ocorreu no momento seguinte. Um momento único, com emoção única.

* * *

Quero acreditar que vou viver num mundo que as crianças não sejam vítimas de uma sociedade cruel e inconsequente. Onde possamos dar valor ao sorriso franco e sincero de uma criança sem querer que se comporte conforme meus valores e conceitos. Onde possamos entrar no mundo dessa criança e ser criança também e entender: tudo tem um tempo para acontecer. Quero não destruir a alegria de meu filho e sua criatividade e ingenuidade, podendo viver por inteiro cada etapa de sua vida e ajudar ele nessa nossa nova realidade.

* * *

Um menino. Um olhar tão penetrante que parece pedindo. Pedindo carinho, atenção? Será a necessidade para que um mundo lhe enxergue? Será que eu estou pedindo algo? Na verdade sempre estou querendo, mas, não venço minha própria rotina, que eu escolhi, e em vez de diminuir, sempre estou buscando mais. Às vezes sem querer. Será necessidade de satisfação pessoal? Mas, voltando ao menino, ele me prendeu. Da vontade de apertar de tão

fofinho. Como podemos gostar assim sem a pessoa nem se mexer ou falar...e do que será que ele precisa? Qual será a situação da foto? Ele permanece me olhando. Não sei se é brasileiro. A roupa lembra uma bombacha, mas não deve ser. Olhando as fotos dos colegas, continuo preferindo a minha. Para mim, ele é lindo e cativante. Em vez de ser um olhar pedinte, pode também ser um olhar esperançoso. Espera de algo melhor. É uma foto. Será que quando encontro alguém na rua assim, reajo assim? E os meus alunos do fundamental, o que estão pedindo? Se parecem mais com essa foto que os do Ensino Médio. Por que sempre nas aulas da Alice eu tenho vontade de chorar? Por que eu estou encontrando a mim mesmo? O que tem dentro de mim que me faz chorar? Ou eu choro por qualquer coisa? Todo mundo olha o exterior da foto. Todo mundo não, a maioria. Eu volto as reflexões para mim internamente. Acho um egoísmo na verdade. Isso é bom ou ruim?

* * *

O que me chamou atenção: o sorriso. Lindo, espontâneo e verdadeiro da “primeira” mulher; após isso eu comecei a olhar o contexto e percebi a situação em que ela se encontrava e o cenário da foto, mas por alguns segundos isso simplesmente não importou, pois aquele sorriso me cativou a ponto de que nada parecia errado e nada poderia estar, afinal ela estava sorrindo. Qual o tamanho, a importância e o significado de um sorriso? Acho que não fui eu quem escolheu a fotografia e sim a fotografia que me escolheu, o sorriso que eu talvez queira encontrar dentro de mim? Ou o que eu espero de alguém? Quem sabe os dois, quem sabe eu queira descobrir uma maneira nova de ser feliz? Tudo o que nos toca, nos transforma e depois disso, o passado torna-se algo distante, ou menos próximo.

* * *

Prédios e mais prédios. Logo à mente vêm pessoas e mais pessoas. Mas nem todos devem ser dessa cidade, a maioria diria eu, não deve vir originalmente desse lugar. Cada pessoa é um complexo e se cada complexo traz uma história são inúmeras histórias cruzando-se todos os dias. Mas, a sensação é de que a cada dia, com mais um prédio sendo construído, mais concreto sendo exposto para a vida, a vida caba se concretizando; aqui, possivelmente, não há ninguém que nunca se sentiu um concreto bruto, de 4 lados. A gente pode ser

concreto ambulante, andando pelas calçadas, um grande tijolão; sendo visto e se movimentando, mas a pessoa não movimenta-se mais, certo?

Voltando então: pessoas, prédios, concretos vieram de algum lugar e como o jargão popular diz, onde tá bom não se mexe. Elas se mexeram, saíram de algum lugar, vieram para outro destes poucos lugares que nos aglomeramos e não sentimos o calor dessa aproximação. Somos concretos de que? Nos encostamos e não sentimos o calor dos outros, olhamos e não vemos.

Mas, não somos concretos frios; ainda restam raízes que algumas pessoas descobrem e conectam-se com estas; pequenas conexões que já fazem grande diferença. E se onde estou sou onde mais raízes tenho? Então, arrancando-me de meu lugar vou parar num chão seco; onde as raízes acabam secando e se, por um acaso (e não é mera coincidência) neste lugar, neste mesmo espaço, outras raízes forem colocadas, secará também. Concreto nos tornamos; os muros ficam mais altos, não vemos além de nosso próprio quadrado ambulante.

* * *

CONVERSANDO COM A BANCA (E ALÉNS)

Era uma dor lancinante, daquelas que não havia sentido antes. Nada se comparava ao desalento de palavras que se perdem, e que não conseguem comunicar. Os dedos enrijeciam, duros, perplexos no desejo de serem velozes, produtivos, completos na sua anatomia. Mas a corrente de dor ensurdecadora tudo. Era cravada a angústia do sentir-se doída, interrompida, calada, mas gritante. Porque gritava. Ela gritava um grito sem eco, sem som, sem ouvido. Desfazia-se naquela completa incapacidade de existir, mesmo se sentindo viva, era essa contradição: talvez nunca se sentira tão viva, tão mundana, imunda. Tão sua, tão dele, não dela, mas dos outros, de alguém. Encharcada do marasmo de si, conseguiu desvencilhar-se do manto de choro que aludia. Tempos depois, foi pega dançando na escuridão da noite. Fez da dor-escrita a morada provisória de um tempo necessário. Cruzava por si na rua, e se desconhecia nos espelhos do mundo. Foi acudida no meio do caminho pela monotonia das horas.

A angústia da pesquisa, com a pesquisa, daquele lugar, angústia do tempo, angústia

que demarca o desespero, desgosto. Silêncio. Falar sobre o que não se quer mais escrever e falar, sobre um querer desconhecer.

Persiste o desejo do abandono de toda atmosfera de novidade-surpresa-limitação à invenção. Um desprendimento a essa estupefação admitida frente à temática e do que girava em torno dela. Da exaustão dos signos produzidos nos encontros, que se tornavam ressentidos na medida em que a ferida ia sendo escarafunchada e remexida novamente. A vergonha do sentir que irrompe, mas que não se pode mais esconder. Foi necessário, não com estoicismos, deixar que a dor brotasse e que ela mesma produzisse essa escrita. Remeter-me àquele tempo, voltar pra aquele espaço conduzia-me a uma Alice que, de certa forma, pulverizou-se ao longo da trajetória. Assim que se começava a olhar novamente os encontros, voltar às passagens de signos que corriam naquela sala, a dor simplesmente brotava. Mas senti, ao revivê-los, a própria duração e sua irreversibilidade. Não era mais sobre a mesma pessoa que os acontecimentos agiam. O estado de angústia era outro, mesmo em sua semelhança. No entanto, isso implica dizer que esse tempo vivido é simultâneo, e não sucessivo. Ele coexiste comigo, posto que não importava quantas vezes se repassasse pelas gravações em vídeo, atualizava-se o sentimento que misturava nuances de vergonha, medo e angústia. Mas foi preciso acentuar essa dor no trabalho ao reviver as coisas, e que exigia uma centralização desse sentir (de Alice), além do movimento conjunto do descentramento da mesma (como à parte do restante do grupo). Enquanto escrevia, fui assim percebendo as outras tantas durações, das nossas maneiras de ser no tempo.

Essa dor é também de uma atenção peculiar para conseguir operar como o outro. O movimento de sentir o que o outro sentia, de retirar as camadas e tentar encontrar alguma coisa, coisa que me ensinasse mais de cada um, passou a ficar quase indistinguível do sentir de Alice. Então, não se trata de uma angústia conjunta? A essa altura do trabalho, é possível afirmar que mesmo o que Alice dizia e fazia os outros sentirem, não era só dela, ou propriamente de DÓ, Deisi, MI, CÁ, RÉ, ou quem fosse. Havia um compartilhamento-emergência de emoções, assim como essas também eram atualizadas nos outros. A invenção se dava a todo o momento porque mesmo onde não havia uma fala pronunciada, não éramos ouvintes passivos: havia uma cooperação entre as mentes, em seu grau de imaterialidade. Cada vez menos quem escreve é a Alice (assim se acredita)...mas uma soma de tantos outros, que a partir de sua potência constitutiva e diferenciante, reinventa as palavras, coatualiza as mesmas, “uma vez que portam muitos mundos possíveis” (LAZZARATO, 2006, p. 165).

A maneira encontrada pra tentar resolver um problema irresoluto, passando pelas lembranças de uma performance que doía, o distanciamento em terceira pessoa ajudou, e

muito. E aí, talvez uma longa, cansativa e repetitiva narrativa das mesmas sensações tenha tomado conta da cena, de uma Alice que já não se reconhece, ou se reconhece em diversos momentos e, por isso, angustia. O ato inventivo que se vê possível na escrita se faz inevitável, ao mesmo tempo que árduo.

No entanto, independente de sua natureza, a angústia pode ampliar o trabalho agora, porque pode ser aceita. Viver isso exige paciência e um tanto de desprendimento; exige não ter regras, livrar-se de um apego ao eu consolidado, desvencilhando de um ensimesmado reconhecimento. Acredito não estar sendo conduzida por essa solubilidade que requeria, mas o que conta é proposta de se estar atento para que isso tenha corpo de efetuação, pra que isso reverbere realmente como compreensão e ação, no tempo cultivado.

Parto dessa angústia, impregnada das colocações da banca de qualificação, do compartilhamento sincero e extremamente generoso das contribuições de Guilherme, Alexandre e Marilda. Assim, decidi por conversar com isso. Trazer ao trabalho as problematizações que geraram a tentativa de passar pelos encontros, e mesmo avançar na pesquisa, a partir e pelas considerações que fizeram.

* * *

Anotava as observações e sugestões que Gui ia colocando, com cuidado. Sem saber, ele ia pinçando suas colocações e compondo com as de Alexandre. No ínterim entre a qualificação e a possibilidade de passar novamente pelos Encontros das quartas-feiras, procurava ansiosamente dar conta do referencial sugerido, dos excessos, das brechas, das forças, e disso, o desejo de que o trabalho continuasse cartografando os problemas da pesquisa que, a essa altura, eram muitos outros e de naturezas diversas. Estava feliz com o abandono de Kastrup (mesmo que predomine certos vícios da linguagem teórica). Só pude recomençar a olhar para os encontros – no qual me programei para que fossem vistos e reescritos num bloco contínuo, sem um intervalo de tempo muito grande para que pudesse, de fato, mergulhar no vivido – depois desse contato com as considerações da banca.

“Explora o tempo que se esticava nas descrições”, dizia Guilherme. “Nos desdobramentos das falas, presta mais atenção nos estiramentos do tempo, enquanto está acontecendo. O tempo vivo nesses acontecimentos, onde o presente acontece.” Guilherme talvez quisesse ver acentuado o registro do desmanchamento da forma sujeito descrito, suas

interpretações ou verdades da fala, mas acontecimentos. Tratar as coisas dentro da filosofia do acontecimento era passar a construir os encontros através de constituição de mundos e das subjetividades que não tem mais como ponto de partida o sujeito, o eu interiorizado, mas nossas individuações dinâmicas, os modos como circulamos, afetamos e somos afetados. Retiro literal a explicação de Lazzarato que, em Deleuze, procura dar conta de dimensionar o possível no acontecimento:

[...] o mundo é virtual, uma multiplicidade de relações, de acontecimentos que se expressam nos agenciamentos coletivos de enunciação (nas almas) e criam o possível. O possível não existe *a priori* [...] não está dado, precisa ser criado. As novas possibilidades são bem reais, mas não existem fora daquilo que as exprime (signos, linguagem, gestos); os possíveis devem atualizar-se ou efetuar-se nos agenciamentos maquínicos (nos corpos). Atualizar ou efetuar, trata-se de desenvolver aquilo que o possível envolve, de explicar aquilo que ele implica (LAZZARATO, 2006, p. 17).

O mundo é uma multiplicidade de relações, de acontecimentos que se se efetua através dos agenciamentos que fazemos com as coisas. Acontecer é tirar da ação e do pensamento a lógica cotidiana de pré-conceber qualquer coisa, porque falamos assim de um possível que precisa ser inventado. O possível gera em nós um acontecido: no corpo, na mente, na potência, provocando coisas, e interessando aí o seu efeito e não princípio ou fim. São novas possibilidades de vida que emergem e se atualizam, ou seja, um campo de possíveis contido em todos nós. Possível que não existe fora daquilo que ele expressa, no enunciado, no signo ou no rosto. Esse possível está aí, circulante, pulsante, mas deve ser acolhido e agenciado a algo que possa se efetuar. Acolher o acontecimento, deixar que ele se mostre e que se faça possível, dentro do que foi vivido: direcionar todos meus sentidos para isso, não só nos encontros, era o que interessava. Mostrar, à luz do que acontece, na contemporaneidade do tempo, o que cada um faz com o acontecimento, abrindo o seu caráter de colocação de problemas. É aí que a pesquisa de mestrado se transforma na verdadeira extensão da vida de quem escreve.

Disso, ao que Alexandre escrevera na avaliação do trabalho: “Também dos encontros das quartas-feiras interessa uma escrita que produz imagens do que se passou através de narrativas – que exercita uma interessante estratégia cartográfica - em que a ênfase está na produção de imagens narrativas, o que é diferente de pensar a narrativa centrada no indivíduo, no sentido moderno, liberal, romântico. No pequeno eu. Pode parecer estranho

ênfatisar esse ponto, dizer isso na sua qualificação, quando no campo da educação produzimos narrativas e elas também são um modo de aproximação, de escuta, acolhimento e sabemos que os estudantes em geral não são ouvidos. O caso é que na experiência que você apresenta o foco está na produção de imagens e isso interessa muitíssimo. Para serem produzidas, estas imagens pediram uma imersão no campo e uma multiplicidade de experiências. A produção destas imagens foi um dos recursos para engendrar e encontrar um campo de singularidades, um campo comum de singularidades. Portanto, não se trata de mera 'coleta de dados' e muito mais 'produção de dados', sempre. Outra questão: É importante ressaltar que aquilo que consideramos ser o trabalho com as singularidades se distancia daquele que opera com a lógica do indivíduo. Pois, por melhores que sejam as nossas intenções, ao associar as singularidades à noção de indivíduo ou pessoa ficam reforçadas, naturalizadas as identidades fixas, reitera-se o indivíduo no sentido liberal. Os fragmentos narrativos dos encontros das quartas-feiras foram escritos buscando esta distância, deslocando-se das marcas de uma percepção pessoal rumo a uma sensibilidade impessoal, coletiva e singular. **Quero dizer que isso pode ser acentuado no seu trabalho** [grifo meu]. Uma sugestão: Experimente escrever deixando em desuso termos como: indivíduo, humano, “consigo mesmo”, pessoa, interiorizada e afins, sabendo que não são meros vocábulos, mas noções implicadas com certa lógica, datada, que pode prender o seu texto no século XIX, ao invés de liberá-lo em invenções. Nas descrições das quartas-feiras, nos blocos de pensamentos soltos, estão passagens, imagens e volta e meia os cacoetes humanistas predominam; no entanto, nessa experiência, e em algumas outras realizadas com imagens desubjetivadas, o eu, o indivíduo, não está no centro e isso interessa ao seu trabalho. [...] você mencionou uma aula com Deise e Guilherme que termina com uma provocação e invoca uma *escrita que não é confessional, escrita de si que foge do escrever sobre si, um escrever que é tornar-se outra coisa. Abrir-se para a escrita no que ela nos coloca em vias de diferir de si mesmo, no movimento de criar-se a si mesmo*. Não perca isso! Acentue essa desubjetivação nas narrativas e nos encontros que você problematiza.”

Alexandre deixara ganchos de pensar uma escrita que se esgota, para sair da forma homem. Esgotar o acontecimento (ênfatisado por Guilherme), desinvestindo a forma-homem, para livrar o caráter de pessoalidade, de supostas identidades. As cooperações entre Alexandre e Guilherme. É de uma performance que demanda uma escrita que experimente e consiga abrir as vigas, expor as paisagens: “é a possibilidade de engendrar uma política que dissemina combinatórias, silêncios, transmutações de coisas, eu e impessoais parasitados” (HENZ, 2010, p. 5). Por isso, nunca se trata de meramente escrever, quando é preciso

efetuar-se e afetar-se com essa escrita, a título de agente mesmo da ação. Isso demanda um livrar-se de demarcação de territórios, reflexões, interpretações e pontualizações psicológicas. É mostrar toda espécie de – copiando de Alexandre - “delírio, digressões, desvios, intermitências, gagueiras, cambaleamentos, ausência, lentidões, angústia aceita, na afirmação da vida. Treinar, ‘produzir’ os dados, extenuar esse campo comum de singularidades. Por isso, não se tratava de meramente transcrever gravações, mas muito mais transcriar e inventar, mesmo dentro dos ‘traços e cadáveres adiados do pequeno eu’”.

Quero dizer que isso era algo sempre em movimento na pesquisa, não havendo garantias de que eu tenha o feito, só tentativas, e que elas seguiriam nesse aprendizado. Tratava-se sempre de expor a imagem, extenuar aquele espaço e o tempo dos encontros, nos interstícios das falas, que ajudariam - mesmo dentro de seu peso representativo, impositivo, pessoal - a suscitar o impessoal. Quase tornar visível o que era invisível, como se pudéssemos pegar. Criar imagem através das narrativas, torná-la pura, como diz Deleuze, fazendo com que “se insira na linguagem, nos nomes e nas vozes” (DELEUZE, 1997, p. 81). Mesmo na dificuldade, na dúvida, no impasse de criar essa imagem que surgisse em “toda sua singularidade sem nada guardar de pessoal, nem de racional, e tendo acesso ao indefinido (p. 80)”, era necessário que se fizesse essa imagem, esgotando o acontecimento. Mesmo que se tente ir e voltar pelos encontros a fim de construir um trabalho que se esgote, é um movimento ininterrupto, que se prolonga para idas e vindas da sensibilidade.

Deixar de se pensar como eu para se viver como um fluxo, um conjunto de fluxos, em relação com outros fluxos fora de si e dentro de si próprio. Deixar de operar pelo eu é justamente encontrar, instaurar um máximo de conexões. Ser fluente, desopilando sujeito e objeto. Do fascínio de querer arrancar o que se impede de ser fluxo, de ser música, soar como algo que chega leve, sem peso, cantando, mas que não cola, não gruda, posto que sua dissipação não cessa de circular entre. É um querer-se invento: inventar, inventante, inventador, inventário.

Conquistar essa vida que nos deixa circular pelo que ativa, pelo que vibra, pelo que toca. Construir uma escrita assim, incorporar o ser vento, nos seus movimentos, lentidões, correntes que passam. E ao entrar em contato com os diários e gravações dos encontros, parece que se não me esforçasse nesse intento, o próprio trabalho tenderia à paralisia. Era caminhar pelos encontros de novo ou pelo que havia sido escrito, não importa quantas vezes, mas como. E não importa como, mas com, “só se sustentando por um carrossel de linguagens” (BARTHES, 1984, p. 51).

Essa afirmação da vida era a aceitação das angústias, do lado escabroso com o qual

nos deixamos ver, enredando a desmitificação da forma homem com que nos vestimos, fazê-lo uma potência que afirma e se afirma, que não quer carregar mais nada, mas livrar-se disso. Fazer leveza, dança, riso, gozo, para deixar de ser o que se pensa ser. O homem que se carrega a si mesmo, ele se atrela sozinho, em nome dos valores heroicos, em nome dos valores do homem (DELEUZE, 1997). Alexandre me fez perceber que meus escritos estavam (e estão) inscritos no corpo carregados disso⁷, mas que resolvi deixar aparecer. Você só resolve mexer quando lhe colocam o dedo na ferida; aí nas entrelinhas você luta, pra quem sabe deixar de viver na melancolia e passividade.

Como pousar o olhar em cada um nos encontros afim de que aprendesse com eles. E talvez a isso se resumam as narrativas. Atentei acentuadamente à contingência do tempo, a fim de que pudesse trazer os acontecimentos, da linguagem dos corpos, do que me forçava a pensar, “compreender brumas, pestes, vazios, saltos, imobilizações, suspenses, precipitações” (DELEUZE e PARNET, 1998, p. 108). E sempre assim tratava-se de escolhas, do que escolho de que acontece lá, que me ajudasse a compor o que se viveu. Sempre há perdas, fluxos de signos os quais eu não pude captar, redes nas quais não consegui me inserir, a solubilidade que não atingi, da capacidade ainda não madura de dissolver-se, arrastar-se com o acontecimento e suas incongruências.

Ainda, se falamos do encontro como acontecimento, tratava-se (e de novo, sempre se trata) de desenvolver uma atenção, não desinteressada, mas interessada de fato na perspectiva do outro, operando numa saída (e crença) e de uma interioridade do eu (no caso, Alice), dado como único centro de valor. A fundo, esse encontro com o outro vai além das iniciativas de um eu – com base no respeito ou no tolerar o outro – mas sobretudo se dá na imposição da alteridade desse outro; sou eu que, em fato, me constituo “desses outros” e tenho que abrir caminho, espaço, veias de um lugar que já pertence a outros. Minha fala, meu pensar, minha consciência, linguagem, corpo, signos, já é constitutivo de outros em mim, dimensões tomadas de configurações alheias, do que não nos pertence, na medida em que está exposto ao olhar e à palavra dos outros.

“Por esse motivo, todos os nossos discursos interiores, isto é, nossos pensamentos, são inevitavelmente diálogos: o diálogo não é uma proposta, uma concessão, um convite do eu, mas uma necessidade, uma imposição, em um mundo que já pertence a outros (PONZIO, 2011, p. 23).” Aí, nada diferente do que estou procurando trazer: não poderia haver uma reação indiferente ou hostil com o que se passava em cada um lá, frente à presença

7 Por isso, optei em permanecer com os Blocos de pensamentos soltos, para ajudar a mostrar isso que Alexandre traz, dessa forma homem, individualizada e desinventada de se perceber.

inevitável desse outro, e do que isso provocava: por vezes o mergulho numa angústia autocentrada, na raiva, no desejo de ser indiferente. Cabia, então, deixar que a angústia desobstruísse a tendência egocêntrica que corria nas veias da vaidade e do medo de quem se via. É nesse sentido que haveria muito ainda em mostrar a liberação da multiplicidade desse “eu-outro”.

A isso se trata a compreensão que se tem desse eu ilimitado e inacabado, quando se percebe que, a centralidade do eu sempre tem o outro como seu ponto de referência para realizar-se como centralidade [...] seja porque só assim o eu é revelado em sua unicidade, sua singularidade, isto é, em sua alteridade, como outro, ou porque essa sua alteridade se realiza objetivamente na relação com o outro (PONZIO, 2010, p. 312).

Necessário, quando se trata do reconhecimento das emoções-volições do outro que fuja de um mero ato interpretativo-hipotético, é reconhecer e afirmar como o outro me percebe e reconhece. Isso é afirmar o eu das outras pessoas não como objeto, mas como efetivamente outro, em toda sua multiplicidade e constituível singularidade. Isso invariavelmente pode estar definido na escrita, fechado no acontecimento que sempre se faz diferente, em cada encontro com o vivido. **Mas há toda uma rede de possibilidades de dizeres ainda não ditos, encontros desencontrados, expressões que não dão conta do vivido.**

* * *

*Tem vezes que tenho vontade
De que nada mude
Vou ver
Mudar é tudo que pude
(Paulo Leminski)*

“Talvez pudéssemos entender as ressonâncias entre o problema da invenção e a formação dos professores em um plano transindividual a partir daí, desses movimentos, que brevemente me refiro, me utilizando de Gilbert Simondon. Justamente esse pode ser um dos fios-condutores de sua pesquisa. Esses movimentos que desertam a lógica moderna e disciplinar, pois neles o indivíduo nunca é acabado, sempre está num processo de individuação nesse campo pré-individual, pré-pessoal, nesse amálgama inventivo de onde ele provém” (Alexandre).

Entoa em Simondon a continuidade de algo que se quer inventivo. Recorri a este diversas vezes, no desejo de desinformar o corpo nas passagens que fazia pelos encontros,

das idas e vindas do enfrentamento e o processo de individuação: a minha, que não é só minha, interior a mim, porque diz respeito à forma como me relaciono com os outros em devir, com a possibilidade de não ser, e a comunicabilidade dos múltiplos em nós. Não há garantias do acompanhamento de uma escrita que procura não só elucidar alguns pontos, mas ainda conduzir a novos enlaces afectivos, lançando-nos a outras perguntas, outros problemas.

Lidar com o tempo como uma flecha que aponta do passado para o futuro, na tentativa de explicar uma realidade atual e, quando se trata de explicar a individualidade, o ser vivo, de maneira geral, procura achar o elemento primordial que deu origem a um ente pronto, realizado, acabado (em torno de si), não é incomum. O interesse de Simondon é justamente abandonar a polaridade do indivíduo: o ponto de partida e ponto de chegada. A intenção é pensar na operação (e não no princípio) da individuação, no individuar-se, nesse intervalo ignorado em que reside a própria vida. Pensar o indivíduo se realizando em sua processualidade, sem procurar no passado um princípio que o justifique no hoje, posto que é no presente que o indivíduo se individua. Interessa, assim como a Simondon, conhecer o indivíduo pela individuação, e não a individuação pelo indivíduo (DA COSTA, 2002).

Ora, não pensar o indivíduo como uma substância ou matéria que já porta todo seu sentido, reduzido a algo pronto e pré-determinado, pode soar quase como afronta, principalmente nos interstícios educacionais. Há uma exigência maior da sensibilidade em conseguir se apreender como ato, e não como algo que é uma unidade, pré-definida e fechada em si mesmo. Somos eu, você, agentes do ato de individuação, através do qual nos manifestamos e existimos (SIMONDON, 2009). Carregamos, armazenamos, transformamos e reatualizamos um esquema que nos constitui, e propagamo-lo ao individuarmos-nos, ao vivermos. É nesse sentido que nunca estamos acabados, finalizados, porque permanecemos nos individuando através do tempo.

Procuro atentar a isso, a esse ente que se apresenta em sua imediaticidade - e não à sua constituição material ou formal -, em sua própria operação de individuação, para incitar o movimento de deixar de pensar o indivíduo pronto. Para tanto, pensemos que o indivíduo seja tomado como próprio “meio de individuação, um meio que implica uma realidade pré-individual, um campo de singularidades pré-individuais (ORLANDI, 1993, p. 90). O que isso quer dizer? Que nossa natureza carrega uma carga em constante movimento de diferenciação, como uma condição, prévia (pré), de todo processo individuante. Assim, auxilia quando Deleuze (1993, p. 120) afirma que “o indivíduo não só é resultado, mas é ele mesmo meio de individuação: nos alimentamos desse meio, carregamos ele conosco, nosso

suporte de realidade ainda não individualizado.” É nossa gênese colocada em atividade no decorrer da formação e do desenvolvimento do indivíduo.

Isso dialoga com que havia trazido até aqui, acredito. De coisas que passam de movimentos, de sujeitos pensados como uma carga de possível, onde se consiga observar a eventualidade do ser, por que que somos parte de alguma coisa que não se definiu ainda, portando o devir; devir como uma capacidade que o ser tem de defasar-se a si próprio, “de resolver-se defasando-se” (SIMONDON, 1993, p. 101). Resolver-se, indo de um a outro, cancelando-se e fazendo brotar outros. O devir é a própria individuação, a própria operação enquanto se efetua, fazendo com que sejamos, então, uma aparição de fases. Enquanto individuado, somos situáveis, somos “alguma coisa”. Somos aí fados, porque individualizados. Mas a operação não cessa, alguma fase de devir conduzirá a novas elaborações, a novas individuações.

Abordar sobre o que nos leva a individuar é, para Simondon, conceber o ser como um sistema dotado de certa tensão, capaz de manter determinado nível potencial no indivíduo que possibilite com que incontadas individuações sejam possíveis. Ele se utiliza do termo metaestabilidade para afirmar que não somos um sistema em equilíbrio. A metaestabilidade é uma tensão que funciona como condição de vida do vivo, o que permite que o processo de individuação não cesse: enquanto a dimensão do que está individuado (fasado) ostenta um aparente contorno, formando uma “homogeneidade interna”, a outra dimensão anterior ao indivíduo (que ele chama de pré-individual) nos caracteriza como essa inexistência de limites, formas e simetrias heterogêneas (DA ESCÓSSIA e TEDESCO, 2009). Ou seja, o indivíduo enquanto indivíduo se dá através dessa ressonância interna, que é a metaestabilidade: “ela existe no sistema do indivíduo, e não apenas no que o indivíduo forma com o seu meio” (SIMONDON, 1993, p. 105). Essa mesma metaestabilidade é o que permite não esgotar nossa realidade pré-individual, essa natureza que permanece associada a nós, essa carga de estados metaestáveis futuros de onde podem sair outras tantas e novas individuações.

De que forma se opera nesse campo da individuação? Ao se perceber como um carregado de singularidades pré-individuais – constituindo-nos mesmo de diferença e nada mais que produção de diferença – procuro ir mais além, tomada por essa noção, onde, sob o olhar da processualidade, tudo que permanece em identidades fixas começa a se desabar.

* * *

La diferencia esencial entre la simple vida y el psiquismo consiste en que la afectividad no juega el mismo papel en esos dos modos de existencia; en la vida, la afectividad posee un valor regulador; se eleva sobre las otras funciones y asegura esa permanente individuación que es la vida misma; en el psiquismo, la afectividad es desbordada; plantea problemas en lugar de resolverlos, y deja no resueltos los problemas de las funciones perceptivo-activas. El ingreso a la existencia psíquica se manifiesta esencialmente con la aparición de una problemática nueva, más alta, más difícil, que no puede recibir ninguna auténtica solución en el interior del ser viviente propiamente dicho, concebido en el interior de sus límites como ser individuado; la vida psíquica no es por tanto ni una solicitud ni una reorganización superior de las funciones vitales, que continúan existiendo bajo ella y con ella, sino una nueva inmersión en la realidad preindividual, seguida de una individuación más primitiva⁸ (SIMONDON, 2009, p. 242).

Passei a encontrar em Simondon linhas que me ajudassem a desanuviar o sensível, o sentir. Não por utilidade, mas porque foi desse encontro, das leituras que fiz quando em contato com a noção de individuação de Simondon, que comecei a persistir nas insistências dos encontros produzidos, e em aceitá-los, inundar-me deles e fazer com que esses meandros dessem outros rumos para o que até então chamei de invenção.

Para Simondon, o vital e o psíquico não são substâncias separadas, que se distinguem uma da outra, nem mesmo como funções paralelas ou que se sobrepõem. Como destaquei de seu livro, o psiquismo surge quando o estado interno próprio do vivente – o indivíduo individuado – não dá conta de seu próprio inacabamento frente ao meio e a si mesmo; o psiquismo permanece em seu caráter metaestável, rico em potenciais, até o momento em que o vivente se problematiza e o recurso psíquico emerge de sua pré-individualidade e entra em individuação. Ou seja, tem-se aí também psiquismo tomado como algo em permanente diferenciação e integração de mundos.

Entende-se que o vital não parece ser determinante para a própria individuação do ser; não basta, posto que uma carga de realidade pré-individual, e de individuação psíquica somente é acessada quando a individuação vital não dá conta. No entanto, mesmo o acesso à individuação psíquica obriga ao ser individuado a exceder-se: quando apelamos à realidade pré-individual, desembocamos em funções e estruturas que não se acabam no interior dos limites do ser vivente individuado. Daí, então, que não nos bastando mais na categoria de

8 “A diferença essencial entre a vida simplesmente e o psiquismo é que a afetividade não desempenha o mesmo papel nos dois modos de existência; na vida, a afetividade tem um valor regulador, se eleva acima das outras funções e garante essa permanente individuação que é a própria vida; no psiquismo, a afetividade está sobrecarregada; levanta problemas no lugar de resolvê-los, e deixa não resolvidos os problemas das funções perceptivo-ativas. A entrada na existência psíquica se manifesta essencialmente com o início de uma nova problemática, maior, mais difícil, que não pode obter qualquer solução real no interior do ser vivente propiamente dito, concebido no interior de seus limites como sendo individualizado; a vida psíquica não é nem solicitação nem uma reorganização superior das funções vitais, que continuam existindo sob ela e com ela, mas um mergulho na realidade pré-individual, seguida de uma individuação mais primitiva.” Tradução da autora.

indivíduo, o psíquico passa a ser da ordem do transindividual.

Psiquismo, assim se pode dizer, é o que nos liga aos outros seres psíquicos. Produzir uma nova individuação é entrar em contato com uma ordem de realidade da qual participam outros indivíduos. Quando Simondon afirma que “la vida psíquica va de lo preindividual a lo colectivo⁹” (2009, p. 244) implica uma individuação que somente se efetua quando transpomos o caráter problemático do psíquico **intra**individual, conduzindo-nos ao **trans**individual: perpassa o indivíduo isolado porque nos arrasta a um campo que é do coletivo, do universal e comum a todos. Essa individuação vivida no coletivo e para ele é, assim, permitir que indivíduo individuado se coloque em movimento, que as formas instituídas na nossa maneira de estar no mundo em um dado momento ponham-se em processo de mudança.

O que me chamava a atenção em Simondon era a ligação da afetividade (afectividade) e emotividade como domínios que possibilitam colocar o ser em relação com o mundo, em que as modificações afetivo-emotivas implica a modificação do indivíduo. A afetividade assegura a pré-individualidade a individualizar-se, de aparecer, de se efetuar no coletivo. Ela é transformacional e se constitui na própria mediação entre o pré-individual e o individual: prazer e dor, tristeza e alegria são distâncias extremas em torno desta relação no ser sujeito. Interessa mais percebermos os intercâmbios afectivos e não os estados pelos quais passamos. Esse intercâmbio é efetuado através da afecto-emotividade, na ascensão do indeterminado ao presente, e que se incorpora no coletivo.

Transformamo-nos nesse intercâmbio, jogando-nos a um estado de mudança, exigindo com que modifiquemos nossa ação em função de novas relações a serem estabelecidas, novas formas de percepção enquanto sujeitos. Isso se efetiva e se efetua pela presença dos outros, no encontro com os outros. A afecto-emotividade permite que a individuação passe pelo coletivo para que, então, deixemos de ser o que somos aqui e agora, e outros tantos possam surgir. Não ultrapassamos os limites da angústia, por exemplo, sentimento tão inerente aos modos de vida atuais, “operação sem ação, emoção permanente que não chega a resolver a afetividade, experimentação pela qual o ser individuado explora suas dimensões de ser, sem as poder ultrapassar” (SIMONDON, 1993, p. 109), sem o coletivo, pois somente o transindividual resolve essa problemática.

O que me interessava era a noção da expressão da afetividade no coletivo – através da emoção – tendo um papel regulador na individuação. Só posso lidar com a minha carga

9 “a vida psíquica vai do pré-individual ao coletivo”. Tradução da autora.

pré-individual, colocá-la em processo, botar a afetividade a funcionar em mim e ter acesso aos outros, através da emoção e, por sua vez, através da ação no coletivo. O coletivo, aí, deixa de ser polarizado com relação ao indivíduo, posto que o existir só toma sentido no sentir, e esse sentir só se resolve, efetua e se agencia no coletivo. Só a afetividade me incorpora nele, e essa afetividade é do âmbito do transindividual, é o que possibilita a individuação no âmbito da coletividade. No entanto, sem a ação, a afeto-emotividade, para Simondon, não pode ser expressa. Isso implica uma presença do sujeito para os outros sujeitos, em seu aspecto relacional. A participação entre os indivíduos é possível quando as expressões afetivo-emotivas são as mesmas: “Los vehículos de esta comunidad afectiva son entonces los elementos no solamente simbólicos sino también eficaces de la vida de los grupos; régimen de las sanciones y de las recompensas, símbolos, artes, objetos colectivamente valorizados y desvalorizados¹⁰” (Simondon, 2009, p. 368).

Virno (2002), quando se refere à Simondon, exemplifica a comunicação linguística como um componente do pré-individual, dessa carga “pública” que é da base da afetividade. Se partimos desse universal indiferenciado (transindividual), desconstruímos o certo mito de que, no coletivo, a dita singularidade do indivíduo se dilui, saindo em desvantagem, regredindo: “a vida de grupo é momento de uma ulterior e mais complexa individuação [...]. O coletivo não atenua a individuação, mas a persegue, aumentando desmesuradamente sua potência” (VIRNO, 2002 p. 87). É através do viver no coletivo, na efetuação do transindividual que é comum a todos que, atentos, nos individuamos e carregamos uma biografia particular.

Nesse sentido é que emoção e a ação são complementares, e por isso elegi como algo que toma importância no trabalho, pois permuta com a noção de coletivo, de um aparato inventivo individual. Falo de um sentir que é interligado com o agir, a partir das relações. É como imaginar que há tanto de uma realidade (minha, sua, ou de qualquer outra coisa) que ainda não existe, estares pelos quais ainda não se passou, que há um intercâmbio entre aquilo que estou sentindo hoje - (tristeza, alegria, dor, prazer), que se encontra individuado -, e o que está ainda em devir, do que ainda pode surgir, e permanecer por um quê de tempo indeterminado. É encontrar algo de singular (mas que não é individual) somente nas ações e nas emoções dos múltiplos; encontrar algo do qual havia me escapado, porque o múltiplo singulariza o componente impessoal que carrego, aparecendo somente através da experiência

10 “Os veículos desta comunidade afetiva são então os elementos não somente simbólicos mas também eficazes da vida dos grupos; regime das sensações e das recompensas, símbolos, artes, objetos, coletivamente valorizados e desvalorizados.” Tradução da autora.

coletiva.

Encontrei em Lazzarato, referindo-se aos estudos do filósofo Gabriel Tarde, a saliência da diferença de potencial (metaestabilidade) que todo indivíduo físico, vital, humano carrega e constitui o fundo das relações (transindividual) que precedem e engendram a individualidade, e que remetem também a uma força afetiva, que é o sentir. A diferença que nos constitui, a singularidade que portamos, é ela mesma sentir, *pathos*. E toda ação realizada diz respeito a esse: “agir significa modificar a maneira de sentir junto [...]. Criar e efetuar mundos significa agir sobre as crenças e sobre os desejos, sobre as vontades e inteligências, ou seja, agir sobre os afetos” (LAZZARATO, 2006, p. 31-32). A força dessa ação tem uma potencialidade nas relações que constituem o mundo; força constituinte: aí se dá a invenção, quando essa força primeira que associa, agencia esses fluxos de crenças e de desejos - outras forças, que carregam em si mesmas uma nova potência, uma nova composição - atualiza o que era do campo virtual, e faz emergir novos modos de ser, novas relações com o mundo. Isso nos torna extrinsecamente diferentes uns dos outros.

Gabriel Tarde auxilia porque ele utilizava-se abundantemente da biologia, da fisiologia, da física de sua época para ajudar a desconstruir a noção de sujeito (e de unidade do indivíduo, do corpo, da célula, das menores partículas) para fazer aparecer, em cada caso, a multiplicidade que a compõe. O indivíduo, para Tarde,

é uma individuação, mas, devemos acrescentar, uma individuação de individuações: individuação dos átomos, das células, dos órgãos, e assim por diante. O sujeito não se firma por si mesmo, como entende a filosofia do sujeito, mas sobre outras individuações, químicas, biológicas, orgânicas (LAZZARATO, 2006, p. 55).

Pensar um descentramento aí do humano através da tese monadológica de Tarde é estender seu conceito de mônada (eu, você, até a menor partícula) como uma sociedade, definida por ele como sendo “a posseção recíproca, sob formas extremamente variadas, de todos por cada um” (TARDE, 2007, p. 112). Todos e cada um possuem e são possuídos: talvez isso desconstrua a prerrogativa universal de ser, como sendo nossa essência. O desejo de possuir (haver) é o que define a nossa ação, como propriedade constitutiva das singularidades. Modificamos nossa maneira de sentir sobre os outros – através da ação – ao possuí-lo, capturá-lo: “através da persuasão, através do amor, do ódio, pela comunalidade das crenças e dos desejos e pela produção de riquezas, os elementos sociais se pertencem e se atraem de mil maneiras” (LAZZARATO, 2006, p. 37).

Existe uma avidez, em todos os elementos, por querer conquistar, se associar,

capturar, agregar-se, possuir. Dentro de um desejo universal de sociabilidade, cada mônada absorve o mundo a si, o que é nada mais que apreender-se melhor a si mesma. Fazendo parte uma da outra, os seus graus de possessão variam, e cada um se apropria dos outros de maneiras diferentes, intensidades diferentes. Suas transformações vêm daí: “É para conquistar que elas se transformam; mas, como jamais se submetem a uma dentre elas a não ser por interesse, o sonho ambicioso de nenhuma delas se realiza inteiramente, e as mônadas vassalãs empregam a mônada suserana enquanto esta as utiliza” (TARDE, 2007, p. 120). Tratar todas as coisas como sociedades é mostrar o caráter aberto que somos, sempre ávidos por se associar.

Assim, em cada interação, em cada interpretação, em cada situação, por mais prosaica ou cotidiana que seja, as mônadas exprimem ações de apropriação e de sujeição de outras mônadas. A cada interação, quer comunicacional quer prática, somos conduzidos ou condutores. As relações sociais são então predefinidas por jogadas estratégicas que consistem em conduzir as condutas dos outros (LAZZARATO, 2006 p. 37).

Constituída de pequenos outros eus, insiste o desejo de outrem. As forças afetivas que nos movem (partículas, células, indivíduo, sociedade) fazem parte da natureza do desejo. E utilizamos dele para modificar nossa maneira de sentir sobre os outros. O desejo como força de não se conservar em si mesmo, de se manter intocado e preso aos efeitos do próprio objeto de desejo. Nesse desejo, não existe um finalismo, mas a necessidade. Sendo sociedade, possuindo outros tantos, como não ser diverso? Do desejo de se diferenciar, ao desejo de ter outros, capturando os outros, há uma interpenetração de entes, de individuações sob individuações que, ao se conectarem, constituem suas singularidades.

Diferir, eis o que nos faz existir, diz Tarde. O desejo como força que nos carrega a um caos, e este como própria harmonia do vivo. Tarde conjuga forças para se pensar a substância de todas as coisas como sendo a própria diferença, e que todas têm de mais específico e próprio, possui também de comum. Partindo daí, destensionam-se a constante afirmação e volta de uma identidade, ao qual tudo se parte ou mesmo retorna, apresentando-se apenas como uma parte mínima dos seres. Se parto da diferença, se o impulso à diferença não descansa, notamos toda sucessão e entrecruzamento de fenômenos. Por mais organizado que um ser seja, ele está subordinado a essa desorganização, servindo para mostrar o que há de mais estranho e variado, numa ânsia por uma novidade incessante. Diferir e mudar no mais fundo de todas as coisas:

Por toda parte a ausência de uma medida comum, exceto o máximo de

diferença e de mudança, nos revelou a ausência de qualquer outro termo final. Todas as adaptações sucessivamente produzidas, saúde, a felicidade, a ordem social e moral, o acordo do produto industrial com a necessidade correspondente, e da obra de arte com o gosto, ou do indivíduo com seu meio, nos pareceram ser, como esse indivíduo mesmo, organismo ou eu, apenas pontos de interseção, diferenças ora convergentes, ora divergentes, focos nos quais banalidades combinadas formam um ser original, nos quais qualidades, separadamente suscetíveis de graus e medidas, compõem uma realidade *sui generis*, radiante de novidades imprevistas e maravilhosas (TARDE, 2007, p. 163-164).

Conduzidos por essa potência diferenciante, tornamo-nos irresolutos. Um lado meu, um lado teu, são apenas um dos diversos tantos lados com os quais nossa faceta ainda não se viu, mas que permanece associada ao que existe e que me traduz, agora. Há uma fonte de possibilidades em tudo que vive e age, é a realidade não desconectada dos múltiplos em mim e de seus inerentes devires.

BRUMAS, DESCONHECER ONDE VAI DAR...

Queria ser outro. Queria se misturar, liquefazer-se entre os outros. Fingir que nada sabia de si e do mundo. Esquecer-se na desenvoltura dos corpos e cores desse mundo. Camuflar-se em meio às dores e angústias alheias, pra redescobrir a sensação. Guardava a chave do problema: deixou que o nu lhe cobrisse. Desejava-se nua, desejava-se seca, ardente, invisível, fugaz. Nua. Dançou nua, amou nua, fodeu nua, sozinha. Sorriu.

Apagou a luz do quarto, prometera a si mesma que iria acordar outra, como mariposa ou mesmo rato. Desistira daquele corpo, queria continuar nua e transitar entre mundos. A cama residiu fria. Abriu a janela no meio da noite, com a garganta seca e as costas molhadas. Sonhou-se inteira. Acordou metade.

Do tesouro oculto que todos carregamos: a possibilidade de inventar-se. Das relações que nos constituem e que constituímos no entrevaguear dos campos de efetuação da vida, as forças lançadas e efetivadas a partir da composição, cooperação e engendramento com outras forças, nos colocam em comunicação, e nos reinventam, nos modificam. Entra nisso tudo o sentir, o que nos liga uns aos outros.

Da invenção como um encontro, o encontro como acontecimento. A combinação, interferência, colaboração entre uma multiplicidade de ideias, hábitos, comportamentos, percepções, sensações. E essa invenção abordada corresponde a uma ação que suspende dentro do indivíduo ou dentro da sociedade aquilo que já está individuado, que já se tornou

habitual: “a invenção é um processo de criação de diferença que coloca em xeque, a cada vez, o ser em sua individuação” (LAZZARATO, 2006, p.46).

Experimentamos um tempo irreconhecido. De um “tempo de aula” comum, padronizado, espacializado, irrompido, que parte das vezes ignora e negligencia o sentir, de sentir qualquer coisa, um sentir não autorizado, esquizo. Inventamos um tempo e sentimos uma angústia, também não autorizada no tempo da identidade, do demasiado humano e idealizado. Continuidade e descontinuidade de fluxos, revelando as múltiplas singularidades possíveis. Os silêncios, gestos, mínimos e invisíveis atos que tem como movimento a fuga de papéis e de funções pré-definidas. Era a desconstituição de sujeitos tomados como entidades acabadas, para aparecer a emergência do que é múltiplo, conjunto, compartilhado. Modificamo-nos uns aos outros, porque a interpenetração de elementos, coisas e nomes próprios deixou de se perceber uns exteriores aos outros.

Desejo de estar junto? Acredito que se reunir era um desejo conjunto, mesmo que imersos nas formatações, ou zonzos com o caráter infinito que aparecia em cada um e conjuntamente...eles voltavam nas quartas-feiras. E creio que demos conta do que podíamos dar. Deixamos morrer alguns de nossos eus, deixamos outros nascerem, possíveis que desejaram aparecer, onde o aborto de uns e nascimentos de outros em nós produziram dor. Da legitimidade e singularidade de cada ato-vida, vivenciado nos encontros. Também fui movida por um desejo: o de abalá-los, perturbá-los em seus modos fadados, na maneira como lidavam com seus modos de estar no mundo. Tomá-los de algum jeito, capturá-los. Utilizara de encontros tristes, de uma literatura sombria, sonoridades e imagens com tom de melancolia, porque o desejo também era de se abalar: e se surpreender com a tristeza produzida era não saber lidar com o que talvez de mais sombrio “ela” pudesse enfrentar.

As leituras dos trechos dos diários, os escritos movidos pela literatura, pela música, pelas imagens. No que ou quanto arrastou o leitor, mesmo na insistência de dar entendimento, colocar num lugar, interpretar o que se lê. Sentiam juntos, no desejo explícito em seus escritos e falas. Neles há o registro do transindividual: códigos, regras, estereótipos registrados e codificados para produzirem sentido em quem os ouve (e quem se ouve). Mas também o desejo, todo um suplemento de desejo sentido no vivido que gramática alguma, sintaxe nenhuma, e composição capaz, de quem escreve, pode dar conta. Não alcanço!

Mesmo com suas memórias e histórias individualizadas, adquiria-se o sentido nos encontros na relação com os outros, com as coisas, com os saberes, num espaço onde cada um, com sua singularidade, descobria-se, deixando à vista a não-conformação de qualquer um a uma coisa identitária. Produzimos nossa temporalidade e espaço, agindo uns sobre os

outros, na interpenetração de mentes e corpos, concentrando os mundos possíveis que carregamos. Não resultá-los em um fim: esse é o movimento que interessa compreender.

Mesmo eles que se percebiam diferentes, em estares, modos de estar, não sobretudo como essência. É notório o que eles elegiam da escuta da leitura dos outros, a apreensão do que lhes interessava. O desejo de capturar expresso em suas falas ou em suas linguagens não-verbais. O outro e suas palavras como um encontro acontecimental. Procurei, na seleção de escritos dos diários pessoais, e mesmo da seleção de falas, nos pormenores ignorados, compor a multidão de desejos que impregnavam e produziam os encontros. Foquei na Alice, sempre no sentido – compelido também por Deisi - de deixar mostrar coisas que, num primeiro movimento, me impediam de admiti-las. A dificuldade ainda impera, mas acredito que o processo aí também esteja em percurso. Da muralha que ergui ao seu completo desmoronamento, demanda um cuidado com o tempo.

Isso ressoou melhor com o tempo de Bergson, a passagem das emoções, vivenciadas e reais como duração. Um durar-se nos intercâmbios do que chamava de tristeza ou alegria. Mesmos nos estados afectivos alegres e tristes: eles eram possíveis e existiam. O durável do silêncio, dos gestos, deles mesmos notarem o que se passava, aí foi se concretizando e tomando rosto aquilo que até então me parecia desconhecido. Pude acolher isso em alguns instantes, e em outros não.

Os blocos de pensamentos soltos me permitiram perceber o deslocamento necessário em abandonar Kastrup. Notei que o efeito de sua leitura e a invenção conceituada remetiam-me sempre a um processo inventivo individualizado. Meus escritos revelavam os “movimentos inventivos” na realização de um eu, mesmo que percebido no outro, de algo que corria do individual para o coletivo. Ou seja, saía do uno e ia para o múltiplo. Mas no fundo de casa coisa, há a dimensão dos outros seres. Nada se dava individualmente.

O me ver a partir deles, na consciência do que é ter controle, raiva, indiferença, alegria estampado em seus signos verbais e não-verbais. O que procurei negar e negligenciar a maior parte do trabalho, enfim: o eu consolidado, afirmado ou negado no olhar do outro. O que os faziam singulares e únicos, em sua imensidão de outros, causava desconforto e o querer fugir de lá. Mas voltavam! Voltávamos! O acontecimento que, constituindo as relações, coloca em movimento modos de existência, como uma força, vibrando a necessidade de uma mudança, provisória, acentuada, marcada, longa, momentânea ou não. E aí me permito falar de uma formação onde o tempo do acontecimento esteja presente nesses intervalos de vida, onde não haja uma supremacia ou primazia teórica sobre a vida em ato, negada pelas vias da racionalidade, do progresso humano universal, de um ideal de humano.

Os rumos que tomou a pesquisa: da imersão no campo conceitual de Virgínia Kastrup, de encontros pensados para especificamente “produzir experiências inventivas” até, de certa forma, e num processo lento, o desejo de deixar isso de lado. Quando, na ansiosidade da efetiva participação dos alunos, instalaram-se as sensações do próprio impedimento da invenção. Mas essa mesma tomou outras formas no trabalho, para poder ser pensada como efetiva mudança, individuação, curso que segue, incessante e ininterrupto. A inventividade na grandiosidade dos pequenos acontecimentos, num tempo e espaço reinventado, para efetuar o que nos faz uma coisa só e únicos em nossa imensidão de outros.

O que permanece inacessível, porque ainda obscuro: o não dar conta da multiplicidade de vozes que ocupam as linhas dessa pesquisa. Procurei persistir na curiosidade de ir tecendo-a, na tentativa de dar vazão ao que vivemos dentro de uma disciplina de graduação e pós-graduação, da resistência de viver isso (agora, com mais permissão), e de deixar que se ocupasse de mim, para ajudar numa outra compreensão do que chamamos de humano, de vivo. Essas coisas terão também uma gestação, um tempo de aprender, efetuando na vida, no agir, e no querer experimentar outra escola, outros alunos, outras crianças, outros jovens, outra(s) universidade, outra(s) Alice(s): outras e outros.

De todos os pequenos passos, da simultaneidade do tempo, de uma pesquisa que segue junto à vida, que corre com ela, se enlaça, e afeta tanto que já não há mais distinção sobre o que se fala, de formação, de gente, do vivo, de mim, do meu melhor amigo...tudo isso irrompe com o desejo que é preciso deixar escrito: que tudo seja de fato possível. Que os espaços da vida possam ser preenchidos mesmo de vazio e silêncio. Estamos impregnados de outros. Mas há tão pouco desses outros, e acessos dos outros em nós nos lugares e tempos que chamamos de formativos! Tanta ausência e negação daquilo que é inerente ao estar vivo, que é mudar, durar, encarregar-se dos desejos que nos atropelam e nos fazem caminhar. Dos excessos e lacunas dessa pesquisa-vida, das dores que essa escrita produziu, do que ela teve que abortar, que esteja tudo conectado ao que de fato se pode e se deseja num lugar (des)formativo. Dos acontecimentos cotidianos que se tornam grandiosos dentro da rotina cristalizada, pueril e jogada ao campo da culpa, da inutilidade, da desavença, do peso, da arrogância, e da paralisia, do negar o que nos faz vivos.

* * *

Volto a falar do que sinto. Deixo que as palavras venham, finalizo na completa incerteza e alívio de uma suposta utilidade acadêmica deste trabalho. Porque ele é a mais completa mudança em mim. Se por longos meses dediquei toda minha materialidade (e imaterialidade) a ele, foi porque sentia o que ele produzia em mim. Acompanhei esse processo com atenção, e quando pude, compartilhei com quem quisesse ouvir, falar com ele. Era-me difícil colocá-lo num formato. Cada vez que me perguntavam sobre o que se tratava dizia com constrangimento, sem saber defini-lo, que era sobre invenção e formação de professores. Porque é tão difícil falar de algo que está inscrito no corpo, e que não passa mais pela fala. Justamente: falar dele era falar de mim, sobre o que acontecia comigo, sobre o que sentia. Talvez isso seja o “incompleto” ao qual me referi tantas vezes e do qual eu ainda vejo muitas perguntas surgirem, a cada momento que passo pelos Encontros, especialmente. Descobri-me vasada, cheia de nós intocados, imperceptíveis e que foram, com força ou na lentidão, arrancados, amaciados, descobertos com o cuidado de quem mais soube lidar com isso: as diversas vozes que chegavam até mim.

“Como funciona isso tudo? O que tu aprendeste?”, provocou Guilherme, quando qualifiquei o trabalho. Atenta, acredito que fiz do mestrado o liame pra outras coisas nascerem, e que isso se efetuasse na escrita. Foi bom descobrir-se viva, mesmo na dificuldade em se livrar de códigos estabelecidos. Tenho tentado fazer com que as coisas me cheguem e deixem mostrar o corpo desnudo, aberto. Ratifico isso, dessa arte de aprendiz da vida, de um querer aprender a lambuzar-se do que chega, de uma não persistência no encaixe do controle e da vaidade. Passei a vomitar palavras que chegavam numa escrita errada. Nesse ímpeto, tentei não limitá-la, mesmo assuntada pela teoria. Mas essas relações com os conceitos me levavam ao cabo de mover sentidos, mover modos de vida, e de incitar o mesmo em quem vivia comigo. O discurso, na vida, tornou-se a própria assimilação e expropriação do que se ia lendo. Ou pelo menos era esse meu desejo.

Aprendi a não ter medo de falar de algo que quero aprender: que as pessoas e o mundo conjuguem comigo coisas das quais leve um tempo para dar nome (ou mesmo não dar). Aprendi a comunicar o pensamento e a emoção, mas não contente, estou aprendendo a compartilhá-lo. E isso só pode se dar numa estima de si e do outro, sem o desprezo do que se sente. Foi isso que os registros aqui efetuaram: de poder relatar e de fazer experimentar coletivamente o que nos é comum. Dei novos lugares para as experiências que passei como professora, e na formação com os alunos: do incansável desejo que possuímos de expandirmos mundos, de sermos outros, de não contermos mais o que não pode nem deve ser contido. Encontrei o fio de vontade de viver no rosto entre as crianças, nos colegas de

profissão, nos amigos que tenho na vida, no mais próximo dos irmãos. O possível tentando achar brecha de se atualizar no brilho dos olhos e viço no rosto. O choro, a aversão, o arredo desassossego que se efetua e inventa-se. A dor e dificuldade em sermos outros, em nos desconfigurarmos das amarras cotidianas, institucionalizadas em formas de essências, e mesmo aí, a infinitude da possibilidade de desejar ser outras coisas: arrastar mundos é compor-se com outros.

A palavrinha educação tomou, então, um sentido relativo ao viver a sua potência de habitar de fato os espaços que nos destinaram, um carregado poder de encontros e do que ele abarca. Nesse porte pesado de alguma coisa que me torna um resíduo de mim, porque comigo carrego o suporte de muitos outros inscritos em mim (e ainda não inscritos), mora uma capa de diferença diante de qualquer ente que me deparo, e de sua igualmente imensurável potência.

E estou aprendendo. Vai ser preciso que o distanciamento da pesquisa – mas não da escrita, porque essa persiste – se faça notório, para que outras coisas possam se efetuar. A pesquisa me colocou no lugar de ser uma das pessoas mais generosas com a vida, em sua imensidão do excesso de se estar vivo. É um excesso que me tira do lugar de mulher, de filha, de irmã mais nova, de professora, de bióloga, de gêneros ou cor, que pudessem me definir com uma palavra. Escrevo de um corpo que se deseja realmente atravessamento de forças e desejos. Um estar vivo que corresponde à eternidade do tempo que se vive agora, realizável pelas pazes feitas com o passado. Das pessoas que deixei se aproximar, das dores e vergonhas aceitas, das limitações, do que o corpo não consegue, mas também de uma disposição pra alegria, pra dançar a dança que a vida me embala, pra sorrir com a medida de não carregar em demasia, mas de intensificar um momento. Estou aprendendo a não ser distraída, despistando a malícia do viver. Resolvi sambar e trouxe o samba como sonoridade da vida, com todo seu colorido, seu arranjo alegre, sua desmoralização, e seu deixar ser o que se quiser ser, gostar do que se quiser gostar, da leveza do passo ao se deixar nua pela batucada.

A vida estava mostrando a ela que, de algum jeito, não tinha volta. Cada ímpeto, risco, e instante de palpitação, ela sentia-se tomada, invadida pela vida. Não conseguia colocar aquilo em lugar algum do viver: “só se sente, dizia...só se sente”. Pesava na alma, ao mesmo tempo que a fazia leve, clara, plumante. Não podia haver nada que englobasse essa tomada de luz, da qual a solidão igualmente lhe acompanhava. A garota estava vazia de si e cheia de gente. Cheia, cheia, cheia, entupia-se de gente, de coisas, de cheiros, rumores, cores e absurdos! Essa tentativa tola de despistar o que chega cortando é tolice,

bobice infantil. Aí ela foi aprendendo a dançar o balacobaco da agonia, da tristeza, da alegria, da angústia, da extrema felicidade, da dor qualquer.

Se fez incurável. Olhava pela janela com a textura das mãos, tocava cada pólen como se fosse o vento. Dançava sozinha olhando os homens da obra, e lambusava-se rindo quando se deu conta que deixara de carregar o peso morto que até então arrastava. Cada pedra que caía, cada braço forte do operário que cortava o concreto, a menina se lançava.

– Vai, leva, vai. Leva esse jeito certo do viver e me traz o torto. Me traz o cego, o desvio, o incerto, o fora do lugar, o feio. Eu perco pelo caminho cada pedra, cada brita de mim, mas deixa essa massa informe, deixa...Deixa essa coisa toda que chamam de meu, que chamam de belo e aceitável.

Era o desejo de vida que não se distinguiu mais da morte: tanto faz, dizia, rindo. Sou eterna. Permaneço na eternidade desse pequeno absurdo de tempo, ela dizia. E carrego comigo o que me trouxe até aqui: eles.

* * *

Referências

ALVES, R. **Conversas com quem gosta de ensinar**. 28 ed. São Paulo: Cortez, 1993.

BARTHES, R. O rumor da língua. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BERGSON, H. (1934). O pensamento e o movente (Introdução). In Cartas, conferências e outros escritos. Traduzido por Franklin Leopoldo e Silva. São Paulo: Nova Cultural, 2005, p.149-224.

_____. A evolução criadora. In Cartas, conferências e outros escritos. Traduzido por Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CABRAL, M. C. C.; KASTRUP, V. **Encontros que nos movem: A leitura como experiência inventiva**. 2006. Síntese de Tese de Doutorado de mesmo título (Doutorado em Psicologia). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. Tese de doutorado disponível em: <http://teses.ufrj.br/ip_d/mariadocarmocarvalhocabral.pdf>

CABRAL, M. C. C.; KASTRUP, Virgínia. Leitura de Acolhimento: Uma experiência de Devir-Consciente. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 22(2), p. 286-293, 2009.

DA COSTA, R. Gilbert Simondon e a operação de individuação. In LEÃO, L. (org). **Interlab: labirinto do pensamento contemporâneo** São Paulo: Iluminuras, 2002. 362p.

DA ESCÓSSIA, L.; TEDESCO, S. O coletivo de forças como plano de experiência cartográfica. In PASSOS, Eduardo, KASTRUP, Virgínia & DA ESCÓSSIA, Liliana. (Orgs). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009. 207 p.

DE-NARDIN, M. H.; SORDI, R O. Um estudo sobre as formas de atenção na sala de aula e suas implicações para a aprendizagem. **Psicologia e Sociedade**, 19 (1), 99-106, jan/abr. 2007.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, Vol. 1. São Paulo: 34, 1997. 176p

DELEUZE, G.; PARNET, C. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998. 184 p.

DELEUZE, G. Gilbert Simondon, o indivíduo e sua gênese físico-biológica. In **O reencantamento do concreto**. Cadernos de subjetividade/ Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP, v. 1, nº 1, São Paulo, 1993.

DELEUZE, G. **Crítica e Clínica**. São Paulo: Ed. 34, 1997. 176 p.

_____. **Bergsonismo**. São Paulo: Ed. 34, 1999. 144 p.

_____. **Espinosa: filosofia prática**. São Paulo: Escuta, 2002. 144 p.

_____. **Proust e os signos**. São Paulo: Forense Universitária, 2006.

_____. **A lógica da sensação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

GALEANO, E. **Espelhos: uma história quase universal**. Porto Alegre: L&PM, 2008.

HENZ, A. Lépuisé: Uma política em Beckett e Deleuze. **Artefilosofia**. Ouro Preto, n.9, p. 77-92, 2010.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

FONSECA, R. **Feliz ano novo**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

KASTRUP, V. O devir-criança e a cognição contemporânea. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 13, n. 3, 2000.

_____. A rede: uma figura empírica da ontologia do presente. In FONSECA, Tania Mara Galli & KIRST, Patrícia Gomes (Orgs). **Cartografia e devires: a construção do presente**. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

_____. A aprendizagem da atenção na cognição inventiva. **Psicologia & Sociedade**, v.16, n. 3, p. 7-16, 2004.

_____. Políticas cognitivas na formação do professor e o problema do devirmestre. **Educação Social**, v. 26, n. 93, p. 1273-1288, 2005. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>.

_____. O devir-consciente em rodas de poesia. **Revista do Departamento de Psicologia**. Universidade Federal Fluminense, v 17, n. 2, p. 45-60, jul-dez, 2005.

_____. **A invenção de si e do mundo**: uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. 256 p.

_____. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. **Psicologia e Sociedade**. Universidade Federal de Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 15-22, jan-abr, 2007.

_____. Aprendizagem, arte e invenção. **Psicologia em estudo**. Maringá, v. 6, n. 1, p.17-27, jan-jun, 2011.

_____. Cartografias literárias. [S.I.], [S.d.]. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/corpoarteclinica/amigo/virginia.htm>>

KIRST, P. G. et al. Conhecimento e cartografia: tempestades de possíveis. In FONSECA, Tania Mara Galli & KIRST, Patrícia Gomes (Orgs.), **Cartografia e devires: a construção do presente**. Porto Alegre: UFRGS, 2003

LARROSA, J. **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas**. 5 ed. Belo Horizonte: Autêntica. 2010. 208p.

LAZZARATO, M. As revoluções do capitalismo: a política do império. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2006. 268 p.

LISPECTOR, C. **Laços de Família**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MEDEIROS, M. **Non-Stop: Crônicas do cotidiano**. Porto Alegre: L&PM, 2007. 256p.

ORLANDI, L. B. O indivíduo e sua implexa pré-individualidade. In **O reencantamento do concreto**. Cadernos de subjetividade/ Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP, v. 1, nº 1, São Paulo, 1993.

PREVE, A. M. H.. **Mapas, prisão e fugas: cartografias intensivas em educação**. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. Campinas, 2010.

PONZIO, A. O pensamento dialógico de Bakhtin e do seu círculo como inclassificável. In DE PAULA, Luciane & STAFUZZA, Grenissa. (Orgs). **Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável**. São Paulo: Mercado de Letras, 2010. 447 p.

PONZIO, A. **A revolução bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2011. 334 p.

RILKE, R. M. **Cartas a um jovem poeta e A canção de amor e de morte do portandarte Cristóvão Rilke**. São Paulo: Globo, 2001. 111 p.

RAMÃO, S. R.; MENEGHEL, S. N., OLIVEIRA, C. Nos caminhos de Iansã: cartografando a subjetividade de mulheres em situação de violência de gênero. **Psicologia & Sociedade**, v. 17, n 2, p. 79-87, mai-ago, 2005.

ROCHA, J. M.; KASTRUP, V. Cognição e emoção na dinâmica da dobra afetiva. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 14, n. 2, p. 385-394, abr-jun, 2009.

ROLNIK, S. **Pensamento, corpo e devir**: uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. Palestra proferida no concurso para o cargo de Professor titular da PUC/SP. Cadernos de Subjetividade, 1993. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/pensamentocorpodevir.pdf>>. Acesso em: 05 de janeiro de 2012.

_____. **Toxicômanos de identidade**: subjetividade em tempo de globalização. Reelaboração de artigo publicado no caderno “Mais!” da Folha de São Paulo, 19/05/96. Disponível em: <http://caosmose.net/suelyrolnik/pdf/viciados_em_identidade.pdf>. Acesso em: 30 set. 2011.

_____. **Uma insólita viagem à subjetividade. Fronteiras com a ética e a cultura**. 1997. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/suely%20rolnik.htm>>. Acesso em: 05 de janeiro de 2012.

_____. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina, 2006. 248p.

ROMAGNOLI, R. C. A cartografia e a relação pesquisa e vida. **Psicologia e Sociedade**, 21

(2), p. 166-173, 2009.

SIMONDON, G. A gênese do indivíduo. In **O reencantamento do concreto**. Cadernos de subjetividade/Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP, v. 1, nº 1, São Paulo, 1993.

SIMONDON, G. **La individuación a la luz de las nociones de forma y de información**. 1 ed. Buenos Aires: Ediciones La cebra y Editorial Cactus, 2009. 504 p.

SWIFT, J. **Modesta proposta e outros textos satíricos**. São Paulo: UNESP, 2005.

SORDI, R. Os materiais da autoria. In FONSECA, Tania Mara Galli & KIRST, Patrícia Gomes (Orgs). **Cartografia e devires: a construção do presente**. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

SORDI, R.O.; DE-NARDIN, M.H. Contribuições de Francisco Varela ao estudo da aprendizagem inventiva em sala de aula. **Informática na educação: teoria e prática**, v.12, n. 2, p. 82-92, 2009.

SURFISTINHA, B. **O doce veneno do escorpião**. São Paulo:Panda Books, 2005.

QUINTANA, M. **Quintana de bolso. Rua dos cataventos & outros poemas**. Porto Alegre: L&PM, 1997. 168p.

TARDE, G. **Monadologia e Sociologia e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, 2007. 286 p.

VIRNO, P. **Multidão e princípio de individuação**. Revista Reichiana, ano XI, nº 11, p.76-88, 2002.

Discografia:

Dois ou mais corpos no mesmo espaço. Arnaldo Antunes. Produzido por Arnaldo Antunes e Alexandre Ciqueira. Cia de Áudio, São Paulo. Cd do livro “2 ou + corpos no mesmo espaço”